

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO - ESAT
CURSO DE BACHARELADO EM DANÇA**

LUIZA DA ROCHA PINTO

**MEMÓRIAS DO CONCRETO: Explorando a relação corpo-espço-memória
no Centro Histórico de Manaus**

Manaus/AM

2024

LUIZA DA ROCHA PINTO

**MEMÓRIAS DO CONCRETO: Explorando a relação corpo-espço-memória
no Centro Histórico de Manaus**

Projeto como requisito básico obtenção de grau
no curso de Bacharelado em Dança da
Universidade do Estado do Amazonas (UEA-
ESAT).

Orientadora: Prof (a). Dra. Raíssa Caroline Brito Costa

Manaus/AM

2024

LUIZA DA ROCHA PINTO

**MEMÓRIAS DO CONCRETO: Explorando a relação corpo-espaço-memória
no Centro Histórico de Manaus**

Este trabalho de conclusão foi julgado adequado para obtenção de Grau de Bacharelado em Dança da Escola Superior de Artes e Turismo da Universidade do Estado do Amazonas e aprovado, em sua forma final, pela Comissão Examinadora.

Manaus, 20 de dezembro de 2024

Nota: **10,0**

Banca Examinadora:



Documento assinado digitalmente

RAISSA CAROLINE BRITO COSTA

Data: 14/01/2025 22:02:03-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Raíssa Caroline Brito Costa



Documento assinado digitalmente

GETULIO HENRIQUE ROCHA LIMA

Data: 16/01/2025 15:24:30-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Getúlio Henrique Rocha Lima



Documento assinado digitalmente

VALDEMIR DE OLIVEIRA

Data: 17/01/2025 10:31:05-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Valdemir de Oliveira

Este trabalho no qual você está prestes a ler possui uma versão criada manualmente. Antes de se debruçar na leitura, convido você a observar como foi o processo de elaboração.



Observação: se estiver com o trabalho físico em mãos, manuseie-o com cuidado, pois é frágil, e ao devolvê-lo, deixe da mesma forma que o encontrou.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha avó Maria Madalena, mulher que inspira minha alma com sua história de vida, com seus sonhos imensos, a força que transcende o tempo e o desejo de viver intensamente a vida.

AGRADECIMENTOS

Nessa jornada muitas pessoas cruzaram meu caminho deixando marcas que não poderiam ser ignoradas. Por isso, é com imensa gratidão que expresso meu reconhecimento a todos que fizeram parte deste ciclo, que me transformou de tantas maneiras e que posso guardar boas memórias de cada um.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, que sempre me permitiu encontrar pessoas boas ao longo do caminho, sendo meu refúgio e guia. Em cada detalhe, pude perceber Sua presença, especialmente através das pessoas que colocou em minha vida.

À minha família, meu eterno amor e alicerce, agradeço a meu pai Moacy, minha mãe Shelzia, ao meu irmão Leonardo e ao Dedeco. Vocês são a base da minha vida e sempre estiveram ao meu lado, apoiando cada passo, mesmo que timidamente tentando compreender as minhas escolhas... Amo vocês, imensuravelmente.

À Raíssa Costa, sou profundamente grata e qualquer palavra que eu coloque aqui será pouco. Você se tornou uma mãe do coração e amiga, que me orientou com tanto zelo e me fez chegar até aqui. Antes mesmo de começar está pesquisa, você esteve ali ao meu lado. Você é uma mulher, mãe e artista incrível e inspiradora, que além de ser pesquisadora, professora, é um ser humano excepcional. Agradeço imensamente por cada conversa, por cada acolhimento, incentivo, por me fazer questionar, pensar e por sempre acreditar... A você deixo minha gratidão, admiração e respeito! Obrigada.

À pequena Antonella (coorientadora) que até mesmo dentro da barriga já acompanhava as minhas orientações e quando estava fora interagia pelos áudios (kkk). Foi lindo acompanhar um pouquinho desses primeiros meses em que se juntou a todos nós.

Ao seu Rosildo e Rozana meu muito obrigada por contribuírem com memórias do concreto. Foram essenciais nesse percurso!

À minha avó Maria Madalena, palavras são pequenas diante do amor e gratidão que sinto. Nossos momentos juntas são lembranças eternas. As memórias que carrego com a senhora são lindas, lembro de você me esperando todas as noites, chegar da faculdade. Dos teus abraços e cuidados, do apoio silencioso e constante.

Te dou aquele banquinho para se sentar e descansar quantas vezes forem necessários. “como se fosse flor, você me cheira... Como se fosse flor, você me rega...”

À minha tia e amiga Roberta, que sempre esteve ao meu lado em todos os momentos da minha vida, apoiando e incentivando cada passo. Mesmo longe, nunca esteve ausente, sempre me ouvindo e me guiando com amor. Recordo com carinho das noites em que eu, você e o migo compartilhamos conversas profundas e reflexivas fazendo lanche, nos atualizando sobre o dia e dando boas risadas. Memórias como essas não tem preço. Gratidão por ser minha eterna incentivadora!

À pequena Juju (não tão pequena mais), minha versão em miniatura, que com sua sensibilidade tocante, trouxe leveza e alegria nessa minha jornada. Seus abraços apertados e suas perguntas curiosas sobre os prédios abandonados (risos). Você é um ponto de paz. Te amo, pequena Maria Julia.

À tia Renata, obrigada por fazer parte desse momento tão importante pra mim e por me tirar boas risadas no dia a dia, foram especiais. Portanto só posso dizer que, “não entre em aviõezinhos que podem cair, nem coloque sua mão em uma cavidade onde possa haver uma bomba... não seja a heroína...”

Aos meus professores, sou eternamente grata, cada um contribuiu de alguma maneira para minha formação até este momento e foi muito valioso pois me fizeram ser mais questionadora, me fizeram repensar em algumas coisas, criar outros caminhos, foram um combustível, muito obrigada!

À professora Érika Ramos (Penélope), que me iniciou na pesquisa e me incentivou desde o começo. Você se tornou uma pessoa muito especial na minha trajetória e te agradeço por tudo, foi uma pessoa essencial.

Ao professor Getúlio, que cruzou meu caminho antes da faculdade e, dentro dela, me motivou, aconselhou, ouviu e me fez enxergar uma Luiza em um lugar totalmente diferente do que antes eu costumava ver e isso foi muito especial. Guardo em minha memória uma de suas frases ao início da faculdade sobre a importância de contemplarmos o dia a dia, isso ficou guardado comigo e foi de extrema importância na minha caminhada. Sua visão sempre mostrou que nada é impossível. Obrigada por tudo.

À Anielle, descreveria você como um abraço amigo, uma tarde alaranjada em uma mesa com café. Obrigada por ser uma pessoa que sempre esteve ali presente nessa minha trajetória na universidade. A tua ajuda, as conversas, os agitos de

organizar os eventos, as risadas, o ombro amigo e tantos outros momentos que guardo com muito carinho. Você é especial demais!

Aos meus amigos, agradeço por nossos caminhos terem se cruzado, foram combustíveis para mim e me fizeram ver essa profissão com mais orgulho ainda, pois sei que teremos novos profissionais incríveis. Em especial a:

Wellen, nossa jornada na universidade foi marcada por boas lembranças, risos e apoios, e você foi uma irmã que ganhei. Foi muito importante na construção dessa pesquisa também, esteve desde o início ali comigo, quando eu nem consigo explicar em palavras o que me ocorria, obrigada!

Ao Rodrigo, você foi essencial em meu caminho. Nossas conversas filosóficas criavam um percurso de viagem extremamente fora da rota, a gente se entendia perfeitamente, nossos momentos de reflexão no banquinho foram fundamentais, assim como uma troca de olhares que aprendemos juntos nos laboratórios. Obrigada por ser essa pessoa, te admiro um tanto.

À Ewelyn, quem diria que a pesquisa nos uniria? Obrigada por ser meu ombro amigo, pelas nossas risadas das coisas mais bestas, por tantas horas de conversa também sentadas no banquinho e por todos os outros momentos. Você foi especial demais nesse meu caminho.

Ao Pedro, Rebeca, Fernando, Gabriella, Rafa, Batata e Benner agradeço imensamente por aceitarem o convite e se juntarem a mim em partes dessa jornada que é esta pesquisa, mesmo sem compreender totalmente, aceitaram e fizeram a diferença. Vocês foram essenciais pra que ela criasse corpo. Obrigada!

À todas as pessoas que passaram pelo meu caminho durante a pesquisa, deixando suas marcas em minhas memórias, sou profundamente grata. Entro neste processo de uma maneira e saio completamente transformada ao cruzar meu caminho com o de vocês.

E por fim, mas não menos importante, agradeço a mim mesma, pela coragem de embarcar nessa pesquisa que me transformou a cada parágrafo, a cada vivência e a cada interação. Me permitindo a me enxergar e olhar a imensidão que sou e que posso ser. Obrigada a mim mesma.

A todos, minha gratidão é eterna

RESUMO

Esta pesquisa investiga a relação entre corpo-espço-memória em espaços abandonados no Centro Histórico de Manaus. Buscando compreender como as memórias pessoais e coletivas, sensações, vivências, reflexões, histórias e discussões geram processos criativos a partir da interação com a cidade. A pesquisa se propõe a refletir sobre essas experiências por meio da escrita, capturando as nuances do cotidiano, as memórias que emergem, os sons e cheiros, as conversas nas ruas, as marcas de resistência das ruínas, entre outros aspectos subjetivos que surgem ao longo do processo investigativo. Ela evidencia o impacto da percepção da cidade, ampliando o entendimento sobre como as memórias e experiências pessoais se conectam com o espaço físico. Ao utilizar o método da cartografia, a pesquisa entrelaça memórias pessoais com os estímulos gerados pelos espaços abandonados, oferecendo um processo de compreensão do corpo-espço-memória. Este estudo não só contribui para o campo da arte e do urbanismo, mas também para a reflexão sobre a preservação da memória coletiva e a importância de espaços muitas vezes esquecidos. O leitor é convidado a embarcar nesta jornada de descobertas, imergindo nos sítios e nas memórias que neles/deles ressoam, em um processo de construção criativa tanto das práticas como da própria escrita que revela camadas ocultas da cidade e da autora.

Palavra-chave: Corpo; Memória; Espaços abandonados; Centro Histórico de Manaus; Cartografia.

ABSTRACT

This research investigates the relationship between body-space-memory in abandoned spaces of the Historic Center of Manaus. It seeks to understand how personal and collective memories, sensations, experiences, reflections, stories and discussions generate creative processes based on interactions with the city. The research aims to reflect on these experiences through writing, capturing the nuances of everyday life, the memories that emerge, the sounds and smells, the conversations in the streets, the marks of resistance of the ruins, among other subjective aspects that emerge throughout the investigative process. This study highlights the impact of the perception of the city, broadening the understanding of how personal memories and experiences connect with the physical space. By using the method of cartography, the research intertwines personal memories with the stimuli generated by abandoned spaces, offering a process of understanding the body-space-memory. This study not only contributes to the field of art and urbanism, but also to a reflection about the preservation of collective memory and the importance of spaces that are often forgotten. The reader is invited to embark on this journey of discovery, immersing themselves in the sites and the memories that resonate in them, in a process of creative construction involving, both the practices and the writing itself, which reveals hidden layers of the city and the author.

Keywords: Body; Memory; Abandoned spaces; Historic center of Manaus; Cartography

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Complexo Booth Line	17
Figura 2. Sensações latentes entre portas	19
Figura 3. Emaranhar.....	21
Figura 4. Videodança Rastros	22
Figura 5. Outras formas de Emaranhar	23
Figura 6. Trajeto do corpo-memória no mapa	35
Figura 7. Faixa de Moebius	38
Figura 8. Trajeto do corpo-espço no mapa.....	47
Figura 9. Compartilhamento do Diário de Campo	53
Figura 10. Fazendo mapeamento de sítios	58
Figura 11. A mala vermelha.....	59
Figura 12. Mala em outro canto.....	60
Figura 13. Até onde consigo ver.....	63
Figura 14. Sítio encontrado no processo do mapeamento	63
Figura 15. Resistências	64
Figura 16. A escrita	65
Figura 17. O corpo tríade	69
Figura 18. As três bonecas.....	74
Figura 19. O olhar de cima	75
Figura 20. Mapa completo.....	77
Figura 21. Tríade	79
Figura 22. Corpo entre percepções	82
Figura 23. Colagens para nortear a videoperformance	85
Figura 24. No sítio	86
Figura 25. Imagens do local	87
Figura 26. Pequena entrada.....	88
Figura 27. Lateral	89
Figura 28. Entre ferros.....	90
Figura 29. Fotos tiradas entre espaços	91
Figura 30. Anotações para construção da videodança.....	94
Figura 31. Entre palavras	95
Figura 32. Entre.....	96
Figura 33. Elementos encontrados nos sítios.....	99
Figura 34. Percepções	100
Figura 35. Observações	101
Figura 36. Experimentação com as raízes	102
Figura 37. Experimentações.....	103
Figura 38. Idealização da Estrutura.....	104
Figura 39. Experimentação com o andaime	105

Figura 40. Andaime	105
Figura 41. Experimentações com as pedras	106
Figura 42. Memórias do Concreto	107
Figura 43. Janela.....	108
Figura 44. Preparação Memórias do Concreto.....	109
Figura 45. Estrutura Memórias do Concreto.....	110
Figura 46. Início.....	111
Figura 47. Corpo entre estrutura	112
Figura 48. Entre janela um corpo	113
Figura 49. Fora	114
Figura 50. Assista a performance Memórias do Concreto.....	115

SUMÁRIO

ENCONTROS NO CAOS DO ABANDONO	11
1 DIÁLOGOS ENTRE MEMÓRIAS E AUTORES.....	16
1.1 RASTROS DE LEMBRANÇAS: UM CORPO-MEMÓRIA.....	24
1.2 OS FLUXOS DA CIDADE: O CORPO-ESPAÇO	37
2 DOS ENCONTROS: VESTÍGIOS PELOS CAMINHOS	48
2.1 TRAJETOS.....	49
3 TECENDO O CORPO-ESPAÇO-MEMÓRIA	69
3.1 NARRATIVAS DO ACASO	71
3.2 ENTRE	83
3.3 MEMÓRIAS DO CONCRETO.....	97
REVERBERAÇÕES.....	116
REFERÊNCIAS.....	118

ENCONTROS NO CAOS DO ABANDONO

*Ela foi e hoje não é mais
Ela se modificou com o tempo
A chuva, o sol, os dias frios e tão quentes
Rachaduras se fizeram
Janelas se quebraram
O concreto tão duro
Se mostrou tão frágil com o tempo...*

Esta pesquisa é um encontro e, ao mesmo tempo, um reencontro. Me reinvento a cada capítulo. Conheço a mim mesma em cada parágrafo e me desvio em cada vírgula. Sou atravessada por experiências que se desdobram a cada experimentação; mergulho em riscos e, a cada passo, me sinto, me ouço e me permito. Escuto o que os prédios abandonados têm a me contar, e juntos construímos um corpo que é percebido, modificado e reformulado a cada vivência. Nunca somos os mesmos de ontem, de hoje e muito menos seremos os de amanhã.

Se você está tentando entender o que estou dizendo, é justamente nesse grande emaranhado que te convido a embarcar comigo. Gostaria de compartilhar um pouco da minha jornada até aqui.

Minha trajetória com a dança começou com o balé clássico aos 6 anos, e essa experiência se tornou fundamental nesse percurso. Dediquei 17 anos a essa arte e sou imensamente grata por tudo que aprendi. No entanto, ao olhar por outros ângulos, percebia que meu corpo deseja novas formas de expressão e que precisava se comunicar de outras maneiras. E essa necessidade de sair da zona de conforto vai se tornando evidente e pulsando de diversas formas ao ingressar na Universidade, novas vivências e perspectivas enriqueceram minha percepção. É nesse momento que um ciclo diferente se inicia e me permito explorar.

Não posso dizer que foi um processo fácil, meu corpo por muito tempo, ficou preso às técnicas do balé clássico, e acabei me perdendo nessa rigidez. Em um certo momento, não conseguia reconhecer a Luiza além do clássico; não sabia quais eram os movimentos do meu corpo fora desse estilo. Nunca vou esquecer de um dia em que um professor se aproximou de mim no canto da sala, sem ter ideia dos pensamentos que me ocupavam, e disse: “*Luiza, quero ver a sua dança!*” Essa frase

me marcou profundamente e foi como uma confirmação do que eu estava sentindo.

Desse modo, ao me aproximar desta temática e despertar minha curiosidade para entender melhor como se dá essa relação de corpo, espaço e memória dentro do Centro Histórico de Manaus¹, pude observar que essas pesquisas ainda são timidamente exploradas na cena artística Manauara. Nesse sentido, busco enveredar com um olhar para o espaço urbano não apenas como uma coordenada geográfica, mas como um ambiente multifacetado que potencializa a expressão artística e pode amplificar a criatividade do artista por meio das interações.

Quando cito sobre corpo-espaço, Nascimento e Santos (2017) corroboram com a relação de que esses elementos estão intrinsecamente conectados, gerando uma corporeidade que dialoga com aspectos singulares, e surgem de uma necessidade de abordar as micropolíticas e resistências que permeiam o espaço além das normativas do uso cotidiano.

Outro aspecto que merece destaque é o corpo-memória. Este conceito surge a partir de uma reflexão pessoal: como posso compreender o espaço ao meu redor sem antes compreender minha própria presença nesse lugar? Durante essa reflexão, voltei ao momento que me fez perceber a importância dessa memória que se faz latente. Ao adentrar um dos sítios fui convidada a um diálogo que resgatou minhas memórias que por um tempo estavam soterradas em fragmentos e restos, o descascar das paredes me convidavam a lembrar, a me ouvir, a me entender e principalmente a perceber a importância daquele momento. Isso me instigou a observar os fluxos existentes nesses prédios em ruínas, que, apesar de desgastados pelo tempo e abandonados pela sociedade, ainda guardam histórias esperando ser desenterradas².

Foi a partir desse momento que percebi que minhas memórias se entrelaçavam com o diálogo que estabelecia com o concreto daqueles prédios. À medida que nossa interação se desenrolava, criávamos uma conversa viva: o espaço me lembrava de experiências e, ao mesmo tempo, eu questionava quais memórias ele carregava. Pode ser que você não esteja entendendo completamente agora, mas o corpo do concreto é surpreendentemente sensível. Ao longo deste trabalho, vou compartilhar mais sobre essas relações e como elas moldam minha percepção e me convidam a

¹ Deixo aqui leituras que te levarão a se aprofundar na história do Centro Histórico de Manaus: https://www.historia.uff.br/stricto/teses/Tese-2005_MESQUITA_Otoni_Moreira_de-S.pdf <https://biblioteca.univali.br/pergamumweb/vinculos/pdf/Marcia%20Raquel%20Cavalcante%20Guimaraes.pdf>

² Descaracterização do Centro Histórico de Manaus: https://youtu.be/sfTCEhLstv0?si=QYCxVnD4FZKs_pl

expressar cada momento. É interessante explorar como o ambiente e o corpo se comunicam, revelando histórias e sentimentos que muitas vezes estão escondidos.

De acordo com Costa (2021) que apresenta uma reflexão sobre o abandono de determinados locais, as sensações são tão intensas que nos levam à questionamentos. De fato, a potência que emana desses espaços abandonados nos faz refletir sobre diversos aspectos. Assim, carregamos não apenas lembranças do passado, mas também do/no presente. Ao estabelecer conexões com os lugares, surge em mim a pergunta sobre quantas memórias aquele local guarda e como estão sendo negligenciadas, gradualmente se esvaindo com a falta de cuidado e de olhares para esses espaços.

A realização desta pesquisa voltada para atividades artísticas em espaços abandonados transcende a simples intenção de torná-los visíveis. Esta prática assume um caráter questionador, sensibilizador cujo propósito vai além do fazer artístico, ela se apresenta como um meio para estimular a reflexão de uma realidade em espaços abandonados do Centro de Manaus, fomentar a expressão criativa e de instigar outros artistas a criarem no espaço urbano. É um cenário de tensões culturais, políticas, sociais e históricas, que trazem narrativas potencializadoras para cada artista da cidade, que podem cada vez mais dar voz e olhar para o entorno criando diversas narrativas, pois cada pessoa vai vivenciar essa cidade de uma maneira diferente.

Saliento isso pois essa presente pesquisa tem como fonte de inspiração e referência o Grupo Enlugar³, sendo composto por três artistas da cena. Esse coletivo surge a partir de uma pesquisa de doutorado feita por Raíssa Costa, artista manauara que traz minunciosamente um olhar crítico e sensibilizador. Ela mergulha de maneira sensível e latente em processos de criação oriundos de construções abandonadas no Centro Histórico de Manaus, evidenciando essas ruínas esquecidas que fazem parte de nossa história e nos convida a nos aventurarmos nesse complexo urbano. De maneira potente ela traz para cena experiências que estão contidas no corpo que experiencia esses espaços, como nomeia em sua pesquisa, o Encorpo-Ruína⁴. Fui

³ Te convido a conhecer e contemplar os trabalhos feitos pelo Grupo Enlugar:

https://youtube.com/playlist?list=PLYTNO5FYWDDYN97A1QjOkLDRLOErE0hr&si=UnzT_njM62AXf1pB

⁴ “As memórias, histórias, relatos e experiências estavam nos liames da concepção cênica e, com o transcorrer das apresentações, passamos a perceber que nossos corpos carregam todos esses resquícios e ruínas que nos atravessavam e que se associam aos nossos próprios fragmentos. Foi aí que comecei a pensar e interiorizar o que mais tarde passei a entender como ENCORPO-RUÍNA” (Costa, 2021, p. 114).

instigada por meio de seus trabalhos, das conversas e reflexões que me encorajaram a me desafiar nesta pesquisa.

Além disso, para a universidade esse trabalho se revela como uma fonte de explorar outras possibilidades na prática artística, indo além das paredes de uma sala de aula. Ela nos convida a considerar a criação de conceitos que ampliem nossas abordagens de pesquisa e estimulem a realização de trabalhos cada vez mais questionadores e imersivos na cidade manauara. O intuito é evitar a restrição a um único espaço, e sim expandir nossa percepção para além dos limites da universidade, estabelecendo conexões com a comunidade e levando essas criações para que outras pessoas também tenham acesso a elas.

Digo isso, pois ao começar observar por outro ângulo o Centro Histórico de Manaus⁵ fui atravessada por fluxos urbanos que caracterizam um constante movimento diário, e é através dessas percepções que o meu corpo que habita neste meio se modifica e se ressignifica, ao passo que experiencio a cidade e a cidade me experiencia.

A interação com o percurso que faço, seja com pessoas que transitam e cruzam meu caminho, com objetos, animais e principalmente com os prédios em ruínas, destacados nesta pesquisa, me despertaram uma sensibilidade para observar a importância de resgatar as memórias desses locais, que conseqüentemente, de uma forma que ainda não sei explicar fazem relação como minhas memórias.

Começo a questionar por que esses espaços que foram tão relevantes no passado, estão agora sendo esquecidos gradualmente, mesmo estando repletos de lembranças e carregando uma parte da história de Manaus. Portanto, considero necessário investigar para compreender a interação do corpo-espaço-memória em prédios abandonados no Centro da Cidade de Manaus.

Os transeuntes passam por esses espaços sem entender sua história, seu presente e seu potencial para o futuro. E é através deste imbricado de reflexões e questionamentos que sou levada a analisar a influência do corpo-memória em torno dos patrimônios históricos em ruínas, explorar as sensações do corpo-espaço no Centro histórico de Manaus e discutir sobre a relação corpo-espaço-memória experienciada nos espaços urbanos da pesquisa.

Diante tantos atravessamentos, a pergunta que move esta pesquisa é: como a interação corpo-espaço-memória em prédios abandonados no Centro Histórico da

⁵ Conheça partes do Centro de Manaus: <https://youtu.be/QGw3QnnP2pg?si=5zXw0wtrnFbvwd7y>

Cidade de Manaus pode incitar experimentações e criações artísticas?

DIÁLOGOS ENTRE MEMÓRIAS E AUTORES

Ao refletir sobre a lógica a seguir nesta pesquisa, sou atravessada por inúmeras formas de pensar, o que me leva a (re)descobrir novas maneiras de ser e, principalmente, a me questionar se realmente existe uma maneira certa para abordar esta investigação. Ao tratar desse tema, percebo que muitos caminhos estão interligados, criando conexões conforme me aprofundo. Aos poucos, saio de minha zona de conforto e embarco nesta pesquisa, abandonando minhas proteções e me colocando à disposição do que encontrarei ao longo desta trajetória, sem saber ao certo o que me espera ao final (*se é que existe um final*).

Posso dizer que essa pesquisa é um processo de busca e essa escrita vai refletir muito das minhas inquietações passadas e presentes, permear as minhas memórias pessoais e coletivas, os espaços do qual caminhei/caminho, vai dialogar com os autores que trago para esta conversa e por vezes, me perderei neste emaranhado de pensamentos e diálogos, mas também me encontrarei, digo isso, pois acredito que estamos constantemente sendo afetados e modificados, o que torna esta pesquisa um lugar de encontros e reencontros, de reflexões, conversas, inquietações, sensações, resgates – lugar este que me permito sentir.

Me recordo do exato momento em que minhas inquietações sobre essa temática surgiram, *não conseguia compreender o porquê de memórias passadas estarem tão latentes, e isso surgiu diante de um trabalho da universidade que fiz no Centro Histórico de Manaus. Me perguntava como isso pode acontecer? Que relação minhas memórias têm com esse lugar? Não fazia sentido algum para mim.* Depois desse momento, tentei afastar qualquer relação da minha mente, mas era quase impossível. Todo trabalho que faço, consciente ou inconscientemente, me leva de volta a esse mesmo lugar, a essas memórias incrustadas e as experiências *in situ*⁶. É como se eu quisesse esquecer, mas algo sempre me puxa de volta.

Lembro de estar em um desses sítios⁷ e olhar cada centímetro seu e como se fosse um convite, ele me chama para resgatar minhas lembranças e a do próprio lugar.

⁶ Me baseio nos conceitos de Morais (2015, p.16) que ressalta sobre a arte *in situ* (do latim “no lugar”) ou *site specific*, define-se em relação ao seu “sítio” de inserção e exposição pelo qual é criada especificamente. Em geral efêmera, ela se constitui mais como uma proposição estética da natureza crítica do que como elemento de decoração.

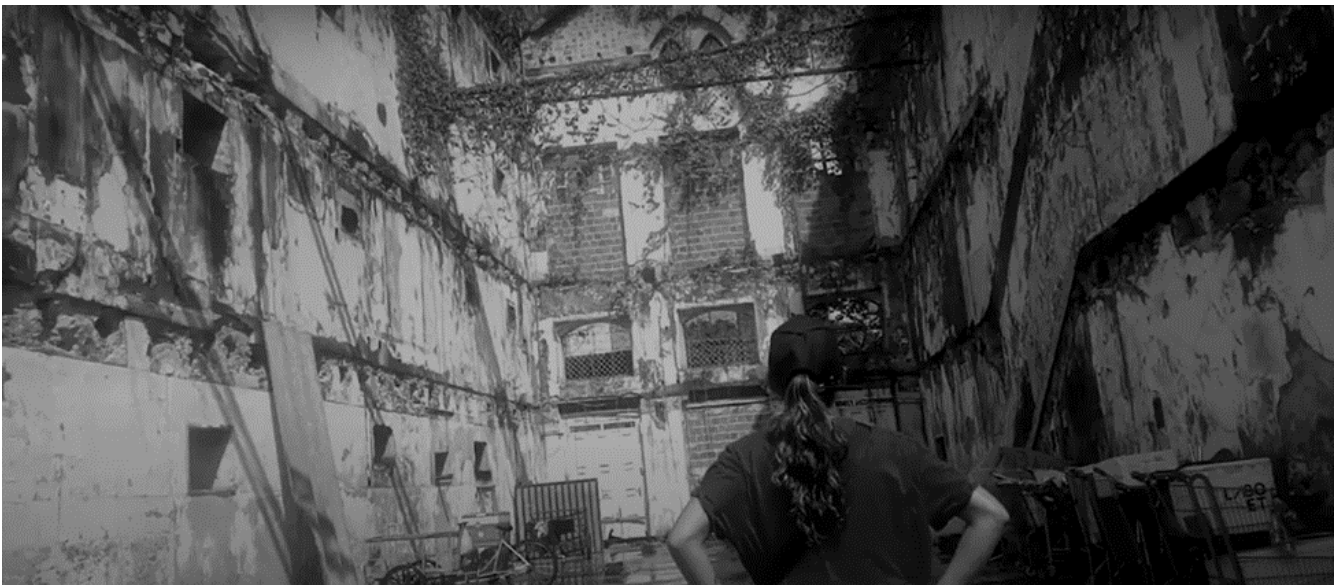
⁷ Para Anne Cauquelin (2002) essa colocação de “sítio” traça uma dialética entre “espaço” e “lugar”. No qual segundo a autora “lugar” pertence a uma lógica da extensão e evoca o tempo e a memória. E o espaço à uma lógica de encaixe: o espaço dividido em setores, quarteirões e blocos. Portanto o “sítio” corresponde, ao paradoxo de um lugar encravado em um espaço abstrato. O sítio pertence então ao espaço (posicionamento) que é aquele que pertence também a um lugar (memória, histórico, entorno).

Ao entrar na universidade, comecei a ficar inquieta quando percebi que dançar era muito mais do que reproduzir movimentos ou trabalhar técnicas. Isso me levou a questionar quem eu era naquele momento, e que artista eu gostaria de ser. Quais desafios eu poderia enfrentar? Eu quero enfrentar?

Sou tomada por uma lembrança do início da faculdade. Após uma aula de balé clássico, parei uma professora nas escadas para perguntar como ela percebia minha dança. Compartilhei com ela minhas inquietações, confessando que já não me sentia bem dentro da minha própria zona de conforto (que loucura). Questionei como poderia me desafiar em outros contextos, além de todas as técnicas estabelecidas na dança. Após me ouvir e falar algumas coisas ela me convidou para uma oficina que daria em um contexto diferente do que eu estava habituada. Desde aí passei a me permitir em outros âmbitos que antes pareciam distantes para mim.

Assim compreendi que precisava me reinventar, meu corpo pedia por isso, obviamente que sem abrir mão do que me formou até aquele momento, pois faz parte de mim. Com isso vinha o receio do incerto, o medo do novo, mas também a adrenalina do desafio e o desejo de ressignificar minha trajetória, estavam caminhando juntos.

Figura 1. Complexo Booth Line⁸



Fonte: Arquivo pessoal, 2023

⁸ O complexo Booth Line carregado de história foi o primeiro sítio que adentrei e que me despertou tantas sensações, naquela época estava abandonado, funcionando apenas uma parte como estacionamento. Atualmente ele passou por um processo de revitalização e vem ganhando visibilidade e dando evidência para a nossa história, veja um pouco mais sobre ele:

https://youtube.com/playlist?list=PLYTNO5FYWDDbBIGwpUVGALfqVqsltuovP&si=5tFtSlufokuY_yV

Nesse caminho em que comecei a me permitir explorar aquilo que meu corpo pedia, comecei a ser invadida por lembranças que por vezes eu preferia não pensar, mas que foram se tornando cada vez mais presentes e conseqüentemente tornaram-se dispositivos para minhas criações de trabalhos da universidade.

Lembranças essas, que se entrelaçavam de maneira tão sutil que eu não percebia. Até o momento que me vi completamente tomada por elas. Nessa fase, senti que era uma Luiza imersa, mas incapaz de enxergar claramente. O receio dominava meu corpo, a vontade de recalcular a rota parecia o melhor a se fazer, a insegurança me deixava vulnerável. Esse sentimento, que sempre procurei evitar, se tornou inevitável; lidando com dois sentimentos que me davam a sensação de lados opostos < > o de querer entender e o de escapar, optei por mergulhar fundo e buscar compreender essa onda de emoções.

Entre rachaduras, paredes quebradas

Entre portas, farpas afiadas

Entre muros, ausência de tijolos

Entre janelas, vidros quebrados

Entre ambientes, a identificação.

Aquela que por tempos não me permito enxergar

Por medo e insegurança do que posso reencontrar

De alguma forma eu tinha que me deparar

Confesso que, em diversas ocasiões, eu tentava seguir por outros caminhos. Contudo, meus trabalhos sempre me levavam ao mesmo ponto: os prédios abandonados, as memórias persistentes, as lembranças de algo que eu buscava entender. Era um vai e vem constante, onde pensava e retornava ao mesmo lugar.

Com o tempo, comecei a me permitir sentir, ouvir e abraçar aquele silêncio ensurdecedor. Mesmo cercada pela agitação de pessoas, carros, animais e objetos, havia uma calma profunda, um espaço invisível que sempre esteve ali. Era como se, ao sentar e ouvir, eu pudesse acessar um refúgio dentro do caos.

Figura 1. Sensações latentes entre portas



Fonte: Arquivo pessoal, 2023

Ao me envolver no meu segundo trabalho, mantendo a mesma perspectiva do anterior, comecei a enxergá-lo com um olhar mais cauteloso. Acredito que essa mudança de visão se deu porque já estava em um momento mais consciente dos receios que surgiam ao longo do processo. Minhas inquietações começaram a se organizar na mente, e isso me proporcionou uma visão mais clara do que estava acontecendo comigo, permitindo-me entender por que certos momentos me afetavam profundamente e o que fazia minhas memórias emergirem.

No entanto, ainda me sentia envolta por esse emaranhado. Peço que neste momento você comece a se imaginar em um espaço amplo, onde diversos fios caem. Alguns vão do chão ao teto de forma fixa, enquanto outros se cruzam, formam um grande embaraço e envolvem todo o seu corpo, a ponto de não conseguir se mexer. Em cada cruzamento de um fio existe uma memória, e você está completamente submerso nessa rede emaranhada. Imagine o quão difícil é entender sua posição nesse cenário, especialmente se você não começa a se movimentar para tentar afrouxar todos os fios que te entrelaçam. À medida que você começa a se mover, os fios se afrouxam ao seu redor, proporcionando mobilidade. Isso te permite olhar para cima, para baixo e para os lados, ajudando a clarear sua percepção do ambiente. Gradualmente, você começa a compreender onde está e o que o cerca. Essa metáfora reflete exatamente como me sentia ao longo desse processo. A cada pequena ação, uma perspectiva se mostra, permitindo-me olhar para as

complexidades das minhas próprias emoções e memórias.

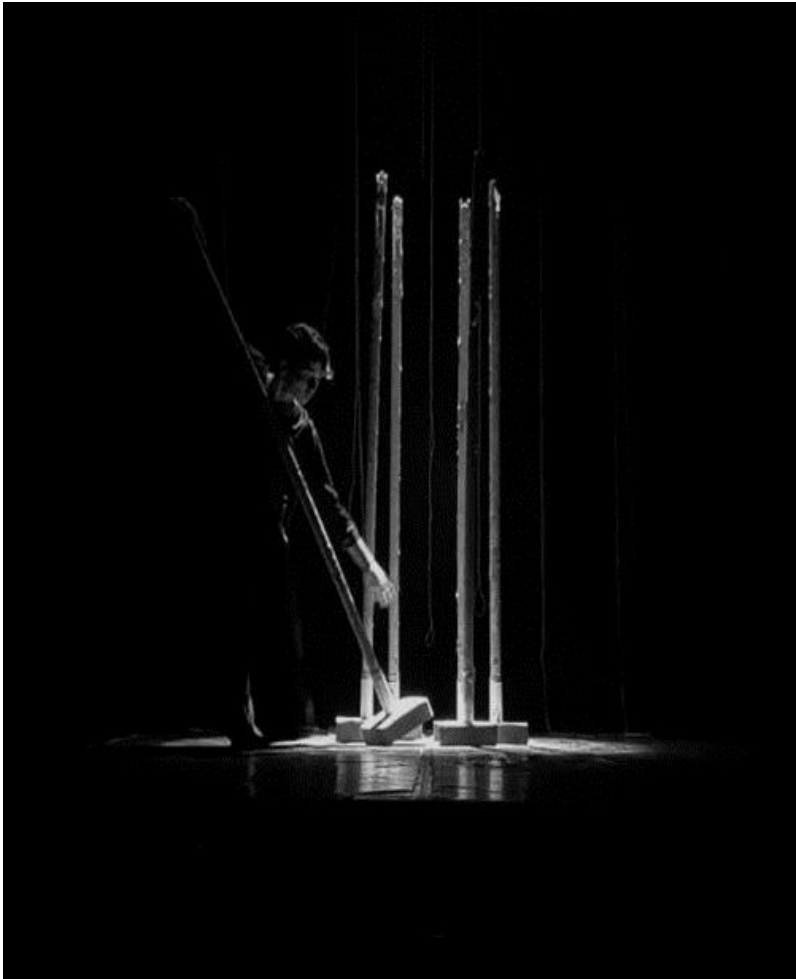
Embora tivesse uma intuição sobre o que estava ocorrendo, percebia a necessidade de orientação para navegar por esse território desafiador e como colocar isso em cena, era uma das questões que começava a permear.

Como uma forma de me aprofundar, surgiu a ideia de "EMARANHAR". Em vez de temer a confusão, comecei a vê-la como uma oportunidade de explorar e conectar diferentes camadas da minha experiência. Esse processo de imersão não só me ajudou a reconhecer a complexidade do que estava vivenciando, mas também a dar a devida importância ao meu percurso criativo como um todo. Aprendi que, às vezes, a resposta para a organização das ideias pode estar em abraçar a desordem e permitir que ela revele outros caminhos.

...

A arte nos convida de maneira despretensiosa, nos surpreende, e cabe a nós a decisão de abraçar essa oportunidade. É como se ela nos oferecesse um refúgio no momento em que mais precisamos, um espaço onde podemos contar a narrativa que nos propõe.

E assim, aqui estou, compartilhando um pouco de minha trajetória. Cada passo nesse caminho tem me transformado, me permitindo descobrir a essência do que faço, mas também que artista sou. É uma conexão que transcende o ato criativo e se torna um diálogo íntimo com o mundo onde cada nuance, e descoberta, revela outras possibilidades.

Figura 2. Emaranhar

Fonte: Albuquerque, 2024.

Recordo que, em várias ocasiões, um dos questionamentos que me atravessava era se esse tipo de trabalho estava relacionado a estar em uma “caixa preta”. Esse é um espaço que proporciona relativamente uma proteção, enquanto o que busco é repleto de sensações e de sair da minha zona de conforto. Essa tensão entre segurança e exploração tornou-se uma questão na minha reflexão sobre o processo criativo.

Estar no palco, cercada pelos elementos da minha performance e pela plateia à minha frente, me fez sentir uma desconexão em relação às experiências que havia vivenciado no campo. Minhas observações e vivências, que eram tão significativas e potentes para o trabalho de emaranhar, pareciam distantes. Além disso, os elementos presentes na cena tinham potencialidades que eu não consegui explorar como desejava, pelas limitações impostas.

Naquele momento, sob o frio de um palco que me separava do público, percebi que esses trabalhos tendem a perder a força quando deslocados do espaço urbano. A energia e a vitalidade do ambiente urbano trazem uma interação única e imprevisível, que enriquece a obra de formas que não podem ser replicadas em um espaço fechado, justamente por estarmos lidando na rua com o imprevisível. E com isso concordo quando Cavrell (2012) diz que realizar um trabalho na rua é muito mais que um desejo pessoal de levar a arte para os espaços não convencionais e de

explorar a interação com o ambiente, mas ela cita que é “...se apropriar pelo corpo desses espaços e sensações.” E deste modo, ela não apenas indaga, mas também traz uma resposta para o que, para mim, era uma questão. À medida que vou experimentando, compreendo que a sua reflexão diz: “Seria errado simplesmente deslocar uma coreografia, removendo-a de seu casulo e transplantando-a na paisagem urbana? É preciso ser parte desse espaço antes que qualquer transplante aconteça.” (Cavrell, p.04)

Ou seja, a ideia é que esse corpo que dança deve se integrar ao espaço em que se apresenta, tornando-se parte dele antes de qualquer adaptação ou transformação. Isso implica que a essência da obra é intimamente ligada ao contexto em que é criada e executada.

Com isso eu sei que quero um lugar de possibilidades, de sentidos, de desafios, do arriscar. Meu corpo se modifica através das vivências que vou experienciando no decorrer do tempo e são elas que me mobilizam a questionar, a pensar, a fazer e a ser.

Assim, fui aprimorando minha atenção sempre que caminhava pelas ruas do Centro Histórico de Manaus⁹. Observava, ouvia e sentia os cheiros ao meu redor, permitindo-me andar com menos pressa para tentar capturar cada detalhe.

Figura 3. Videodança Rastros



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Acredito que essa pesquisa que desenvolvo, assim como tantas outras

⁹ https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/24969/24969_3.PDF

experiências de vida, é uma verdadeira metamorfose. Não sou a mesma de ontem e nem serei a mesma de amanhã. A cidade, em seu fluxo constante de transformações, reflete essa dinâmica em todos nós. Cada passo que dou e cada interação que vivencio me modifica.

Figura 4. Outras formas de Emaranhar



Fonte: Arquivo Pessoal, 2024.

Passando alguns meses, ao levar "Emaranhar" para o Festival Amazonas de Dança - FAD, eu sabia que queria abordar o momento de uma maneira diferente. Não desejava um palco convencional nem que o público estivesse restrito à minha frente. Por isso, optei por uma disposição em formato de arena, o que me proporcionou mais liberdade em cena, permitindo uma interação mais fluida e menos limitadora do que na primeira vez.

Ao estar em cena, senti uma energia completamente diferente. A sensação que me envolvia era de ter inúmeras possibilidades para me arriscar, e me sentia conectada tanto com o público, que estava mais próximo, quanto com os elementos ao meu redor. Meu corpo em movimento fluía em sintonia com essa dinâmica.

Desta vez, me senti muito mais à vontade, e o inesperado começou a acontecer. Alguns canos foram se quebrando ao longo da apresentação, e eu explorei como poderia me relacionar com eles. Pedacos voavam para um canto, enquanto outros

restos foram utilizados para criar sonorização. Um pedaço ainda permaneceu pendurado, formando um desenho interessante que amplificou a cena e me instigou a utilizar o espaço mais baixo para interagir. Ali foi onde fui transformando o imprevisível em potência.

Outro aspecto que foi extremamente instigante foi observar as reações do público. Em um determinado momento, enquanto distribuía as estruturas de cano em cena, elas balançavam como se estivessem prestes a cair, mas não chegavam a se soltar completamente; era apenas um movimento oscilante. Quando isso acontecia perto das pessoas, suas reações de susto, como colocar as mãos próximas ou se afastar, se tornavam muito interessantes. Essa interação adicionou uma camada de tensão e envolvimento à performance, criando um diálogo dinâmico entre o que estava acontecendo em cena e as respostas do público.

Certamente, como artista, esse momento foi extremamente instigante e enriquecedor, me incentivando a arriscar mais em cena e a explorar novas possibilidades naquele espaço.

Entendo, então, que essa pesquisa não busca um produto final. Na verdade, talvez eu nem queira que exista um desfecho definido. O imprevisível é o que realmente me instiga; é o não saber o que está por vir que me mobiliza. Esse estado de incerteza me convida a explorar, a me aventurar e a aceitar que o processo é tão importante quanto qualquer resultado.

E explorar o espaço urbano, resgatar memórias do ambiente, observar os patrimônios históricos e ser impactada por tudo ao meu redor é também um processo de autodescoberta. Esses elementos se entrelaçam, formando um todo significativo.

Portanto, neste primeiro tópico, convido você a se juntar a mim neste diálogo que ajudará a compreender o corpo-memória. Compartilharei lembranças que carrego e que, de certa forma, dialogam com as ideias dos autores que trago para essa conversa.

1.1 RASTROS DE LEMBRANÇAS: UM CORPO-MEMÓRIA

[...] porque o passado do viajante muda de acordo com o itinerário realizado, não o passado recente ao qual cada dia que passa acrescenta um dia, mas um passado mais remoto. Ao chegar a uma nova cidade, o viajante reencontra um passado que não lembrava existir: a surpresa daquilo que você deixou de ser ou deixou de possuir revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos (Calvino, 2003, p.30).

Neste momento reflito quantas vezes reencontramos um passado que não lembrávamos existir? Quantos lugares, pessoas ou objetos nos fazem lembrar momentos vividos? *Ao decidir abordar esse tema, fui surpreendida de maneira inesperada por memórias que não tinha a intenção de resgatar, especialmente vindo de um contexto no qual jamais imaginei ser provocada a refletir.* Por isso, dei início a este tópico com as palavras de Ítalo Calvino, que nos convidam a explorar esses fragmentos de um passado esquecido. Em "Cidades Invisíveis", ele destaca vários aspectos relativos à construção da memória e sua função cotidiana. A memória não se restringe a um simples artifício para a lembrança; muitas vezes, ela se aproxima do material, refletindo a presença do tempo na vida das pessoas. Embora o tempo seja intangível, a memória serve como ponto de conexão e expressão na vida humana. Ao refletir sobre o tempo, especialmente o passado, surgem questões sobre como projetar nele uma realidade determinada.

O registro dessas memórias forma uma teia de imagens incertas, que se misturam, se dividem e se transformam com outras lembranças. Estamos, assim, imersos em uma rede de conexões fluidas, onde as lembranças se trocam. O que me faz pensar sobre o que Halbwachs (2003) destaca, que a memória é moldada no nosso dia a dia, somos um grupo vivo, e por estarmos em mudança constantemente, a memória está sujeita a interpretações e modificações.

Assim podemos compreendê-la em três momentos: o presente (o lugar em que evocamos a memória), o passado (o lugar em que remetemos nossa memória) e o futuro (porque a memória tem em vista o futuro). E pensando em melhor entender este conceito Santos (2013) nos fala que a memória, enquanto função psíquica, refere-se à habilidade individual de recordar e preservar informações e lembranças. No entanto, quando consideramos a memória em uma perspectiva mais ampla, relacionada à conservação de experiências vividas, ela se torna responsável pela nossa identidade como sujeitos.

Transitando pelo Centro de Manaus, o meu olhar era levado para os espaços abandonados¹⁰ me instigando a pensar em sua história, em quantas memórias tinham ali dentro. Em paralelo, algumas lembranças minhas surgiam ao passo que eu refletia sobre aquele sítio, e me perguntava como isso era possível, se tudo já havia passado e eu estava em outro momento da vida. No entanto, elas estavam ali comigo, fugir não parecia ser a solução, uma vez que tentei ignorá-las e elas

¹⁰ Por onde andamos e não olhamos: <https://youtu.be/rcDNKdhKyUg?si=T9qJsAB44bZQBTQF>

voltavam. O que me levou a criar um paralelo entre o que eu carrego de memórias e aquele lugar cheio de vida.

Deste mesmo modo Pierre Nora (2008) reforça essa compreensão, ao afirmar que a memória está em constante fluxo, sofrendo deformações, expansões e retrações. Ela está imersa no presente do grupo ao qual pertence, sendo multifacetada e atuante tanto na coletividade quanto na individualidade. É notório que essa rememoração não segue uma linha linear, pois as memórias não se alinham de acordo com a sucessão temporal como propõe o pensamento tradicional.

Às vezes me pergunto o porquê de estarmos presos nessa ilusão de que tudo segue uma mesma lógica e o mesmo pensamento, uma vez que estamos em constante movimento e mudanças. Nesse momento, sou levada a uma lembrança em que estava caminhando pelas ruas do centro de Manaus. Decidi parar em um canto da calçada e simplesmente observar como as pessoas transitavam e interagem com o ambiente. Do outro lado da rua, vi adolescentes andando e mexendo no celular sem olhar por onde caminhavam. Mais adiante, atravessei a rua e observei uma barraca de comida onde as pessoas, em vez de interagirem entre si, estavam imersas em seus celulares.

Reflico sobre como estou observando o mundo ao meu redor. Quantas vezes deixei momentos escaparem por estar mais atenta ao meu telefone do que ao que fortalece minhas relações, a criação de memórias e estímulos de pensamentos. Pergunto a você: quantas vezes também deixou de estabelecer conexões por estar preso ao celular? Em um mundo onde olhares não se encontram e palavras se perdem nas telas, quantas histórias deixamos de viver, quantas lembranças deixamos de criar? E o que deixamos de perceber?

Assim, sou levada a pensar no que Costa (2021) destaca a respeito da memória em uma sociedade marcada pela aceleração, onde estamos sempre em processo de mudança e imersos em um mar de informações. Nesse contexto, corremos o risco de perder momentos importantes, algo que Mattos (2008, p. 456) também aponta sobre essa mesma perspectiva em relação a temporalidade contemporânea, que pode ser entendida como um "presenteísmo", uma condição que se estende por todos os âmbitos da vida.

Assim, ao refletir sobre isso, perceber que andar mais devagar pelas ruas, parar para observar, ou conversar com alguém durante nosso percurso pela cidade se torna cada vez mais raro. Frases como "não tenho tempo para isso", "estou com

pressa" ou "vai demorar?" se tornaram comuns. O imediatismo das redes sociais, dos celulares, dos computadores e de outras formas de entretenimento acaba ocupando nossa atenção de forma predominante.

Esse pensamento se alinha com a análise de Santos (2015), que descreve um contexto de fluidez e valorização do efêmero, onde a regra é a rapidez e tudo parece descartável. Nesse ritmo acelerado, as informações nos atravessam de maneira tão abrupta que deixamos de notar os detalhes do dia a dia e de vivenciar a cidade de forma plena. Estamos cada vez mais multitarefados, perdendo a oportunidade de nos conectar verdadeiramente com o ambiente ao nosso redor e com as pessoas que o habitam.

Considerando que o tempo é o nosso meio vital de existência, deveríamos, conforme afirma Duque (2012), aprender a utilizá-lo de forma tão natural e involuntária quanto respiramos. No entanto, essa reflexão me leva a questionar: por que, atualmente, vivemos tão apressadamente? Isso me trouxe uma questão que convido você a considerar: o tempo é essencial para nossa experiência de vida, no entanto, será que estamos perdendo a capacidade de vivê-lo plenamente?

Recordo de um momento durante meus trajetos realizados nessa pesquisa, um dos pontos que me fez refletir foi sobre as minhas próprias atitudes. Muitas vezes, andando pelo centro eu começava a andar mais rapidamente, ficava agoniada quando as pessoas a minha frente caminhavam lento, mesmo sem eu ter nenhum compromisso marcado, buscava realizar as coisas de forma ágil, apesar de ter reservado o dia para estar ali. Esse comportamento me levou a uma auto-observação e a desconstruir algumas rotinas enraizadas. Com isso, passei a perceber melhor as pessoas ao meu redor e a mim mesma.

Essa proposição direciona meu olhar para essa cidade ordinária, atravessada por homens comuns, que constantemente reescrevem o texto urbano com seus corpos, como apontam Hissa e Nogueira (2013, p. 58):

Os corpos ordinários dos praticantes da cidade circulam no embaixo da cidade, entre fissuras do visível, do planejado, do disciplinado. Ao sofrerem efeitos totalitários da produção do espaço, submetidos às contradições do capitalismo, reescrevem o texto urbano.

Dessa forma penso em Milton Santos (2008, p. 326) quando diz a respeito dos homens lentos, que produzem novos significados na cidade e exploram experiências diversas e imprevisíveis. Ele destaca as zonas opacas, referindo-se a elas como

"espaços de aproximação e criatividade", em contraste com as zonas luminosas, que são "espaços de exatidão".

Relaciono as zonas opacas propostas por Milton Santos aos sítios que trago para esta pesquisa, pois, sendo espaços marginalizados e à margem da sociedade, eles escapam dos rigores das normas rígidas, criando usos não previstos. Essas zonas grafam no terreno caminhos de resistência à reprodução da cidade luminosa, que, em minha interpretação, representa o constante fluxo imposto pelo capitalismo. Essas áreas marginalizadas revelam um potencial subversivo, onde gera corporeidades que florescem em resposta às pressões e limitações do ambiente urbano dominante. É nesse contexto que outras formas de vida e interação social emergem, desafiando as estruturas rígidas e hegemônicas da cidade capitalista.

No entanto, expandir a percepção para reconhecer o invisível é fundamental. Como discutido por Hissa e Nogueira (2013), é a lentidão que nos faz sentir e refletir. Essa lentidão permite ampliar nosso campo perceptivo no ambiente em que interagimos, revelando nuances e detalhes que normalmente passariam despercebidos. Ao desacelerar, podemos mergulhar mais profundamente nas complexidades do espaço ao nosso redor, compreendendo melhor as interações e dinâmicas que o compõem.

Assim, retorno ao pensamento que Milton Santos possui sobre os homens lentos, quando ressalta sobre suas memórias que não são algo congelado. De mesmo modo, enfatiza Bosi (2007), que a memória é geradora do futuro e não uma mercadoria. Por isso, ter um olhar atento é crucial para registrar memórias. Essa atenção cuidadosa nos permite capturar e valorizar as experiências e histórias dos espaços ditos como marginalizados, enriquecendo nossa compreensão do ambiente urbano, das suas transformações e histórias.

Baseando-me em experiências vivenciadas, trago para esta pesquisa o conceito de corpo-memória, Fonseca (2021, p. 194) fala que "o corpo se configura como uma instância que produz memória; não apenas memórias físicas ou sensoriais, mas também memórias afetivas." O que me leva a perceber que cada corpo possui uma história e uma origem – individual, familiar, social – que são determinantes para suas interações com outros corpos e com o mundo.

Nesse mesmo contexto, o corpo-memória é concebido como um corpo que recorda - essa relação é inerente à sua própria existência, e o processo de recordar é uma ação desse corpo, manifestando-se por meio de movimentos, relações e

afetos. É um corpo atravessado não apenas externamente pelas cicatrizes, mas internamente pelo processo de dor e do que levou a estas novas inscrições. As cicatrizes apresentam-se como as lembranças inscritas e marcadas – daquilo que passou e passa pelo corpo.

Nesta perspectiva, lembro-me de Conz e Viello (2012) que entendem o corpo como uma memória viva, em constante (re)criação. Ele não seria um depositário, ou baú de acontecimentos. É corpo presente no momento presente. Com isso pontua que a memória de habilidades ou de procedimentos é uma memória também de sensações. E as sensações só são possíveis de serem lembradas quando são sentidas.

Reflito também sobre o que Hissa e Nogueira (2013, p. 61) dizem: “o corpo é território de onde dizemos o mundo. [...] O corpo olha, é, sente; o corpo pensa. É o corpo que sente, pensa e diz a cidade marcando-a por sua existência.” Partindo desse olhar, sou atravessada por esse corpo sensível, que me intriga, instiga, movimenta e me faz perceber a importância de falar sobre ele.

Mediante todos esses atravessamentos, destaco que ao despertar meu olhar para os sítios abandonados, sou invadida por uma avalanche de lembranças, cheiros e sensações. Acredito que são registros corporais que ficaram marcados e me suscitam uma relação profunda com esses espaços.

Quando reflito sobre o corpo que se propõe a criar em ambientes urbanos, vejo como uma grande fonte de descobertas sensíveis e potentes. Esse corpo gera uma corporeidade única, acessível apenas por meio de respostas que transcendem a automatização do dia a dia. Deste modo, penso nas palavras de Ribeiro (2009, p. 186):

Na dinâmica urbana, várias coisas acontecem simultaneamente. Na percepção dos seus agentes, apenas o que acontece à sua volta, e de uma forma diferente de sua rotina é capaz de despertar atenção. A cidade e suas especificidades tornam-se opacas dentro da lógica da vida cotidiana. A possibilidade de escape de tal situação ocorre nos momentos em que a ordem cotidiana se rompe, quando abandonamos, arruinamos, demolimos ou matamos – damos visibilidade. Nos momentos em que o padrão de normalidade da vida urbana se suspende rompe-se a condição de invisibilidade, porque os papéis pré-determinados sofrem uma mudança.

Neste ponto o que torna uma arquitetura visível pode, paradoxalmente, torná-la invisível aos olhos do outro - múltiplas identidades ou múltiplas perdas. Na cidade, os espaços se multiplicam e mudam suas configurações. O que antes tinha uma utilização pode, num curto espaço de tempo, se transformar. Abandonados agora,

habitados daqui a pouco, visíveis e invisíveis, os espaços da cidade são dinâmicos e efêmeros (Rocha, 2010).

A arquitetura, em sua essência, é um palco de contrastes. Edifícios que um dia foram marcos de atividade fervilhante podem se tornar silhuetas desoladas no horizonte urbano, apenas para serem redescobertos e reabitados, ganhando novas vidas e significados. O abandono e a habitação são dois lados da mesma moeda, refletindo a natureza transitória e cíclica da existência urbana.

Assim, ao direcionar meu olhar para os sítios, começo a vê-los como corpos também – corpos impregnados de memórias que falam sobre o que foram e o que são atualmente. Mesmo com as transformações que o tempo traz, esses corpos preservam a essência de experiências que ali aconteceram/acontecem ganhando sempre uma nova vida por meio de suas histórias.

Desse modo, concordo com o pensamento de Paola Berenstein (2008), que discute as corpografias urbanas. Para ela, a verdadeira compreensão da cidade ocorre quando realmente a experimentamos e a percorremos. E é essa vivência que dá vida à cidade, transformando-a em um organismo pulsante. Dessa forma, percebo que o concreto também é um corpo: cada ruína do Centro Histórico de Manaus é um testemunho vivo, um corpo que possui sua própria história, que pede para ser ouvido. Esses espaços não apenas nos mostram suas memórias, mas também carregam referências da identidade da cidade, revelando o que aconteceu ali e o que ainda se desenrola em sua dinâmica cotidiana.

Essas ruínas são locais de diálogos, onde passado e presente se entrelaçam, criando conexões que vão além do espaço físico. Elas emitem sons – ecos de risos, conversas e até mesmo lamentos – que reverberam no tempo, convidando-nos a refletir sobre as transformações que moldaram o Centro de Manaus. Cada lugar, com suas particularidades, contribui para o mosaico urbano que se reinventa constantemente, estabelecendo vínculos que se fortalecem ou se desfazem ao longo do tempo. É nessa interação entre os corpos urbanos e as experiências vividas que encontramos uma compreensão do que é habitar cidade.

Neste contexto da pesquisa, gostaria de deixar explícito o meu entendimento do corpo-memória, pois ele permeia sob duas perspectivas: uma que se refere à minha vivência enquanto artista e mulher, e outra que diz respeito aos próprios sítios, que também precisam ser ouvidos e observados.

O Centro Histórico de Manaus sempre me fascinou com sua arquitetura

marcante e vibrante. Cada prédio conta uma história, refletindo a riqueza cultural e a diversidade histórica da cidade. Ao caminhar por suas ruas, é impossível não se deixar levar pelas texturas, cores e detalhes que remetem a um passado.

Os centros históricos são carregados de simbolismos e significados. Justamente por abrigarem essa relação de materialidade, do concreto e da imaterialidade, fruto das relações primárias e das formas de reprodução social. Um núcleo originário, que abriga construções edificadas, monumentos, espaços de socialização, seja de finalidade comercial ou para lazer (Oliveira, 2022, p.43).

Esses prédios além de representarem uma parte antiga da cidade, eles também testemunhos de épocas passadas, mantendo vivo o legado histórico de Manaus. Eles nos oferecem uma perspectiva sobre como a cidade era e, ao mesmo tempo, refletem a evolução de sua cultura e sociedade ao longo dos anos. Como afirma Gonçalves (2002, p. 24), “o patrimônio, de certo modo, constrói e forma as pessoas.”

Essa afirmação ressoa em mim de maneira que entendo que esses patrimônios estão intrinsecamente ligados à nossa memória coletiva e à identidade de cada indivíduo. Eles não apenas preservam histórias, mas também nos levam pensar em como nos percebemos e nos relacionamos com o espaço que habitamos.

Cada estrutura carrega em si vestígios do passado e possibilidades para o futuro, sendo simultaneamente visível em sua presença física e invisível em seu significado oculto para aqueles que não conhecem sua história.

A cidade, portanto, é um mosaico de narrativas fragmentadas, onde o abandono não é necessariamente um fim, mas uma pausa que abre espaço para a reinvenção. Nesse contexto, vejo que a invisibilidade pode ser um convite à redescoberta, um chamamento para olhar além da superfície e perceber as camadas de vida que coexistem nas interseções do tempo e do espaço. O abandonado e o habitado são, assim, expressões de um processo contínuo de transformação, onde cada esquina e cada edifício aguardam para revelar suas histórias ocultas e suas promessas futuras.

Neste momento de escrita inquieta, mergulho em pensamentos sobre esse abandono, enquanto memórias audaciosas emergem. É uma dança de dualidades, onde uma parte de mim se enraíza, enquanto outra anseia por se libertar das correntes do esquecimento. O abandono, às vezes, se revela como um refúgio reconfortante, um silêncio acolhedor, onde os olhares, as perguntas e os diálogos são ausentes, e

as lembranças vão se esvaindo.

Entretanto, é também uma prisão de ambivalência, que me prende em suas teias de incerteza, mesmo enquanto sussurra promessas de liberdade. É como se eu estivesse dançando na linha tênue entre o conforto da solidão e a ânsia por conexão, entre o desejo de esquecer e a necessidade de recordar.

O abandono é o vazio?

O abandono é o esquecimento?

O abandono é o silêncio?

O abandono é sobre renunciar?

O abandono é sobre quem?

Ou o que?

O abandono talvez seja sobre entregar

Ou talvez sobre não querer enxergar

Rememorar.

Rememorar neste trabalho atravessa tanto os sítios quanto minhas próprias lembranças, configurando-se como uma construção contínua de pensamentos. Para complementar minhas reflexões trago Costa (2021, p. 59) que observa sobre as memórias que não estão apenas vinculadas às experiências individuais e sociais, mas também às construções da cidade e às relações que criamos com ela:

[...] admiti-la como parte da esfera social que é viva, pulsante e em constante mudança, que não deve ser deixada de lado pela rotina diária de nossas atividades. Pelo que a memória abrange, a representação dela é apenas um fragmento, uma instância de uma trama muito mais complexa e abrangente.

Quando Costa mergulha na reflexão sobre uma trama mais complexa que permeia a cidade, percebo que estou imersa em um momento de explorações e descobertas, desbravando as construções urbanas e as conexões que estabelecemos com esse cenário vivo. As memórias são como fios invisíveis que tecem a trama do urbano, conectando nossos percursos pessoais com a paisagem concreta da cidade. Cada edifício, cada rua, cada espaço público carrega em si um fragmento das histórias vividas por seus habitantes.

E essa jornada de descobertas ganha vida ao passo que transito pelas ruas, envolvendo-me com arquiteturas que muitas vezes permanecem ocultas aos olhos da sociedade, como se fossem fragmentos. E isso me instiga a desvendar os

enigmas que moldam a paisagem urbana e a nossa relação com ela. Diante disso me recordo do que Pallasmaa (2011, p. 37e 38) diz:

Eu confronto a cidade com meu corpo; minhas pernas medem o comprimento da arcada e a largura da praça; meus olhos fixos inconscientemente projetam meu corpo na fachada da catedral, onde ele perambula sobre molduras e curvas, sentindo o tamanho de recuos e projeções; meu peso encontra a massa da porta da catedral e minha mão agarra a maçaneta enquanto mergulho na escuridão do interior. Eu me experimento na cidade; a cidade existe por meio de minha experiência corporal. A cidade e meu corpo se complementam e se definem. Eu moro na cidade, e a cidade mora em mim.

Ou seja, podemos compreender que as experiências sensoriais se entrelaçam com a própria essência do corpo humano, integrando-se à sua constituição e à forma como nos expressamos no mundo. Nossos corpos e movimentos estão constantemente envolvidos em interação com o ambiente circundante, onde o mundo e a individualidade humana se entrelaçam e se redefinem mutuamente.

O corpo não se resume a uma simples entidade física; ele é enriquecido pela memória, pelos sonhos, pelo legado do passado e pelas aspirações do futuro. Nossa capacidade de recordação não seria viável sem essa memória corporal intrínseca. O mundo se reflete em nosso corpo, assim como nosso corpo se expressa e se projeta no mundo.

A relação que estabeleço com este corpo-memória está profundamente ligada à forma como recordo e revivo minhas memórias individuais, ao mesmo tempo em que reflito sobre o Centro Histórico de Manaus. Nesse contexto, histórias são soterradas e gradualmente apagadas do cenário social, e quando relaciono este trabalho aos locais abandonados, percebo fragmentos de inúmeras memórias que ali passaram e continuam a passar, e cada uma dessas memórias está registrada nesses sítios que por muitas vezes são negligenciados.

Percebi que, minha trajetória começou antes mesmo que eu pudesse entender plenamente o conceito de corpo-memória e corpo-espço, e como essas duas dimensões dialogam entre si, fui vivendo a experiência, fui sentindo e percebendo até chegar ao que trago para esta pesquisa.

Para ter uma visão clara do emaranhado de experiências e emoções que me permeavam, desenvolvi um mapa. Esse processo me fez entender a profundidade da minha relação com o corpo-memória. Percebi que essa conexão não se manifesta de maneira explícita, mas sim nas entrelinhas, através de gestos, ou do simples parar, de falas, sensações e memórias. É um estado que me leva a expor minha essência,

revelando fragmentos meus que estão intrinsicamente ligados ao tempo e ao espaço que habito. Essa compreensão trouxe à tona uma percepção mais profunda de como o corpo-memória atua e como posso ressignificar as coisas.

Esta imagem é um fragmento de um mapa que desenvolvi antes de começar toda esta escrita. Esta especificamente, é um recorte do corpo-memória que trouxe para esta pesquisa, representando minhas reflexões iniciais antes de eu compreender plenamente a complexidade desses pensamentos, que são repletos de camadas. À medida que externalizava essas ideias em uma folha em branco e ia dialogando com os autores, eu ia entendendo sobre o que significava esse corpo que registra e é marcado pelo tempo.

Às vezes, são marcas que perduram, cicatrizes que nunca se fecham por completo. Esquecemos que estão ali, até que, distraídos, elas se revelam, trazendo à tona lembranças que acreditávamos perdidas. O tempo, ao contrário do que pensamos, não apaga essas marcas; vestígios permanecem, eternizando histórias em nossa pele. Engano acreditar que uma cicatriz desaparece. Sabe aquele arranhão da infância, que se entrelaça com quem somos, acompanhando-nos até a velhice. Pois é, aquele arranhão.

Ao passo que também refletindo sobre a cidade, percebo como ela se revela através da experiência, mostrando suas nuances entre passado e presente. Os locais que visito estão impregnados de histórias, cada um com sua própria narrativa. Ao descascar as camadas de suas paredes, algo se revela; ao arrastar os pés sobre o chão coberto de areia e sujeira, a vida surge por baixo, revelando belezas ocultas e histórias que estão se apagando. Essa relação com o espaço urbano não apenas me conecta com a memória coletiva, mas também me faz questionar como essas histórias ainda podem ressoar na contemporaneidade, nos convidando a (re)descobrir e valorizar o que muitas vezes passa despercebido.

A arte, assim, se transforma em um diálogo contínuo entre a cidade e eu, revelando camadas e possibilidades a cada passo que dou. Não posso deixar de mencionar o conceito de corpo-espaço, que me molda e se (re)define constantemente. Nesse fluxo dinâmico, sou atravessada por inúmeras oportunidades para explorar, sentir e criar, levando-me a refletir sobre as maneiras de habitar esse espaço.

Neste momento, convido você a se juntar a esta conversa, dialogando com autores que me instigam a pensar e a compreender mais profundamente. Eles nos ajudam a desvendar as interconexões entre nosso corpo, o espaço que ocupamos e a arte que nos rodeia.

1.2 OS FLUXOS DA CIDADE: O CORPO-ESPAÇO

A cidade sozinha não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios e em cada segmento riscado por arranhões (CALVINO, 2003. p. 14).

As cidades compõem-se por pessoas, coisas, movimentos, ruídos, cheiros, interdições, restos, passagens, permanências, memórias, sinais, cores, promessas de desenvolvimento, temporalidades, corpos, afetos, conflitos... e a percepção de um sítio é de grande significado pessoal e social.

Lugares são onde a história, a identidade cultural e seu significado derivam de contextos sociais. Lugares se tornam espelhos sociais, são um reflexo de como a sociedade se organiza, se categoriza e se controla. Cavrell (2016) traz uma reflexão que me faz repensar em como estou agindo, pois nós paramos de olhar em volta quando um lugar se torna parte de uma rota diariamente percorrida.

Recordo-me de um dia em que, intencionalmente, fui ao centro de Manaus mais cedo para um compromisso. Queria observar como os fluxos da cidade eram percebidos e sentidos pelas pessoas imersas naquele ambiente. Em certo momento, notei que eu mesma acelerava meus passos de forma tão natural e ficava inquieta ao passar por locais onde as pessoas à minha frente caminhavam mais devagar. Quando percebi isso, parei abruptamente, interrompendo o fluxo que se desenrolava naquela rua estreita, cheia de gente que não esperava por uma parada repentina. Com olhares sem entender nada, me questioneei quantas vezes deixei de notar as coisas ao meu redor devido à aceleração automática à qual estou condicionada.

Jorge Larrosa (2002) também contribui para o mesmo pensamento quando discorre sobre o modo que cada pessoa interage e percebe o meio em que está inserida, algumas são atravessadas e outras deixam passar experiências que poderiam ser significativas no estado do corpo disponível.

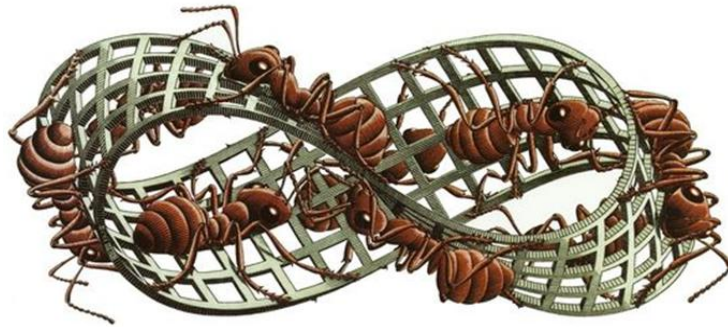
É fundamental reconhecer que o corpo não está separado de pensamentos, valores e necessidades; ele incorpora todas as experiências e ideais do ser humano, moldados pelas respostas aos estímulos recebidos do entorno, das situações e das pessoas.

E o que é a cidade, senão a soma de todos esses fatores? A relação entre o indivíduo e o meio urbano é dinâmica. Nossa identidade e o espaço que ocupamos

formam uma simbiose em constante processo de coevolução. Portanto, o corpo, frequentemente visto como um “objeto”, torna-se um elemento político, social, sensorial e questionador do contexto que o envolve e forma esse corpo-espço.

Para Allemand e Rocha (2016) a *Faixa* ou *Banda de Moebius*¹¹ são como uma materialização do conceito de corpo e espaço como duas entidades que se conectam.

Figura 6. Faixa de Moebius



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/29625310018693258/>

Santos (2014, p. 61 e 62) ressalta a existência de um conjunto de fixos e um conjunto de fluxos, afirmando que “Os elementos fixos permitem ações que modificam o próprio lugar [...] e os fluxos são um resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação.” A partir dessa perspectiva, penso no espaço e na arquitetura como partes integrantes do corpo que experiencia e interage com esse meio.

Os elementos fixos, como edifícios e infraestruturas, formam a base física da cidade, proporcionando um ponto de referência estável e duradouro. No entanto, esses fixos não são estáticos; eles são continuamente reconfigurados pelas ações humanas que neles ocorrem. Por exemplo, um edifício pode ser destinado a um propósito específico, mas as atividades e interações que ali se desenvolvem ao longo do tempo podem transformar sua função e significado, refletindo as mudanças nas necessidades e dinâmicas sociais.

Os fluxos, por outro lado, representam o movimento e a energia que percorrem esses elementos fixos. São as pessoas, as informações, os bens e as ideias que circulam pela cidade, atravessando e transformando os espaços. Esses fluxos não apenas moldam a experiência urbana, mas também são moldados pelas estruturas

¹¹ Esse conceito é dado por Sperling, que diz que a “Faixa de Moebius é a mais elementar superfície não-orientável; tem como característica ter apenas uma única e continua margem”. (2003, p. 141)

fixas que encontram. Essa interação entre fixos e fluxos cria uma paisagem urbana em constante evolução, onde cada elemento influencia e é influenciado pelos outros.

O espaço público é um palco de encontros que fortalecem a coletividade dos indivíduos, destacando-os como protagonistas das dinâmicas urbanas à medida que interagem, acontecem e reagem. Assim, Takahashi (2010) salienta que o espaço não pode existir por si só, mas que através da percepção do sujeito que se permite observar, ou seja, “são essas experiências pelos habitantes e transeuntes que reinventam esses espaços em seu cotidiano” (Jacques, 2008, p. 2).

Deste modo, quando Certeau (2012, p. 202) afirma que “o espaço é um lugar praticado”, compreendo essa ideia como uma reflexão sobre como a nossa movimentação pela cidade se transforma em um ato de apropriação do ambiente urbano. Cada passo que damos não é apenas um deslocamento físico, mas também uma forma de interação e construção de significado.

Ele ainda destaca que o caminhante “escreve” a cidade, o que sugere que, através de nossos percursos, estamos constantemente criando e reescrevendo a cartografia urbana. Isso implica que cada trajetória possui sua própria intenção e, ao ouvirmos o que cada caminho tem a contar, nos tornamos co-autores das histórias urbanas. Essa prática de escuta ativa nos conecta com o espaço e as pessoas que o habitam, permitindo uma vivência significativa. Essa relação entre o corpo e o espaço transforma a cidade em um palco dinâmico, onde cada movimento e escolha revelam a complexidade de narrativas diversidade das experiências humanas.

Falo dessa complexidade porque, ao abordar o urbano, reconhecemos que estamos lidando com uma multiplicidade de singularidades. Como aponta Ricoeur (1995, p. 85), a percepção da cidade varia de acordo com a experiência de cada indivíduo, o que significa que cada um de nós constrói sua própria narrativa a partir de suas vivências e interações. Isso leva à conclusão de que não existem duas narrativas idênticas, nem dois mundos ou experiências que se repitam da mesma forma. Mizoguchi (2015, p. 206) reforça essa ideia ao afirmar que “não há dois atravessamentos territoriais iguais”.

Essa diversidade de experiências urbanas serve para compreendermos a dinâmica das cidades. Cada pessoa, ao transitar por diferentes espaços, traz consigo uma bagagem de histórias, emoções e percepções que moldam sua relação com o ambiente. Assim, o urbano se torna um mosaico de vivências, onde cada fragmento contribui para uma compreensão mais ampla do que significa viver em uma cidade.

Ao considerar essas singularidades, abrimos espaço para um diálogo mais profundo sobre as identidades que emergem do convívio urbano e a importância de valorizar as vozes e experiências que, muitas vezes, ficam à margem das narrativas predominantes. Isso nos convida a um olhar mais atento e respeitoso para as nuances da vida nas cidades, reconhecendo que cada trajeto é uma oportunidade de aprendizado.

Nascimento e Santos (2017), ao abordarem a relação com a cidade, introduzem o conceito de corpo-urbano, que compreendem como uma fusão simbólica entre o corpo que ocupa o espaço e que vivencia a cidade, absorvendo seus vestígios. Essa conexão se revela tanto no conceito de corpografia quanto na interação entre a cidade como objeto e o corpo como produto, como destaca Ribeiro (2007, p. 07):

O corpo-produto apresenta-se, preferencialmente, em espaços vazios e nas transparências que possibilitam a sua inclusão na montagem de cenários que demandam movimento; nas praças desnudas, que obrigam à exposição dos usuários; nos elevadores e escadas que, também transparentes, propõem a aproximação imagética entre corpo e manequim, ambos disponibilizados para a mercadoria ou para atitudes lidas como indicativas de civilidade. Há, sem dúvida, uma pedagogia implícita nas escolhas formais, cujas diretrizes contribuem para a veiculação da ordem urbana concebida pelo pensamento dominante.

Entendendo que exista um modelo de cidade, conseqüentemente também há um modo de vida urbana, um estilo que se relaciona a essa padronização da cidade. É a esse modelo que corresponde o corpo-produto, no qual Nascimento e Santos também falam sobre:

“[...] à manipulação exercida através do marketing, do mercado publicitário, dos padrões reproduzidos pelos espaços de fluxos das elites. Em contraponto a esse corpo-produto podemos devanear um corpo de resistência, que em ações sutis ou explícitas se nega a entrar nesse sistema de compra e venda: é o corpo manifesto no espaço liso, singular, dos processos de singularização. Ele se conecta a espaços de lisura dentro do espaço urbano, e tenta retratá-los em uma tentativa de permanência e resistência” (2017, p. 24).

O corpo-produto em minha leitura é moldado por uma sociedade que se deixa influenciar por imposições, por uma relação que tende a seguir uma linha reta e que é totalmente previsível. Quando Nascimento e Santos (2017) trazem um contraponto ao corpo-produto acredito que é possível rompermos com essas ações lineares, e considero esses rompimentos como processos micropolíticos, ou seja, são eles que geram subjetividades urbanas em um nível plural, resultantes das experiências singulares de interação com o espaço.

Embora “o corpo tenha sido esquecido nos dogmas urbanísticos dos anos 90, saturado pelas coordenadas funcionais da cidade e sufocado pelos sistemas de tráfego e circulação” (Takahashi, 2010, p. 145), podemos pensar nas cidades contemporâneas e como elas estão sendo planejadas e se estão pensando o corpo, ou apenas em uma imagem publicitária colocando-o como objeto de consumo, ignorando o indivíduo que é aquele corpo, sendo denominado como um corpo-mercadoria, como propõe Jacques (2010).

Aqui, a cidade é entendida como um campo de experimentação, uma realidade repleta de ranhuras e fissuras, em contraste com a imagem idealizada promovida pelo planejamento urbano tradicional. Este último muitas vezes busca apresentar uma face publicitária que esconde as complexidades e as desigualdades que permeiam a vida urbana. Ao criar camadas que invisibilizam questões sociais e culturais relevantes, essa abordagem tende a manter uma narrativa homogênea, ignorando as vivências diversas que constituem o espaço urbano.

Vivenciar essa cidade, então, se assemelha ao que Paola Berenstein (2011, p. 172) descreve como microrresistências urbanas. Essas práticas têm como objetivo ocupar e se apropriar do espaço público, construindo e propondo experiências sensíveis que desafiam a imagem tranquilizadora do espaço urbano que o espetáculo do consenso tenta perpetuar. Essa resistência se manifesta em intervenções artísticas, mobilizações comunitárias e outros atos que visam não apenas reivindicar espaço, mas também criar outras formas de vivência e interação.

Ressalto este ponto ao refletir sobre minhas experiências ao transitar pelo Centro de Manaus¹², onde é impossível não notar a presença constante de moradores de rua, corpos que parecem à deriva em uma sociedade. Esses corpos, frequentemente relegados a uma condição de invisibilidade, são como restos jogados às beiradas das ruas, contrastando brutalmente com a espetacularização¹³ da cidade que busca promover uma imagem idealizada e atrativa.

Em cada visita ao centro, esses corpos ordinários¹⁴ se destacam, não como meros elementos de um cenário urbano, mas como testemunhos de uma realidade complexa e muitas vezes ignorada. Essa realidade é um lembrete do que significa

¹² Conheça um pouco mais das ruas do Centro de Manaus:

<file:///C:/Users/annak/Downloads/pontourbe-10845.pdf>

¹³ Paola Berenstein (2005, p. 16) fala que “Espetacularização das cidades contemporâneas está diretamente relacionado a uma diminuição da participação popular, mas também, da própria experiência física urbana enquanto das errâncias urbanas.”

¹⁴ Certeau (2012, p. 55) designa esse termo em *A Invenção do Cotidiano. 1: Artes de fazer - “Ao homem ordinário. Herói comum. Personagem disseminado. Caminhante inumerável.*)

viver em uma cidade que, ao mesmo tempo em que celebra a modernidade e o progresso, também esconde as desigualdades e as falhas em seu tecido social. A forma como esses corpos são invisibilizados — de maneira proposital, muitas vezes — revela uma deslegitimação sistemática que os exclui do discurso sobre a produção urbana hegemônica.

Essa exclusão não é apenas uma questão de visibilidade, mas de reconhecimento e dignidade.

Recordo-me de uma moça, perto dos 35 anos, mais ou menos, que aparentava ser moradora de rua. Enquanto eu caminhava, percebia que ela saudava cordialmente quem passava por ela. Sua vestimenta estava rasgada, caminhava descalça e seus cabelos estavam todos cheios de nós. Por alguns instantes, fiquei refletindo sobre essa cena. Muitas pessoas passavam por ela com desdém ou olhares de menosprezo, embora ela nem sequer pedisse dinheiro, comida ou algo em troca. Aquela cena me tocou profundamente; as reações corporais das pessoas ao redor dela diziam muito. Observando de longe, era evidente que essas reações já se tornaram parte de cada indivíduo que transita pelas ruas do centro.

Não me limito a destacar apenas os moradores de rua, mas também incluo os catadores, “franelinhas” (guardadores de carros), vendedores ambulantes e até mesmo os artistas que se apresentam nas ruas. Essas pessoas são vistas como pedras no sapato de uma sociedade que frequentemente as ignora, revelando as rachaduras e falhas do planejamento urbano. Elas são anuladas nas narrativas que definem a cidade, tornando-se invisíveis em um discurso que, em sua celebração do crescimento econômico e da revitalização urbana, muitas vezes exclui suas realidades.

Ao observar atentamente como esses corpos se comportam em meio a cidade, lembro que Ribeiro (2000, p. 32) coloca esses sujeitos como corporificados dizendo que “o sujeito corporificado tomaria, portanto, o teatro da vida nas suas mãos, opondo-se à sua desmaterialização em papéis repetitivos, em imagens reiterativas e em modelos de cidade (e de urbanidade) que o excluem”.

Esse sujeito corporificado molda suas maneiras de existir ao ocupar e se movimentar pelas ruas, constantemente reinventando formas de ser e estar na cidade. Essa dinâmica me leva a refletir sobre diferentes modos de olhar e perceber esses corpos, especialmente quando estão entre as arquiteturas abandonadas. Nesses espaços esquecidos, eles criam refúgios e moradas, estabelecendo um diálogo entre

a rua e o abandono. Eles se apropriarem desses lugares, não apenas buscam abrigo, mas também constroem novas possibilidades de convivência e interação. Esses corpos em movimento nos convidam a repensar a cidade e suas funcionalidades.

Eu me perguntava sobre o que havia na arquitetura que me instigava, especialmente nos sítios abandonados, que poucas pessoas tinham interesse de olhar. Elas passam e não enxergam, é um espaço (in)visível. Talvez a beleza que elas veem seja diferente da minha. Suas janelas quebradas, paredes descascando, portas às vezes bloqueadas por moradores de rua e outras tão abertas que me faziam desejar entrar. As folhas tomando conta de cada espaço, as raízes abraçando as estruturas, o odor forte e a sensação tão presente no meu corpo. Era como se meu corpo precisasse dessa adrenalina para compreender todas essas questões que me deixavam inquieta.

Nesse sentido, Pallasmaa (2011) me proporciona *insights* sobre a capacidade da arquitetura de evocar respostas sensoriais que enriquecem a experiência humana.

O autor explora o papel do corpo humano como um local de percepção, consciência e atribuição de significados aos sentidos. Além disso, ele destaca como os espaços arquitetônicos podem se tornar lugares de encontro entre o físico e emocional, promovendo uma imersão profunda na experiência sensorial do ambiente.

Sou levada a pensar no termo que Nascimento e Santos (2020) falam de *urbgrafia*¹⁵, que é justamente essa visão sobre a cidade e a sua arquitetura. Ou seja, *urbgrafar* como verbo de ação, pode ser compreendido em entender o ato de experimentar a cidade através da arte. E falar sobre a política dos corpos entre as rachaduras do espaço formalizado.

E essa reflexão se conecta com as experiências descritas por Costa (2021) em sua tese de doutorado. Ela explora vivências que entrelaçam e permeiam os espaços físicos com suas próprias memórias pessoais. Ao experienciar esses lugares, Costa destaca que eles evocam uma multiplicidade de sensações muitas vezes difíceis de serem explicadas. Ela ressalta a complexidade e a riqueza das emoções despertadas pela interação com esses sítios, enfatizando a capacidade da arquitetura de provocar respostas sensoriais profundas e significativas. Essa interação entre a experiência pessoal e o ambiente construído revela a profundidade da relação entre o corpo

¹⁵ *Urbgrafia* é um termo elaborado por Elaine Nascimento que define como: “cartografias de ações artísticas que tratam de subjetividades de quem vive e constrói o espaço urbano, assim como das relações que são travadas entre esses indivíduos e o espaço em relação a uma escala maior de organização e gerenciamento.” (2018, p. 26)

humano e a arquitetura, assim ela relata:

De forma cada vez mais convicta, acreditávamos que estávamos sendo modificados pelos espaços. A prática de voltar e rever os vídeos das invasões e os reflexos delas em nossos corpos nos fazia perceber características diferenciadas a cada nova ação. Nossa forma de adentrar e andar pelos ambientes passaram a ter particularidades que eram antagonistas, mas que faziam muito sentido para nós, fomos ficando seguros do que estávamos fazendo e propondo ao mesmo tempo que o inesperado também nos mobilizava (Costa, 2021, p.115).

Partindo desse relato, torna-se evidente que os espaços em ruínas estabelecem uma conexão profunda com sensações, histórias e memórias do lugar, assim como daqueles que se permitem criar essa relação. Essa interação se encaixa perfeitamente na tríade inicialmente proposta, que chamamos de corpo-espaco-memória, onde esses elementos não seguem uma lógica linear, mas estão completamente interligados, entrelaçando-se uns aos outros de maneira intrínseca.

Nesse contexto, ao vivenciarmos essas experiências, desenvolvemos diálogos corporais que muitas vezes não podem ser previstos. É um processo de imersão e construção contínua, onde a experiência se molda à medida que nos permitimos entrar nesse universo sensorial e emocional. É justamente nesse espaço de intersecção que emergem perspectivas e entendimentos sobre nós mesmos e sobre o ambiente que nos cerca. Essa dinâmica fluida e enriquecedora ressalta a importância de reconhecer e explorar a complexidade das relações entre o corpo, o espaço e a memória na construção da nossa experiência humana e artística.

Calvino (2003, p. 34) me faz pensar em uma de suas falas que "cada pessoa tem em mente uma cidade feita exclusivamente de diferenças, uma cidade sem figuras e sem forma, preenchida pelas cidades particulares". Nessa perspectiva, são elaborados mapas invisíveis no imaginário de cada indivíduo que percorre e molda esses espaços. Esses mapas mentais não apenas representam a experiência subjetiva de cada um na cidade, mas também influenciam e são influenciados pelo ambiente urbano e sua dinâmica. Para compreender plenamente o imaginário da cidade, é essencial recorrer aos estudos da historiadora brasileira Sandra Pesavento (2007, p.11-12), quando descreve que:

É esse motor de ação do homem ao longo de sua existência, é esse agente de atribuição de significados à realidade, é esse elemento responsável pelas criações humanas, resultem elas em obras exequíveis e concretas ou se atenham à esfera do pensamento ou às utopias que não realizaram, mas que um dia foram concebidas.



Essas recordações tangíveis, intangíveis e imaginárias conferem significado à valorização das paisagens, ruas, edifícios e praças que compõem o patrimônio histórico da cidade. Segundo Montagna (2009, p.159) "[...] assim, o invisível permanece na história como camadas arqueológicas no espaço físico [...].

Ao falar desse invisível, sou diretamente levada a uma imagem que presenciei em uma das minhas experiências na cidade. Enquanto observava e capturava momentos para um trabalho, lembro-me de estar parada e observar um prédio em ruínas. Cada pessoa que passava por ali nem sequer olhava para aquele lugar, eram indiferentes à sua existência. No mesmo instante, vi um senhor passando por mim, carregando um saco branco sobre a cabeça e outro em suas mãos. Seus pés descalços, sua face marcada pelo cansaço, revelavam alguém exausto da vida, alguém que já enfrentara inúmeras dificuldades. Ao presenciar essa cena, a palavra "invisível" surgiu rapidamente em minha mente.

Esse encontro efêmero encapsula a essência dos mapas invisíveis que moldam nossa percepção urbana. Enquanto o prédio em ruínas e o homem cansado permaneciam ignorados pela maioria, para mim, eles se tornaram símbolos poderosos de uma cidade repleta de histórias não contadas e vidas invisíveis. A cidade, assim, revela-se não apenas através de suas estruturas físicas, mas também pelas vidas e narrativas que nela se desenrolam, frequentemente fora do campo de visão dos transeuntes.

É possível compreender que em um lugar específico da cidade, articula-se uma rede de significados que vai além de seu aspecto físico. Cada espaço urbano carrega consigo implicações políticas, históricas, econômicas e simbólicas. Ao nos inserirmos nesses lugares, passamos a participar de uma história maior, percebendo a cidade como um organismo vivo, onde cada esquina, edifício ou ruína guarda memórias e significados profundos. Assim, nossas interações cotidianas contribuem para a contínua reescrita e ressignificação do espaço urbano, refletindo a complexidade e a riqueza do imaginário coletivo que constrói a cidade.

Quando comecei a compreender melhor as minhas inquietações sobre minha relação com o espaço e a forma como ele me afetava, percebi que a cidade, especialmente no contexto desta pesquisa sobre o Centro Histórico de Manaus, possui um ritmo, histórias e memórias que aos poucos vão se esvaindo. As pessoas, os prédios, os carros e os animais se conectam e desconectam rapidamente nesse trânsito diário. Esse fluxo de transformações começou a me revelar outras

possibilidades de organizar meu corpo no espaço e, principalmente, de perceber a relação que estabeleço com ele.

Acredito que este trabalho representa um desafio ao qual me proponho a me aventurar e aprofundar. Venho de um contexto que não me permitia me enxergar como uma artista fora de uma caixa preta. Experimentar esse corpo-espaço é me permitir criar outras sensações e compreender a complexidade e a importância do fazer artístico no espaço urbano.

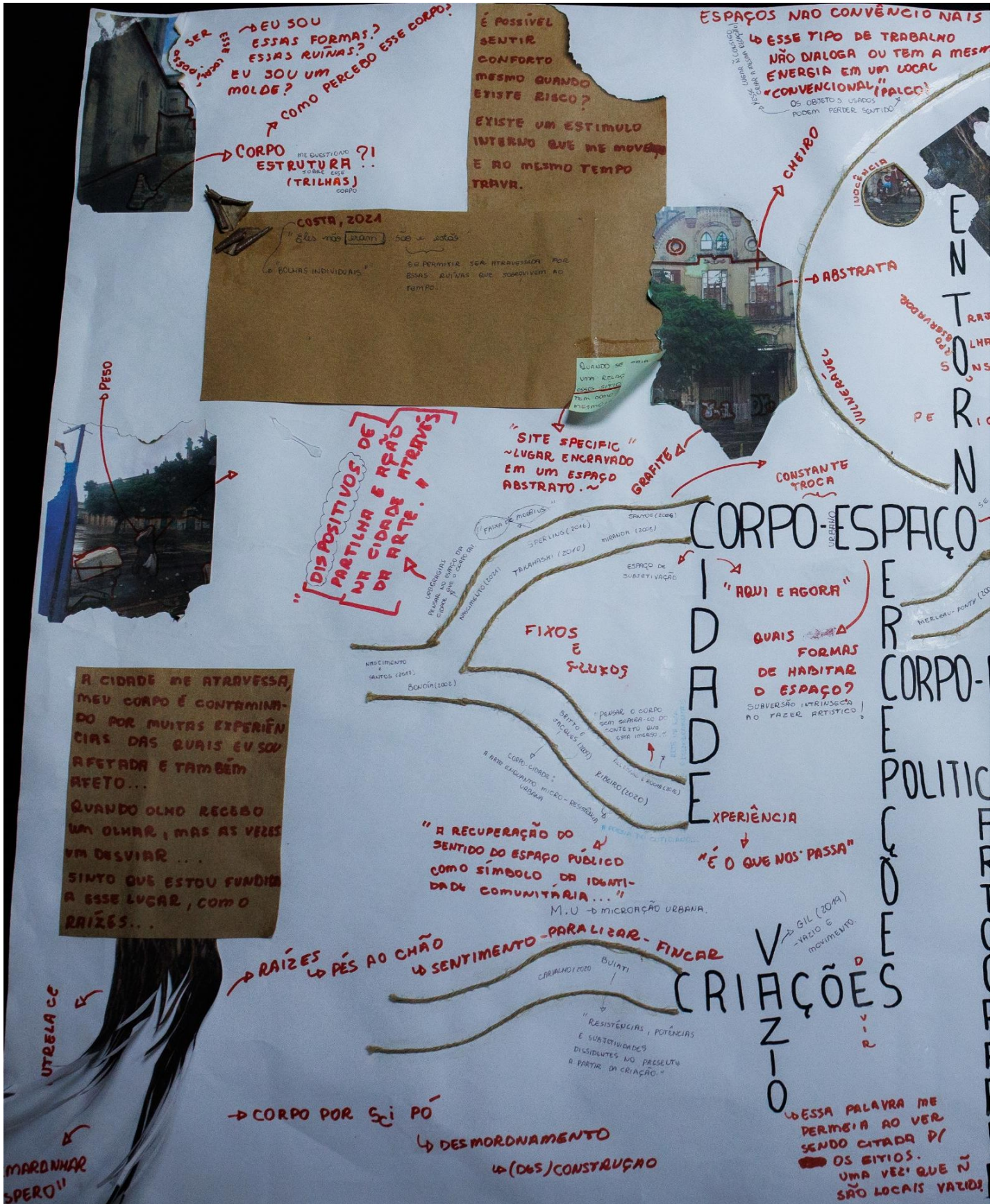
Esse processo de explorar o corpo-espaço é, para mim, um trajeto de autodescoberta e de expansão dos limites do meu próprio entendimento artístico. A cidade, com seus ritmos, texturas e fluxos, torna-se um palco aberto, onde a arte não é confinada, mas se manifesta em interação constante com o ambiente e as pessoas.

Ao fazer essa parte do mapa lembro-me de cada vez mais me sentir instigada a desenvolver esse trajeto, embora ainda esteja encontrando o meu lugar e entendimento mais aprofundado sobre esse corpo-espaço. Penso no fazer artístico no espaço urbano como uma prática de resistência e de reinvenção. É uma maneira de reivindicar o direito de ocupar e transformar o espaço público, de inscrever nele nossas histórias e nossas emoções. É também uma forma de desafiar as narrativas dominantes e de abrir espaço para vozes e experiências que muitas vezes são marginalizadas ou invisibilizadas.

Assim, esse trabalho não é apenas uma exploração artística, mas também um ato de afirmação e de empoderamento. Ao me aventurar nesse corpo-espaço, estou não apenas descobrindo possibilidades para minha prática artística, mas também reivindicando meu lugar na cidade. Estou aprendendo a ver e a criar a partir de outras perspectivas, a abraçar a complexidade e a riqueza do espaço urbano e a reconhecer a importância do fazer artístico como uma prática transformadora e essencial para a vida coletiva.

Até o presente momento, tenho falado sobre corpo-memória e corpo-espaço. No entanto, não posso deixar de relacionar esses dois termos, pois eles estão entrelaçados.

Figura 7. Trajeto do corpo-espaco no mapa



2 DOS ENCONTROS: VESTÍGIOS PELOS CAMINHOS

É importante ressaltar aqui neste momento, que cada área do conhecimento possui suas próprias especificidades em termos de metodologias, que são empregadas para facilitar a busca por respostas. No que se refere ao campo das artes, é fundamental adotar métodos que estejam em sintonia com as características específicas do campo de estudo, seja ele centrado na subjetividade, na objetividade ou em uma combinação de ambos.

Neste sentido, a abordagem convencional e positivista não se adequa ao tipo de investigação que proponho. Com isso, meu objetivo é proporcionar experiências sensíveis, aliadas a reflexões, caracterizando esta pesquisa como um campo mais subjetivo. Isso me faz lembrar de uma citação de Diederichsen (2019, p. 4) que diz: “as metodologias artísticas de investigação, nesse sentido, buscam propiciar modos expandidos de tocar, imaginar, pensar e significar a pesquisa nos diversos campos do saber acadêmico”.

Neste momento, sou tomada por lembranças de quando lia a tese de doutorado: As ruínas que me tornam este todo: experiências em dança de estudos no Centro Histórico Manauara¹⁶, escrito por Raíssa Costa. Ela explora um tipo de escrita que eu nunca havia visto ou lido antes. Fiquei instigada a entender os caminhos percorridos para que aquilo tomasse forma. Recordo-me de passar horas imersa na leitura, até chegar a um ponto em que parecia estar em uma cafeteria, frente a frente com a autora, em uma conversa envolvente. Suas palavras me atravessavam, cada parágrafo me transportava para dentro daquele trabalho, de maneira que eu me identificava com alguns dos seus relatos apresentados. A escrita era tão sensível que transformava a leitura em um verdadeiro deleite, no qual eu poderia passar horas imersa.

Instigada a compreender um caminho que torne o trabalho menos rígido, especialmente no campo das artes, busco aqui princípios metodológicos que dialoguem com a prática artística, tornando-a mais flexível. Dessa forma, acredito que o discurso poético pode ser acolhido, reconhecendo que a sensibilidade na

¹⁶ Te convido a se aventurar nas reflexões e descobertas dessa sensível pesquisa de Raíssa Costa, pesquisadora, professora, fisioterapeuta e intérprete-criadora natural de Manaus. Intitulada "As ruínas que me tornam este todo: experiências em dança de estudos no Centro Histórico Manauara", a obra oferece uma profunda reflexão sobre a dança e suas interações com o espaço urbano no Centro Histórico de Manaus. Disponível em:

https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/BRCRIS_055cb72e16834f627308186d7a62e504

realização dessa pesquisa está em diálogo com minhas questões internas como pesquisadora.

Portanto, a seguir, serão apresentados os caminhos percorridos para realizar esta investigação. Trajetos esses, que dialogam entre si, gerando questionamentos para a concepção desta pesquisa.

2.1 TRAJETOS

O primeiro percurso é marcado por sua natureza aplicada, que de acordo com Gil (2010) engloba estudos desenvolvidos com o propósito de solucionar problemas que afetam as sociedades em que os pesquisadores estão inseridos. Por sua vez, Gerhardt e Silveira (2009, p. 35) completam afirmando com essa ideia de que "[...] esse tipo de pesquisa visa a produção de conhecimento para ser aplicado na prática, visando resolver problemas específicos."

Nesse contexto, me dedico a investigar questões que abordam singularidades e fornecem possibilidades de ação a partir da reflexão e vivência dos processos propostos. Surge a necessidade de discutir as micropolíticas e resistências que permeiam o espaço formalizado pelo uso diário e, acima de tudo, da necessidade de perceber e assimilar essas vivências no meio urbano, mais especificamente sobre os sítios abandonados. Assim, fazendo relação com o que proponho neste trabalho como corpo-espaço-memória, uma tríade que tece o caminhar dessa pesquisa.

Além disso, essa pesquisa é de natureza exploratória, pois será realizada no Centro Histórico da Cidade de Manaus, onde existem poucas pesquisas que relacionem o fazer artístico no espaço urbano com um olhar voltado para os prédios em ruínas da cidade. Meu objetivo é descobrir outras possibilidades e pensamentos, bem como compreender melhor a relação entre corpo, espaço e memória nesse meio. Conforme apontam Selltiz et al. (1965), os estudos exploratórios visam descobrir ideias e intuições, buscando adquirir maior familiaridade com o fenômeno pesquisado.

Eles permitem aumentar o conhecimento sobre os fatos, possibilitando uma formulação mais precisa das problemáticas existentes e criando hipóteses para a pesquisa.

Assim, criei caminhos para percorrer essa trajetória que, e aos poucos, fui desvendando e compreendendo meu papel nesse processo. Com todas essas características, cito Chizzotti (1995, p. 79), que discorre sobre a abordagem

qualitativa, partindo do princípio de que esta aborda é “uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, formando um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito”. Nessa perspectiva, ele continua dizendo que o sujeito-observador faz parte integral do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes significado e que o objeto não é um dado inerte e neutro; ele está imbuído de significados e relações criadas por sujeitos concretos em suas ações.

A pesquisa aqui desenvolvida não pretende delinear um caminho lógico, racional e mensurável. Ela se caracteriza como qualitativa, reconhecendo a interação dinâmica entre meu eu e o fluxo existente no Centro Histórico de Manaus, um espaço repleto de memórias que dialogam com as minhas, convidando-me a revisitar o passado, refletir sobre o futuro e, principalmente, perceber-me no presente.

Essa relação é complexa devido à sua subjetividade, uma dimensão que não pode ser quantificada em números. A riqueza dessa pesquisa reside justamente na exploração dessas interações sutis, pessoais e coletivas, onde cada memória e cada experiência contribuem para uma compreensão mais profunda e íntima do espaço urbano.

Dessa maneira, ao invés de buscar medir ou quantificar, esta pesquisa se dedica a explorar, compreender e narrar essas complexas relações entre corpo-espaço-memória. Ela valoriza o imensurável e o intangível, reconhecendo que é na subjetividade que encontramos a essência de nossa interação com o ambiente urbano. Portanto, a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são fundamentais nesse tipo de pesquisa, que não exige o uso de métodos estatísticos (Prodanov; Freitas 2013).

Vejo meu percurso de escrita como um meio potencializador e que me ajuda a relatar momentos, memórias e atravessamentos, permitindo que eu registre tudo isso. Ao entrelaçar a prática com os debates, a escrita é uma forma de dialogar com as camadas de significados que ecoam além das experiências pessoais, lançando-se sobre questões coletivas que permeiam através de experiências sensíveis e que acabam criando diversos discursos. Deste modo, concordo quando Pimentel (2015, p. 89) diz:

Ao se tratar da pesquisa em ou sobre Arte, pode-se dizer que essa vontade não parte de uma demanda social externa ao sujeito – uma vez que não há um problema a priori para ser resolvido – mas sim de uma inquietude pessoal, que pode ou não estar vinculada a questões sociais.

Sendo assim, Oliveira (2023, p. 27) diz que “a pesquisa em artes ou sobre arte, busca evidenciar óticas que partem da subjetividade artística em consonância com o trajeto criador. Buscando transitar a escrita entre o fazer artístico e a academia, e vice-versa.” Podemos contemplar que a construção de uma pesquisa em arte demanda uma sensibilidade especial, pois envolve a intersecção delicada entre a expressão artística, subjetividades e análise acadêmica. É neste contexto que minha pesquisa se insere, estabelecendo uma ponte entre esses domínios intrinsecamente interligados nas Artes.

Ao explorar essa intersecção, não busco apenas explorar os discursos importantes sobre o mundo ao nosso redor, mas também reconheço o papel que a arte desempenha nessa narrativa. Ao abordar essa temática, percebo, em suas nuances, muitos diálogos que podem ser abordados: sobre a memória, sobre o espaço, sobre o corpo, sobre o fazer artístico em espaços urbanos, e, especificamente nesta pesquisa, nos prédios em ruínas.

A investigação não se propõe apenas a pesquisar as histórias em si, mas também a despertar processos criativos, as narrativas subjacentes e os impactos culturais e sociais que permeiam a tríade corpo-espaço-memória. Esses elementos não são meras abstrações; são forças ativas que moldam nossas experiências e percepções.

Assim, para traçar outros trajetos esta pesquisa envereda pelo método da cartografia, pois se afasta da abordagem positivista considerada em alguns métodos tradicionais. Em vez de simplesmente coletar dados, ela se baseia no errante, no disperso e no fugitivo, interagindo com o objeto para produzir conhecimento. Na prática, ela cria, recria e se adapta às experiências vivenciadas no campo.

Oliveira (2023) também pontua sobre a cartografia enquanto aspecto metodológico, que surge partindo da urgência de pesquisadores que investigavam processos subjetivos, e não se sentiam contemplados pelas metodologias que se faziam apresentadas. Por reconhecer que em processos que requerem acompanhamento e cujo desdobramento até a "conclusão" da investigação é incerto, essa abordagem metodológica se tornou fundamental atualmente, em especial nos domínios artísticos.

Com essa perspectiva, na cartografia não há regras específicas rígidas a serem seguidas para enquadrar o trabalho dentro deste método. No entanto, há a presença de pistas, que servem como orientações durante o processo de pesquisa,

reconhecendo que, ao acompanhar os processos, não é possível pré-determinar todos os procedimentos metodológicos antecipadamente (Kastrup et al, 2009, p. 13) e essas pistas servem como guias que vão se entrelaçando no trabalho “as pistas que guiam o cartógrafo são como referências que concorrem para a manutenção de uma atitude de abertura ao que vai se produzindo e de calibragem do caminhar no próprio percurso da pesquisa” (Kastrup et al, 2009, p. 13).

Desse modo, este trabalho é orientado pelas oito pistas descritas no livro “Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa, intervenção e Produção de Subjetividade.” Ao começar a compreender a relação da tríade corpo-espaco-memória, percebo a necessidade de uma orientação, e por isso, essas pistas se tornam meu guia para explorar a o Centro Histórico de Manaus.

27 de agosto - observo e sou observada¹⁷

*Manhã de sol,
8h30min.
Escolhi um canto escondido,
longe dos olhares apressados,
frente a frente com aquele sítio.
Quantas vezes o vi ali,
mas nunca me aproximei.
Finalmente, aqui estou,
sozinha,
mergulhando na quietude,
explorando a essência do que me prende a
atenção.
Muros pichados
Duas janelas bem altas
O que possivelmente seria uma porta,
muro é.
O amarelo desgastado, cinco degraus.
Estou aqui, do outro lado da rua,
Entre nós, uma avenida agitada,
carros, motos, ônibus, um fluxo incessante.
Grudada em uma parede, observo,
as pessoas que passam diante do sítio,
como se ele fosse apenas uma sombra,
seus passos apressados,
um misto de medo dali ou pressa do
cotidiano?*

*Vejo uma moça e seu companheiro,
entrando no carro que está à frente da
ruína.
Ela parece frágil, incapaz de se manter de
pé,
provavelmente sente dores,
o rapaz luta para segurá-la,
abrindo a porta com dificuldade,
por um momento me mexo no intuito de ir
ajudá-la,
Ela quase cai, mas, com esforço,
consegue se acomodar no assento.
Um momento de tensão,
enquanto a vida segue...
Olhei para o prédio ao lado e ali era uma
clínica, o que explica a situação.
Sinto um olhar em minha direção,
de surpresa me incomodo.
Pensei que estava escondida,
naquela sombra,
mas um rapaz, à espera no carro,
me observa com curiosidade,
talvez se perguntando
o que faço ali, parada,
fitando aquele prédio à nossa frente.*

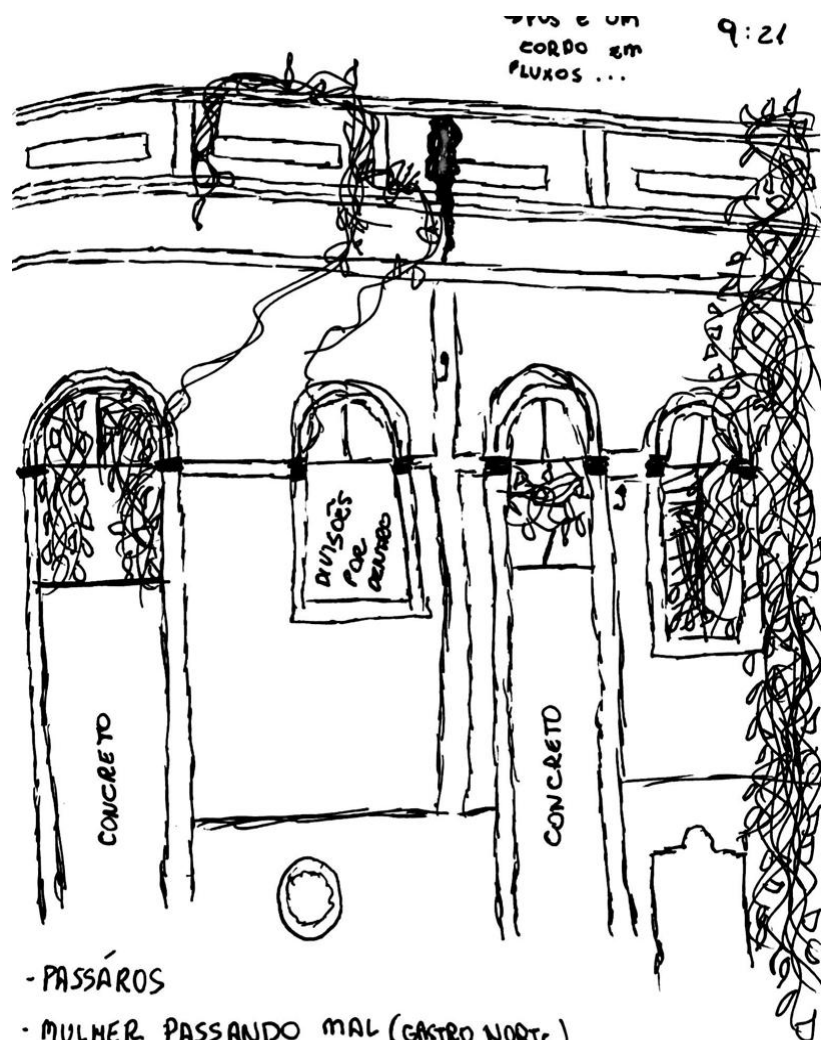
¹⁷ Neste momento, começarei a compartilhar alguns momentos que estão guardadas no meu diário de campo, que estão relacionadas à cartografia a qual me guia em cada passo pelo trajeto da cidade. Assim, convido você a me acompanhar nessas memórias.

Para iniciar o campo, o primeiro passo foi mapear os sítios do Centro de Manaus. A cartografia, enquanto prática, não se limita a uma simples representação de caminhos, mas se configura como um processo dinâmico de acompanhamento de percursos, onde a percepção e o desenvolvimento das conexões se expandem de maneira rizomática. De acordo com Deleuze e Guattari (1995), esse movimento é "inteiramente voltado para uma experimentação ancorada no real" (p. 21), o que sugere que a cartografia não é apenas teórica ou abstrata, mas enraizada na experiência concreta, nas relações e nos fluxos que emergem do cotidiano.

Essa abordagem rizomática desafia a ideia de uma única direção ou caminho linear, propondo, ao contrário, uma multiplicidade de trajetórias que se conectam de formas inesperadas e fluidas.

Durante esse percurso, várias situações surgiram, provocando reflexões que compartilharei ao longo do caminho no meu diário, revelando como me senti em cada momento e apontando as principais coisas que ocorreram. Esta pesquisa é guiada por pistas da cartografia, e a primeira é a que Eduardo Passos e Regina Benevides (2009, p. 17) começam falando sobre a pesquisa-intervenção, sendo entendida como um deslocamento em direção ao local a ser investigado. Além do mais, Kastrup

Figura 8. Compartilhamento do Diário de Campo



- PASSÁROS
- MULHER PASSANDO MAL (GASTRO NORTE)
- OBSERVO E SOU OBSERVADA
- RAPAÇ DO BALDE (SUSTO)
- VOLTAS - PRÉDIO DAS 3 BONECAS

Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

(2019, p.101) cita que a “singularidade da cartografia é considerar a existência de uma ontologia das forças e dos processos de produção, que são reiteradamente buscados pela investigação.”

Essa citação diz que, a cartografia não é apenas uma representação superficial de lugares, mas um meio de averiguar as dinâmicas subjacentes que influenciam como esses espaços são criados e vividos.

Ao considerar a existência dessas forças, a cartografia se torna uma maneira instigante para entender as interações sociais, políticas e econômicas que afetam a configuração do espaço urbano. Isso implica que, ao mapear um território, estamos também revelando as complexas relações de poder, as narrativas culturais e as experiências individuais que se entrelaçam nesse contexto.

Portanto, a pesquisa cartográfica busca não apenas a localização geográfica, mas também a essência e a dinâmica que definem esses lugares, contribuindo para uma compreensão da realidade que habitamos.

Assim, fui caminhando em direção a lugares que, a princípio, já havia visto em algum momento. Ao longo da pesquisa, falo que meu olhar para esses prédios vem de tempo, então eu já tinha uma breve noção em que lugares ir. Nesse primeiro dia de mapeamento o que logo me chamou a atenção foi os olhares das pessoas à medida que me aproximava desses sítios; muitos demonstravam estranheza.

5 de setembro – em meio aos escombros: arquiteta?

12h02min

Obra embargada

Resto de concreto, madeiras e ferros,

formando padrões aleatórios,

fios entrelaçados, cores dispersas,

canos quebrados,

restos,

restos,

restos.

O que é esse resto? Pergunto-me.

A moça vendendo mel em sua barraca à

frente,

mal troca olhares,

seu único diálogo: “Não sei.”

Pelo rapaz da barraca ao lado

Que também pouco olha para mim

“Era uma loja de joias...”

E depois uma lanchonete.”

Confusa!

Estou nesse resto, [ou sou esse resto]

aqui permaneço, observando.

Vestindo legue preta, boné azul, blusa

escura e tênis.

Susto!

Lá em cima, um rapaz aparece,

batendo tijolos,

Concentrado, recolhe ferros e fios,

bermuda e tênis são seu único traje.

Seus movimentos, precisos, revelam

intenção,

parece conhecer esse espaço,

sons que ressoam, pedras empilhadas.

Lá vem ele...

Olha por um segundo para mim e pergunta:

“Você é arquiteta?”

Naquele dia, muitos atravessamentos tomaram conta de mim. Eu não estava em um local com pouco movimento, pelo contrário, encontrava-me em uma área supermovimentada, repleta de transeuntes e comércio. Mesmo assim, me senti vulnerável naquele instante, não tinha pretensão de ser vista. Mas quando ele fez aquela pergunta, ri, percebendo que seu olhar se fixava em meu caderno; ele provavelmente fez associações e deduziu que eu poderia ser arquiteta.

Assim ficamos conversamos por alguns minutos. Ele me contou que juntava sucatas e, curioso, perguntou sobre minha pesquisa. Expliquei brevemente, e ele compartilhou a história daquela obra embargada, revelando que aquele espaço tinha sido um prédio histórico há algum tempo. Ao nos despedirmos, perguntei seu nome, curiosa. Ele hesitou um pouco, e percebi um leve receio. Então, disse: “Moça, eu não tenho nada a temer.” Em seguida, revelou seu nome e se despediu.

*Entra outro homem, cantando, faca em punho,
Sento-me próximo, à espera de sua partida,
Ele se vai levando uma janela em seus braços.
E eu, retornando, refaço os ecos,
Os sons, os gestos que eles desenharam.
Chamo atenção ali em meio aos escombros
Chamo a atenção sem querer,
Ouço ao fundo: “Cuidado, moça...”
“Você faz parte do conselho?” Em risos respondo um singelo não*

Por um determinado momento, me vi questionando que talvez minha vestimenta estivesse atraindo esses olhares e levando a pensar que fosse aquela “arquiteta”, mas após refletir percebi que havia algo a mais em jogo — uma espécie de interação social que ia além da aparência. Era como se, naquele momento, os transeuntes não estivessem apenas passando por ali, mas observassem de forma intencional e curiosa a minha presença. Seus olhares pareciam perguntar: “*O que aquela menina está fazendo ali?*”

O curioso é que, antes eu do outro lado da rua, observava o fluxo existente e ninguém parava para observar aquela obra embargada, ficou evidente que o simples fato de eu estar ali, naquele ponto específico, fazia a diferença. O espaço, que normalmente passaria despercebido, tornou-se, por minha presença, um ponto de atenção. As pessoas, acostumadas a ignorar aquele local sem importância aparente,

agora se viam invadidas por um mistério, algo que quebrava a rotina do cotidiano de quem passava.

Foi como se, em um cenário aparentemente banal, tivesse se criado uma pequena narrativa invisível, em que minha figura passou a ser o centro de uma curiosidade momentânea. Essa relação me permitiu que me debruçasse no espaço, interagindo com ele, o que agrega para minha compreensão e favorece uma leitura mais próxima das realidades da cidade e desses fluxos existentes. Assim como forma de estar mais inserida naquele meio, crio relações com esses espaços a fim de aguçar minha percepção e conseqüentemente quebrando momentaneamente dinâmicas já estabelecidas.

Aqui, compreendo que o objeto e o sujeito caminham juntos nesse processo. Por isso, essa pesquisa não pode ter pontos pré-estabelecidos; tudo se forma ao longo do percurso, à medida que vou a campo, observando e me inserindo na realidade que me cerca. Ao perceber os fluxos das ruas em horários distintos, entender a organização de cada local, identificar quais pessoas estão inseridas naquele ambiente e como o trânsito varia ao longo do dia — todos esses elementos são importantes para a construção desta pesquisa.

05 de setembro – complexo de memórias latentes

14h00

Caminho em sua direção, distante, já sinto sua presença.

Sigo em pensamentos,

carregada por memórias que se impõem,

Caminho em uma bolha de lembranças,

sem olhar ao redor,

com um aperto que se alastra pelo corpo.

Apenas sigo...

Quero continuar, mas também desejo voltar.

Estou do outro lado da rua, na praça,

Ele está logo ali,

por um instante desperto,

sinto que estou sendo acompanhada...

Enquanto andava em direção ao próximo local, um lugar que eu já sabia de antemão, me vi imersa em tantas memórias que surgiram ao longo do percurso. Só notei o quanto estava imersa em pensamentos quando já me encontrava na praça da

Matriz¹⁸. Foi ali que notei uma moça, descalça e com as roupas sujas, caminhando ao meu lado, não tão distante, mas também não tão perto.

Quando parei para atravessar a rua, aguardando os carros passarem, vi que ela imitava os meus movimentos, como se estivessemos em sintonia. Eu parei com as mãos na cintura e o punho fechado, e vi que ela fazia o mesmo gesto. Quando atravessei a rua, percebi que ela me observava discretamente, seguindo com a mesma postura e andar. Achei aquilo curioso, no entanto, segui meu caminho para um lado enquanto ela se afastava para o outro.

Naquele instante, precisei parar por um momento para perceber o que havia deixado de notar no caminho. Ao olhar para a praça lotada, com pessoas indo de um lado para o outro e outras ali, fazendo dela sua morada, com papelões espalhados e roupas entre as árvores, comecei a entender que a moça que me acompanhava provavelmente tinha uma relação íntima com aquele espaço. Ela parecia conhecer bem aquele ambiente, como se fosse parte dele.

Aquela paisagem imediatamente despertou em mim uma série de reflexões. Desde que comecei a estar em campo e me aproximar das realidades existentes, especialmente no Centro de Manaus, onde muitos moradores de rua fazem da cidade sua morada, percebo com mais intensidade a dura realidade desses corpos. Vivem com os pés no chão, sujos, com roupas completamente desgastadas pelo uso constante, provavelmente há semanas. Seus corpos, marcados pelas dificuldades da vida nas ruas, parecem resistir ao tempo e ao abandono. Papelões servem como camas improvisadas, e os bancos das praças se tornam seus refúgios. As esquinas são seus postos de trabalho, com caixas nas mãos, pedindo dinheiro. Alguns, com as últimas forças, vasculham os lixos em busca de algo para comer; outros, exaustos, caem no chão. São corpos que desviam da normalidade imposta por uma sociedade que os ignora, corpos invisíveis, mas que, paradoxalmente, resistem, sobrevivendo à margem de tudo e todos.

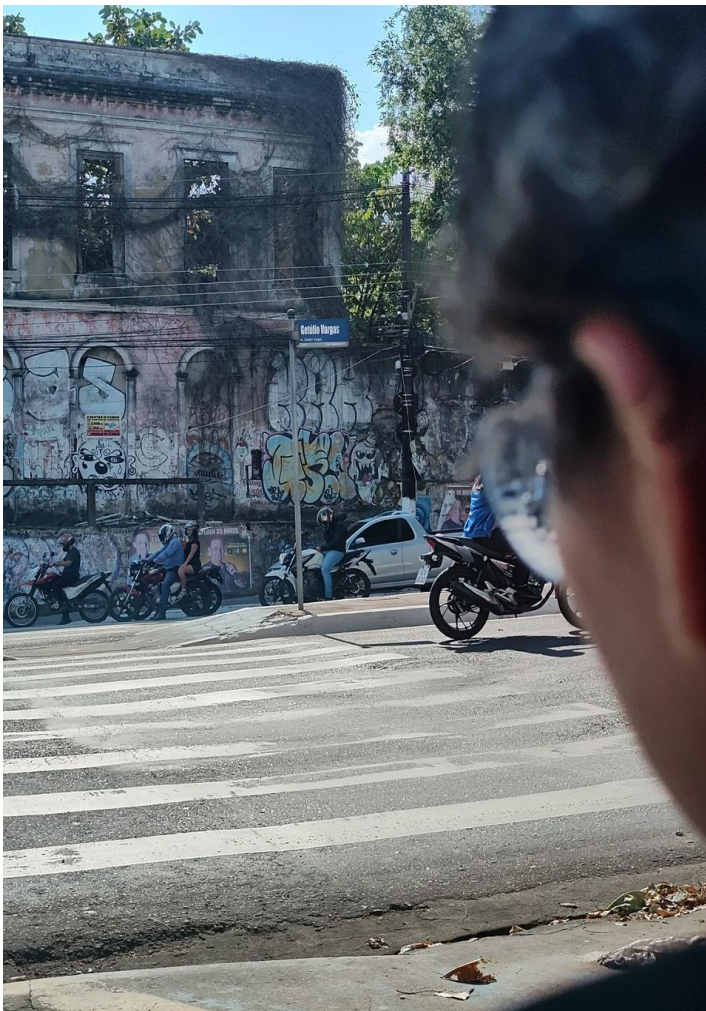
Em um certo dia, um morador de rua, com uma delicadeza surpreendente, se aproximou e me parou. Eu parei para ouvi-lo, e ele simplesmente disse que estava com fome e queria comer. Sem pensar muito, tirei da minha bolsa os 2 reais que tinha e os dei a ele. Ele sorriu, agradecido, e atravessou a rua, para se alimentar.

¹⁸ "A praça XV de novembro, onde está localizada a igreja, já recebeu diversos nomes como Largo da Olaria, praça da Imperatriz, praça do comércio ou praça Osvaldo Cruz. De todos esses nomes o mais importante é ter sido denominado de Largo da Olaria e este foi um dos primeiros nomes, ainda, no Brasil Colônia." Disponível em: <https://manausdeantigamente.blogspot.com/2013/05/a-historia-da-igreja-matriz-de-manaus.html>

Confesso que, em muitas ocasiões, não paro. Simplesmente sigo meu caminho, sem falar nada. E quantas vezes, nós, de maneira quase automática, ignoramos essas vidas à nossa volta? Ignoramos sua presença, suas palavras, sua fome... Quantas vezes nos distanciamos de sua realidade? A sensação de indiferença nos acompanha, e, ao refletir sobre isso, lembro das palavras de Manuela Linck (2018, p. 108):

Os “moradores” do chão da urbe podem estar em pé, estendidos na vertical, mas nos falam de chão. Tem chão no corpo deles. Fora do nosso campo de visão. Cores e trapos ferrugem, sujeira, poeira, carvão. São tons de neblina, esfumados entre suas expressões ofuscadas. Talvez sejam como os grafites – como aqueles que ficam sobrepostos nas paredes da cidade, rascunhados, de contornos imprecisos. Os rostos? Não importa. [...] São rostos do ‘refugio humano’ – dos não adequados ao sistema capitalista flexível e exploratório.

Figura 9. Fazendo mapeamento de sítios



Fonte: Carvalho, 2024

Seus corpos vivenciam a cidade de uma maneira brutalmente intensa, criando seus próprios fluxos no meio da deriva de uma sociedade indiferente. Prédios abandonados se tornam seus refúgios, e, entre o concreto, escadas funcionam como pontos de descanso. Sob o sol escaldante, as árvores oferecem um abraço improvável. Mas até quando essa realidade vai persistir?

Diante isso, Virgínia Kastrup (2009) fala que a atenção é um aspecto fundamental nesse processo. A cidade tem um fluxo constante e intenso em todos os momentos, e manter uma atenção minuciosa é essencial para não deixar escapar informações relevantes que podem agregar à pesquisa.

Ao mapear os locais, muitas vezes me via imersa e pousando meu foco em um único ponto, até que percebi que não poderia restringir minha atenção a uma única coisa. Principalmente quando as memórias que surgiam tomavam conta de mim, me fazendo ficar em uma bolha. O

entorno estava sempre em movimento, oferecendo uma infinidade de estímulos.

Ao prestar atenção a esse aspecto dinâmico, comecei a abrir meu olhar para tudo o que os locais têm a oferecer. Essa mudança de foco me permitiu perceber as interações sutis entre as pessoas, sons, cheiros, objetos e animais que por vezes eu me assustava em percebê-los tão silenciosamente.

Figura 10. A mala vermelha



Fonte: Arquivo pessoal, 2024

Em uma das minhas visitas aos sítios, capturei uma imagem que ficou gravada na minha memória. Uma mala vermelha, sempre no mesmo canto, me chamava a atenção cada vez que eu retornava. Ela permanecia ali, como um objeto fixo e silencioso, testemunhando a rotina daquele espaço. No entanto, em um determinado dia, ao voltar, percebi que a mala havia sido deslocada, agora posicionada em um lugar diferente, de uma forma que não havia visto antes.

Essa mudança me levou a refletir sobre os movimentos que acontecem dentro dos sítios ao longo dos dias. Esses espaços, longe de estarem vazios, são abandonos

habitados.

Figura 11. Mala em outro canto



Fonte: Arquivo pessoal, 2024

Ao iniciar o processo de mapeamento dos sítios no Centro Histórico de Manaus, senti a necessidade de registrar tudo: anotar minhas percepções, documentar cada situação e estar atenta aos locais em que me encontrava. Além disso, a experiência de estar em um ambiente onde ninguém me conhecia me fazia sentir como uma estranha, atraindo olhares, gestos e até comentários. Esse processo de cartografia, mais do que uma simples documentação geográfica, envolvia uma constante atenção ao meu entorno e às interações com o espaço e as pessoas.

Refletindo sobre essas experiências, percebo como o ato de ir a campo, ora acompanhada, ora sozinha, trouxe diferentes sensações. Quando caminhei sozinha pela primeira vez, senti uma vulnerabilidade latente ao longo do trajeto, meu corpo permanecia em alerta constante, respondendo de forma mais tensa e atenta ao ambiente ao meu redor. Esse sentimento de vigilância parecia ser uma resposta automática ao espaço que eu percorria, como se o próprio território exigisse uma postura defensiva.

Porém, ao realizar o mapeamento com colegas, notei que me sentia um pouco mais "protegida" por estar acompanhada, o que trouxe certo conforto à medida que caminhávamos juntos. No entanto, o estado de vigilância não desapareceu completamente; ele se manteve, apenas com uma intensidade menor. Isso ocorreu porque, apesar de estar acompanhada, todos que estavam comigo não tinham uma relação íntima ou vivência próxima aos espaços que estávamos explorando. A cartografia, portanto, não se limitava apenas a registrar o espaço físico, mas também a perceber as relações afetivas e sociais que ele gerava, assim como as dinâmicas de poder, pertencimento e identidade que emergem no contato com diferentes territórios.

Assim, sou levada a pensar no que Costa (2021) menciona que, ao entrar em campo, o cartógrafo deve estar ciente de que já existe um processo em andamento. Compreendo que é essencial me inserir nesse território que não é meu para realizar o que me proponho. Essa inserção exige uma atenção ainda mais aguçada, pois preciso respeitar a dinâmica local e as interações que ocorrem ao redor.

Acompanhar processos é a terceira pista, e confesso que é intimidadora. *Lembro de estar terminando o segundo dia de mapeamento desta pesquisa, por volta das 16h30, quando decidi voltar por uma rua que ainda não conhecia. Essa rua tinha muitos prédios "abandonados", mas que eram habitados por diversos moradores de rua. O interessante é que, enquanto a rua estava tranquila e quase deserta, dentro daqueles prédios a realidade era bem diferente: havia uma agitação intensa e uma grande quantidade de pessoas.*

Assim que pisei naquela rua, fui recebida por muitos olhares — alguns desconfiados, outros confusos e alguns claramente não muito contentes com minha presença. Sentindo essa tensão, acelerei o passo, percebendo que ali existia uma dinâmica própria. Entendi que, a partir de certo horário, a passagem de pessoas não autorizadas poderia ser indesejada ou até mesmo perigosa. Essa experiência me fez

refletir sobre as realidades que coexistem em um mesmo espaço e a necessidade de respeitar as regras não ditas que regem essas interações.

Assim, a quarta pista aborda os dispositivos, destacando que "temos sempre, portanto, cartografias praticadas em domínios específicos" (BARROS; KASTRUP, 2015, p. 76). Isso nos leva a entender que cada processo é singular para cada pesquisador, e que existem dispositivos (instrumentos) que podem auxiliar nesse processo de campo. Esses dispositivos não se limitam a mapear geograficamente os espaços, mas vão além, nesta pesquisa foi incorporando afetos, sensações e emoções. Eles possibilitaram um olhar mais subjetivo sobre as relações, considerando as experiências pessoais e coletivas que surgiram, bem como os movimentos sociais próprios de cada espaço.

A quinta pista dita por Liliana da Escóssia e Silvia Tedesco (2009, p. 92) traz algumas reflexões que nos fazem pensar em um coletivo de forças que é gerado no trajeto do processo em campo, de forma indireta ou diretamente nos movimentos diários. Onde o cartógrafo é incitador de mudanças e deve participar ativamente nisso.

Sentei ali com ele.

*Cabelos grisalhos, boné cinza, blusa azul com listras,
estava tranquilo, sentado em uma cadeira de balanço,
uma serenidade que transmitia conforto.*

*Eu estava em pé, e fui em sua direção
sentei ao seu lado em um banquinho,
e ele, paciente, observando, cuidando do momento.*

*Curioso queria saber o que eu fazia dentro daquele espaço
Então, me contou a história das abelhas – e que história!
Naquele instante, não queria mais sair...*

*Aquele momento, aquele homem, me lembrou do meu avô,
uma saudade profunda invadiu meu peito.*

*Recordei as conversas que tínhamos,
o cuidado que ele sempre teve comigo,
as histórias que me deixavam fascinada quando criança.*

*Ali, naquele momento, voltei no tempo,
Ah saudade...*

Foi como se mais uma vez eu estivesse ao lado dele...

Figura 12. Até onde consigo ver



Fonte: Arquivo pessoal, 2024

Figura 13. Sítio encontrado no processo do mapeamento



Fonte: Arquivo pessoal, 2024

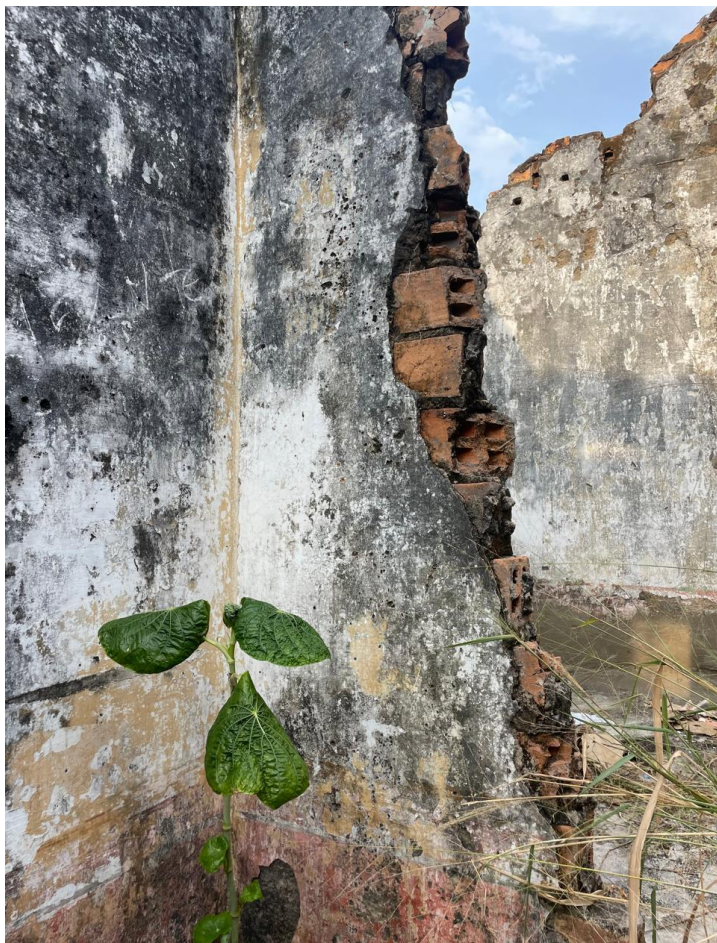
O observador deve estar atento a todas as situações, sem se deixar influenciar por preconceitos ou ideias preconcebidas. Assim a sexta pista diz, caso contrário, não conseguirá mergulhar no processo de maneira a interpretar a verdadeira essência do ambiente.

Ao me aprofundar nesse tipo de pesquisa, percebo que, antes de ir a campo, preciso estar completamente aberta a tudo o que surgir durante minha observação, e não querer modificá-las, mas entender que fazem parte daquele local.

Recordo de uma ocasião em que estava quieta, no canto, observando uma rua e o sítio do outro lado, quando vi dois homens se aproximando. Com certo receio, deixaram um saco preto em um buraco na parede, sem perceber minha presença. Fiquei ali, apenas observando, absorvendo a cena, sem interferir, permitindo que o momento acontecesse e sem saber o que continha ali, apenas pensamentos, fui embora do local.

Assim, a sétima pista aborda a ideia de habitar um território existencial, e é um tema que frequentemente me leva à reflexão. Não é a mesma coisa estar em uma sala fechada realizando laboratórios sobre os lugares ou tentando vivenciar algo que, na verdade, não está presente. Já experimentei, com um grupo, dinâmicas relacionadas aos sítios abandonados, mas ao final todos nós concordamos que esse tipo de experiência só é realmente possível estando fisicamente nos lugares.

Figura 14. Resistências



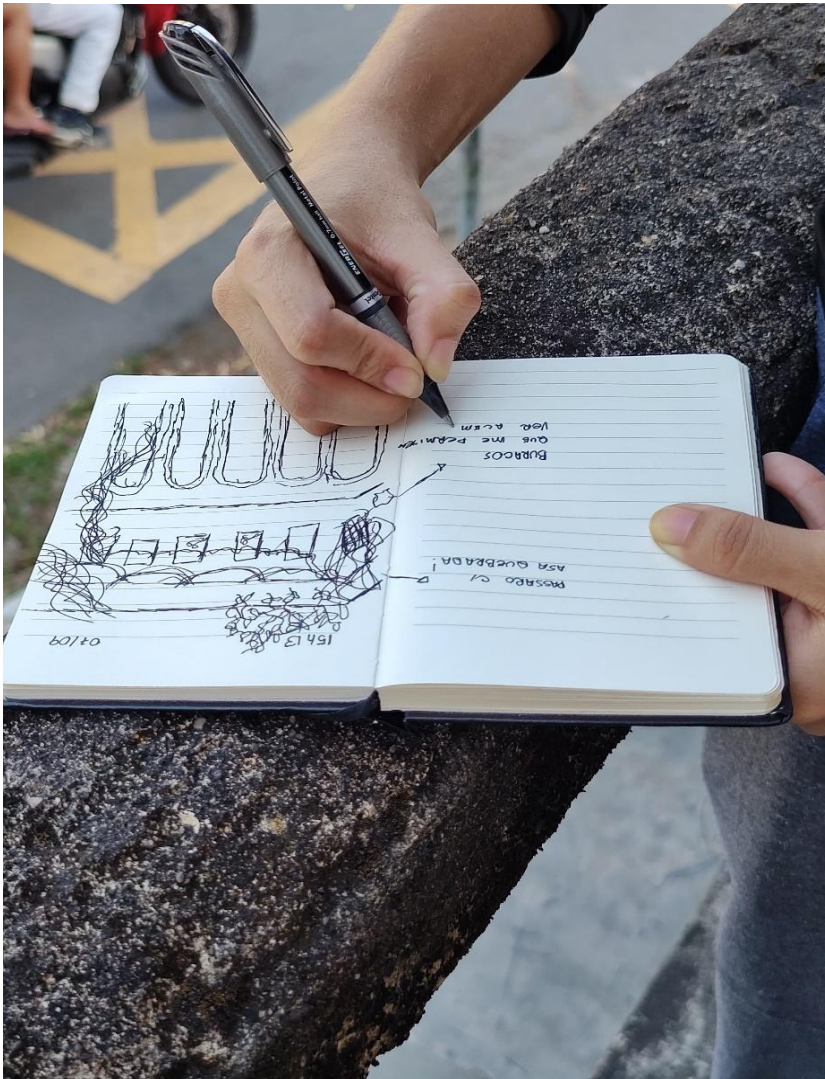
Fonte: Arquivo pessoal, 2024

Além disso, ao me inserir nesses espaços, sinto-me cada vez mais imersa nas memórias e na dinâmica que os permeiam. A relação que estabeleço com eles vai além do visual; é uma identificação com suas histórias de abandono. As paredes rachadas e as janelas quebradas contam narrativas silenciosas, enquanto as folhas tomam conta de cada centímetro, como se tentassem, de algum modo, preservar o que ali existiu.

Essa experiência me leva a refletir sobre o que é ser esquecido e como a natureza, em sua insistência, busca restaurar o que foi perdido. O abandono desses locais não é apenas físico; é um eco das relações que se desfizeram e das vidas que um dia vibraram ali. Em meio a essa deterioração, há uma beleza

melancólica que provoca questionamentos sobre o tempo, a memória e a resiliência dos espaços que habitamos.

Figura 15. A escrita



Fonte: Arquivo pessoal, 2024

Nesse contexto, a oitava e última pista da cartografia abordada por Eduardo Passos e Regina Benevides (2009, p. 150) diz sobre as políticas de narrativa, que dão voz às experiências vividas ao longo do percurso de pesquisa. A escrita, nesse sentido, torna-se um meio para expressar e externalizar tudo o que é encontrado. Através dela, consigo articular não apenas os pontos da pesquisa, mas também as emoções e reflexões que emergem desse percurso.

Durante o campo da minha pesquisa foi essencial ter um diário de que me possibilitasse externalizar algumas questões que aconteciam no meu trajeto, por vezes eu recebia algum olhares por eu estar em um canto mais afastado com um caderno na mão fazendo anotações, mas não podia deixar passar, alguns dias confesso que me entregava ao espaço em que eu estava inserida e tentava deixar que o meu corpo escrevesse o que estava acontecendo, por alguns momentos percebia que eu estava fazendo o uso do caderno muito mais do que experienciando, e com o tempo fui aprendendo a balancear. Com isso, quando eu não escrevia imediatamente eu chegava em casa e deixava meu corpo processar tudo o que tinha vivenciado para poder refletir e colocar no diário de campo o que havia acontecido.

Considero essa prática uma forma de resgatar e dar significado ao que parece esquecido, uma maneira de honrar as histórias que habitam esses espaços e de reconhecer a resiliência que se esconde em cada fragmento dessa realidade.

O ato de cartografar implica lidar com objetivos em constante fluxo, ou seja, embarcar em uma exploração sem saber exatamente o destino a ser alcançado, conforme sugerido por Kastrup (2009, p. 40). O foco do cartógrafo reside nos indícios de processualidade, na compreensão dos sinais que revelam as dinâmicas em evolução.

Assim, em minha pesquisa, a prática da cartografia demanda uma disposição para navegar por territórios desconhecidos, sem a certeza do que será encontrado, mas com a confiança de que cada pista e cada desvio contribuem para a compreensão mais profunda do objeto de estudo. É uma jornada que valoriza a flexibilidade, a sensibilidade e a capacidade de adaptação diante das nuances e complexidades do processo investigativo.

Lembro-me de um momento em que avistei um lugar no centro de Manaus que despertou minha curiosidade. Queria muito entrar ali e viver aquela experiência naquele espaço. Moviada pelo impulso, fui até lá, mas, no entanto, dois dias depois quando voltei, o local já estava fechado e inacessível. Esse tipo de imprevisto é algo que não esperamos, e a pergunta que surge é: como seguir adiante? Acredito que essa pesquisa se desenvolve exatamente assim, enfrentando os imprevistos e recalculando rotas de acordo com as possibilidades de cada dia. Afinal, não posso saber se, no meio do caminho, vai chover, se encontrarei pessoas nos lugares que busco, se conseguirei entrar todos os dias em determinado espaço.

***Sem certezas, sigo em frente,
Lidando com os imprevistos.
Um dia sim, outro não,
A vida se desenha sem direção.
Não tenho como prever o amanhã,
O que será, quem estará, o que virá,
Deixo acontecer, no ritmo da caminhada...***

Para completar Gonçalves (2001, p. 67) ressalta sobre a pesquisa de campo, que busca obter informações diretamente da população pesquisada. Isso demanda um contato mais direto por parte do pesquisador. Dessa forma, é necessário que o pesquisador se desloque até o local onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu, para coletar e documentar um conjunto de informações.

Ao realizar as experimentações no espaço urbano e analisar e investigar como se dá as relações corpo-espaço-memória no Centro Histórico de Manaus, adentro neste viés de encontrar no campo e nas experiências as respostas para os objetivos de meu trabalho.

Essa pesquisa é um trajeto de autodescoberta, uma exploração em que me encontro tanto como artista, quanto como pesquisadora. Nesse sentido, não me limito a um único lugar. Cada momento é uma oportunidade para a pesquisa se desdobrar, pois ela acontece constantemente, em cada lugar que visito, em cada sensação que experimento, em cada visão que presencio na cidade, em cada som que escuto ao fazer meu trajeto diário e as múltiplas ações que faço. Sua natureza fluida e em constante movimento desafia a ideia de confiná-la a um único contexto ou ambiente.

No entanto, reconheço a importância de utilizar recursos que me auxiliem na captura e na reflexão sobre esses diversos atravessamentos. Assim, a coleta de dados se utiliza de registros que possibilitam a preservação e a análise dessas experiências essenciais para manter viva a riqueza e a complexidade desses encontros. Portanto, o celular foi utilizado para registrar imagens e vídeos dos laboratórios de experimentos nesse processo da construção da pesquisa, permitindo um olhar sensível para todos os momentos que forem ocorrendo.

Por fim, vale destacar a importância fundamental do diário de campo nesta pesquisa. Diniz (2017), jornalista e pesquisadora, explica que o diário de campo é um caderno utilizado para anotar coisas repentinas no local de pesquisa e, posteriormente, serve como um ajuste de memórias. Ou seja, durante a investigação ou coleta de dados, o pesquisador toma notas, pois não é possível lembrar de tudo o que foi falado, ouvido ou vivenciado no campo de pesquisa.

Dessa forma, ele é um meio indispensável, permitindo registrar todos os atravessamentos que surgem ao longo do desenvolvimento deste trabalho. No diário, posso expressar minhas inquietações, dúvidas, memórias e reflexões de forma íntima e autêntica. É um espaço onde dou voz às nuances e complexidades desta jornada de autodescoberta como artista, mulher e pesquisadora. Assim, o diário de campo se

torna não apenas um registro, mas também um companheiro de viagem, guiando-me através dos territórios desconhecidos. E partindo de uma revisitação ao diário de campo e revivendo momentos que começo a pensar no terceiro capítulo desta pesquisa. A construção da tríade corpo-espaço-memória, que venho explorando desde o início, é algo que não consigo dissociar; falar de uma, implica falar das outras.

Assim, no próximo capítulo, convido você a acompanhar as experiências que vivi nos sítios e as relações que foram criadas a partir dessa aproximação com os locais.

3 TECENDO O CORPO-ESPAÇO-MEMÓRIA



Fonte: Carvalho, 2024.

Habitar espaços abandonados foi, para mim, uma jornada de autodescoberta que me tirou da zona de conforto, ali são corpos e suas sensações reverberando em cada centímetro do espaço. Esse processo me levou a compreender emoções, a me olhar com mais sensibilidade e a me ouvir de maneira mais profunda, permitindo-me, assim, ressignificar memórias ao longo do caminho. Quando mergulhei neste trabalho, não fiz planos sobre o que poderia emergir de criações; simplesmente me entreguei ao fluxo, permitindo que as descobertas se desvelassem enquanto explorava os espaços abandonados do Centro Histórico de Manaus.

Quando você está ali, nos sítios, as vivências e sensações que ocorrem são muito específicas que só esses espaços podem transmitir. Cada canto, cada ruína, cada rachadura, pedaço de madeira, cada concreto desfeito com o tempo, cada raiz com sua força e fragilidade, cada vestígio carrega uma história que se entrelaça com o próprio ser. O corpo vai sendo afetado, gradualmente, por uma energia que emana desses espaços, e a certeza que eu tinha é que essas sensações estariam no que viesse a surgir no percurso de criação.

À medida que tenho mais intimidade com o sítio, começo a perceber as potências que residem ali, invisíveis à primeira vista, mas que se revelam à medida que vou me entregando ao lugar. São forças que despertam no silêncio, no esquecimento, e que têm o poder de transformar e principalmente de te fazer questionar algumas relações que por vezes não possuem explicações, ou pelo menos, eu ainda não consigo explicar.

Algumas coincidências, ou talvez acasos, ou o inesperado, enfim, se entrelaçaram no meu percurso em campo que, desde então, não param de passar pela minha mente. Me pego questionando, como pode? Como explicar? Devo explicar?

Fico verdadeiramente intrigada tentando entender esses “fenômenos”, se é que posso chamá-los assim. Há algo de inexplicável, de misterioso, que me fascina nessas ocorrências que parecem escapar ao controle da razão. Como se o acaso, ou algo além dele, estivesse traçando linhas invisíveis entre os acontecimentos, conectando-os de uma forma que, por mais que eu busque, nunca consigo compreender por completo. E talvez seja isso que mais me desafia: tentar dar sentido ao que não se deixa explicar, ao que surge sem aviso, mas com uma intensidade que insiste em me tocar.

3.1 NARRATIVAS DO ACASO

Confesso que fiquei me questionando se deveria ou não compartilhar esses “fenômenos” que aconteceram comigo, mas ao chegar até este presente momento da escrita, me encontro estagnada justamente relembrando dessas situações do acaso ou coincidências – como preferir chamar.

Há mais dúvidas do que respostas, há mais interrogações do que afirmações, há mais porquês do que certezas. Me pego pensando: haverá alguma explicação? Ou isso tudo são mensagens, sinais do universo? Seriam respostas disfarçadas, esperando para serem compreendidas? Será que tem a ver com energias, com vibrações que não consigo perceber ainda? Ou estou apenas à mercê de um simples acaso, onde nada faz sentido e tudo acontece por pura sorte ou destino? Mas faz sentido, só não sei explicar... Será que existe respostas?

Sabe aqueles momentos em que algo acontece logo depois de você ter falado sobre isso? Ou quando, no exato instante em que pensa em alguém, essa pessoa aparece ou te manda uma mensagem? Ou ainda, quando você está procurando algo específico e, encontra em um lugar onde nunca imaginaria encontrá-lo, e lá está, como se tivesse sido deixado ali por acaso? É como se os lugares e os momentos se cruzassem de maneira misteriosa, e foram justamente essas coincidências que me deixaram pensativa...

Os pássaros são eternos...

No dia 04 de setembro, uma quarta-feira, por volta das 14h, estava no centro da cidade com uma colega, a quem convidei para me acompanhar no processo de mapeamento dos sítios. Em determinado momento, ela comentou que achava interessante a presença desses animais, especialmente os pássaros, nos locais que estávamos visitando. Achei a observação dela muito pertinente e começamos a conversar sobre isso ao passo que caminhávamos para o próximo local.



Para mim, os pássaros têm um significado pessoal, e, ao começar a explorar os sítios, notei que eles eram uma constante por ali. Existe uma relação peculiar: os pássaros fazem morada naquele ambiente, e, quando alguém desconhecido se aproxima, o encontro causa um susto mútuo, algo **inesperado**. Enquanto estamos ali, no chão, imersos no processo, o susto deles se traduz em **liberdade**, pois podem voar para o céu, ao contrário de nós, que permanecemos processando o momento até **seguirmos adiante**.

Acredito que ele seja um **reflexo de um sentimento**, que tem relação entre o **passado** e o **presente**. Ele me transporta à **infância**, a um tempo **genuíno**, quando os observava e dizia que desejava poder voar como eles. Encontrá-los, então, nos contrastes desses sítios, me faz refletir sobre sua significância. Mesmo no meio do caos, eles voam com uma liberdade tranquila, sem medo, sempre seguros em sua essência. Eles são como as **memórias**: fugazes, mas sempre prontas para voltar, trazendo consigo a certeza de que, por mais que o tempo passe, algo permanece intacto dentro de nós.

Este trabalho se revela como um voo entre o passado e o presente, um movimento constante de aprendizado, em que aos poucos venho aprendendo a voar como esses pássaros. No início, havia o **receio** de sair do ninho, o **medo** do desconhecido, mas com o tempo, com um pequeno impulso, a **confiança** vai crescendo e o voo se torna possível. Em meio às ruínas, encontro um espaço para **ressignificar**, para entender quais são as amarras que me prendem. Mesmo com o medo, com a **insegurança**, sigo caminhando aos poucos, um passo de cada vez, como quem ainda tenta compreender o que significa voar.

Lembro de um passinho que encontrei em outro dia, também durante o mapeamento. Ele estava tão frágil, caído no chão, suas asas machucadas impedindo-o de voar. No entanto, sua vigilância não se apagava; ele estava atento, observando cada movimento com um olhar cheio de cautela, um pequeno ser que, apesar de vulnerável, mantinha a força de se proteger.

Esse encontro me fez refletir: talvez nem sempre possamos voar livremente, às vezes nossas asas são limitadas por medos, cicatrizes e restrições. Mas, ainda assim, temos a capacidade de encontrar **maneiras de ser e de estar**, de criar formas alternativas de voar, mesmo que os caminhos não sejam os mesmos de antes. O que importa é a busca constante, o movimento, a **coragem** de seguir em frente, mesmo quando o céu parece longe...

Enquanto caminhávamos em direção ao próximo local, fui comentando com ela exatamente sobre essas relações que vinham à mente. Quando chegamos, começamos a visualizar o ambiente ao nosso redor. O primeiro lugar que fui olhar foi uma grade no chão, que me permitia ver o que estava ali dentro. Ao me agachar, encontrei uma capa de livro virada de costas, toda suja e desgastada. O que realmente chamou minha atenção, no entanto, foi o desenho, provavelmente feito por uma criança. Curiosa, peguei a capa e virei para descobrir do que se tratava. Assim que a virei, senti um arrepio, aquele momento que passa “que coincidência!!!”. O título do livro era: *Os pássaros são eternos...*

Por um momento fiquei pensando como poderia isso acontecer? Durante toda a nossa trajetória, conversávamos sobre a relação dos pássaros, e, quando menos esperava, algo relacionado a isso surgiu diante de mim... Será que atraímos aquilo de que falamos ou pensamos? Como poderia aquela capa de livro, com aquela frase, aparecer exatamente naquele momento, quando estávamos discutindo sobre isso? Seria apenas uma coincidência? Ou talvez uma afirmação? Um recado, quem sabe? A dúvida fica no ar...

As 3 bonecas...

No dia 27 de agosto, às 9h20, estava fazendo a primeira parte do mapeamento da minha pesquisa sozinha. Fui ao primeiro espaço abandonado, o qual já havia observado várias vezes de carro, mas nunca havia parado para me aproximar.

Lembro que me senti tão imersa naquele ambiente, observando e anotando, que memórias começaram a surgir e sensações a se intensificar. Com o tempo, meu corpo passou a sentir uma espécie de inquietação... Não consegui entrar no sítio, já que o acesso era apenas por uma janela alta, quase inacessível sem uma escada.

Depois de um tempo comecei a me sentir agoniada de ficar ali e ao mesmo tempo enjoada, me senti diferente. Para tentar aliviar a sensação, decidi dar uma volta ao redor, na esperança de encontrar outras formas de acessar aquele espaço e amenizar o que eu estava sentido.

Enquanto dava a volta no quarteirão e me aproximava da rua ao lado do sítio, observando tudo ao redor, comecei a me sentir mais agoniada, com o corpo mais tenso. Parei na calçada para tomar um pouco de água e, ao olhar para cima, vi três bonecas sujas, cada uma pendurada em uma janela, com uma fita vermelha em volta

do pescoço. A visão me causou um arrepio, e tentei entender o motivo de elas estarem ali daquela forma, mas a sensação foi tão desconfortável que preferi sair daquela rua. O ambiente não me transmitia uma sensação boa.

Figura 17. As três bonecas



Fonte: Arquivo pessoal, 2024

Quando foi no dia 03 de setembro, durante o 12º Festival Amazonas de Dança – FAD, o trabalho *Emaranhar* foi contemplado para ser apresentado no Impact Hub. O espaço era amplo, com dois andares, mas apenas o de baixo estava sendo utilizado. As pessoas estavam sentadas em formato de arena, e assim o evento seguia. No meio da apresentação, em um determinado momento, senti que alguém na parte superior me observava.

De relance, olhei para cima e, apesar do incômodo que senti no momento, não dei atenção a isso na hora, precisava me concentrar no que estava fazendo e de certo

modo, pra dispersar isso percebi que me entreguei a cena de uma maneira que ainda não havia experimentado, foi interessante.

Quando minha apresentação terminou, instintivamente olhei novamente para cima, onde tinha visto aquela pessoa observando, mas ela já não estava mais lá. No entanto, a sensação de ter sido observada naquele momento me deixou pensativa, e logo lembrei das bonecas que vi na janela. Algo naquela conexão me inquietava.

Mais tarde, já em casa, recebi uma mensagem de uma menina que eu nunca tinha visto, mas que assistiu à minha apresentação. Ela me falou sobre como o trabalho *Emaranhar* a tocou e que havia tirado algumas fotos. Em seguida, me enviou o link das imagens. Ao ver as fotos, senti um arrepio percorrendo meu corpo, e minha mente imediatamente fez a conexão com a sensação que tive na rua ao ver as bonecas. A coincidência me deixou confusa e assustada.

Figura 18. O olhar de cima



Fonte: Reis, 2024

Me perguntei se estava pensando demais, talvez me envolvendo demais? buscando relações nessas coisas? Mas, por outro lado, era difícil ignorar o impacto das sensações que aquelas coincidências me causaram.

Tudo parecia tão interligado! Qual a chance de eu ver aquelas bonecas na janela e, sentir a mesma sensação ao perceber alguém me observando de cima? Seriam essas coisas relacionadas de alguma forma? Por que a mesma sensação, como se fosse um eco no tempo? Será que, de alguma maneira, atraímos essas relações? Talvez seja uma forma de diálogo? Um jeito de entender algo que ainda não conseguimos ver com clareza?

A verdade é que, à medida que me aprofundo nessa pesquisa e neste tipo de trabalho mais sensível me sinto, mais atenta e aberta às sutilezas do que me rodeia. É como se as sensações fossem se acumulando ao longo do caminho, como se algo invisível me acompanhasse. As coincidências, embora não tenham uma explicação concreta, tocam algo dentro de mim, e sei que, de algum jeito, são importantes nessa caminhada. Elas me fazem questionar, refletir, e, mesmo sem ainda entender em sua completude, sinto que há algo nelas que merece ser ouvido e vivido.

...

E foi nesses acasos e nos encontros com os sítios que a tríade corpo-espaco-memória se desvelou diante de mim. Percebi, nas entrelinhas das minhas palavras e tentativas de explicar, que essa conexão já estava ali, presente. O mapa que surgiu, então, não é apenas um traço no papel, mas a própria tradução dessa percepção, ou de uma possibilidade dela.

E ao olhar para esses outros corpos, os sítios em si, vejo que eles também guardam essa tríade. São corpos vivos, pulsantes, com seus próprios fluxos de história e memória, muitas vezes invisíveis aos olhos de uma sociedade que os ignora. Eles falam, silenciosos, revelando o que foi, e levantando questionamentos sobre o que ainda pode vir a ser.

Mas entendo que não há como esperar que essa relação se revele de maneira clara e definitiva. A vida que pulsa ali é movimento, mudança constante, e cada dia é uma nova página que se vira. Algo sempre se altera, e nesse constante fluir, torna-se impossível definir com precisão essa tríade ou as relações que nela habitam.

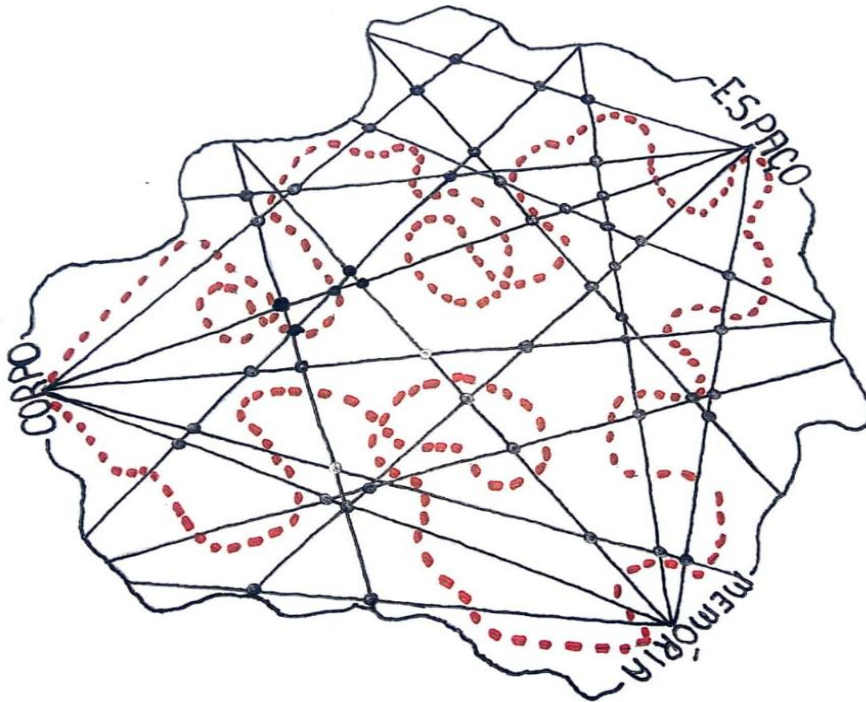
Isso me faz pensar sobre a fragilidade e a força das memórias que habitam nosso corpo. A maneira como um espaço pode evocar emoções adormecidas ou provocar novas experiências e estados de corpo que reflete a complexidade de nossa existência. A cada visita a esses sítios me percebo de formas diferentes.

Concordo com Jorge Larrosa (2002) quando ele ressalta a importância da experiência, é preciso vivê-las para compreender todas as suas reverberações e cada indivíduo vai se perceber de uma maneira, ser afetado de uma forma e Costa (2021, p.94) diz que:

A experiência está relacionada aos acontecimentos que vêm ao encontro das subjetividades de cada um, eis o poder da experiência, ela não se trata de uma relação quantitativa com o mundo, e sim de uma relação íntima com ele. Foi percebendo que somente o ato de vivenciar, estar, permanecer e se deixar ser invadido pelos elementos, sensações e memórias que nos afloram o corpo, que buscamos uma recorrência de atos invasivos em meio ao movimento contínuo do abandonado.

Sendo assim reflito e compreendo que a cidade, com seus ritmos e fluxos, se tornam um palimpsesto de memórias e histórias, onde o corpo não é apenas um agente passivo, mas um participante ativo na construção e reconstrução de significados.

Figura 20. Tríade



Fonte: Arquivo pessoal, 2024

A tríade se forma para mim ao passo que crio relações, ao transitar pela cidade e criar rotas até os locais, percebo que esses fluxos do percurso também integram a tríade, na verdade, são a construção desse meio. Não se trata apenas de estar no lugar em si, mas do caminho que, por sua vez, constrói diálogos e reflexões.

Nesse sentido, o mapa não é apenas um instrumento de organização, mas uma representação visual dessa complexa rede de relações. Cada linha, cada ponto, simboliza uma interação, um diálogo entre corpo, memória e espaço. Ao navegar por esse emaranhado, estou aprendendo a aceitar a complexidade e a riqueza dessa interconexão, reconhecendo que é precisamente essa confusão inicial que dá profundidade e significado à minha prática artística.

Portanto, a tríade corpo-memória-espaço não é um quebra-cabeça a ser resolvido, mas uma tapeçaria viva de experiências e significados em constante evolução. Cada novo atravessamento, cada nova reflexão, acrescenta uma nova camada a essa relação.

Ao caminhar pela cidade, observo os locais abandonados que permanecem ali, resistindo ao tempo. Essa experiência me leva a refletir sobre o que Rocha (2010, p. 48) menciona e como suas palavras ressoam em mim, me transportando para um momento que parece vivo.

O tempo dos abandonos pode ser longo como o de uma ruína ou rápido como o de uma implosão, pois é difícil de ser modificado e quantificado. Tudo pode ocorrer numa fração de segundos ou lentamente como se não passasse de uma longa espera. Abandonar é largar a deterioração, ao apodrecimento, ao mofo. Um resto de parede que teima em ficar de pé, que teima em permanecer, mesmo com a chuva e o vento que leva, dentro e fora teimando em abatê-la. Uma ruína, um resto arruinado, não aquela ruína histórica, mas uma ruína fruto da supressão da própria história. Uma superfície arenosa e abandonada, transformadas em deserto em meio à vida cotidiana das cidades.

Esses espaços não são apenas vestígios do que foi; eles são lembranças e sentimentos, conectando-me a momentos que, de alguma forma, ainda reverberam em mim. As lembranças que trago se assemelham a esse “resto de parede que teima em ficar em pé, que teima em permanecer.” Em vez de resistir a esse sentimento, vou abraçando sua complexidade. À medida que isso acontece, vou me identificando com cada parte desses locais abandonados da/na cidade.

Habitar um espaço que parece inabitável nem sempre é reconfortante; na verdade, pode ser desafiador. No entanto, ele oferece sentidos novos e diferentes daquilo a que estamos acostumados. Cada rachadura nas paredes, cada tijolo que ousa cair, as tábuas quebradas e as folhas que se espalham em tentativas de contar histórias se tornam elementos que falam sobre a vida e o tempo.

***Do abandono ao abandonado
Por vezes sou corpo rachado
Folhas verdes em meio aos fios...
Sou corpo concreto
Sou corpo esfarelado
Sou corpo entre
Entre janelas e passado
Sou corpo esquecido,
mas também achado
Um corpo habitado, eu sou.***

Nesse contexto, vivo e sinto o espaço, e me reconfiguro à medida que ele também se transforma. Durante o mapeamento, visitei cada um dos locais várias vezes, e percebi que, a cada visita em diferentes dias e horários, algo sempre mudava. Uma janela que antes estava lá, já não estava mais; lixos que não existiam passaram a estar presentes; pessoas que habitavam o local já não estão mais;

madeiras que antes não bloqueavam uma janela agora o fazem; um animal que estava lá já não está mais. Em suma, nada permanece igual, muito menos eu.

A cada vez que mantenho essa conexão com o espaço, vou compreendendo a relação que se estabelece. Conforme Santos (2010, p. 77) destaca:

Na cidade, os espaços se multiplicam, mudam suas configurações. O que antes tinha utilização, num curto espaço de tempo pode se modificar, abandonados agora, habitados daqui a pouco. Visíveis e invisíveis. Abandonado e habitado.

Ou seja, o espaço vai dizendo o que pode ou não acontecer, pois antes de adentrar o sítio já está ocorrendo um fluxo e eu apenas o sigo. Além disso, esses abandonos têm vida e são habitados, seja por moradores de rua ou animais. Significa que a qualquer hora do dia, haverá um fluxo que não controlamos, mas que podemos apenas seguir e respeitar.

Ao refletir sobre todas as minhas entradas nesses sítios e tudo o que eles me levaram a sentir, percebi que as criações desta pesquisa, eram mais do que uma busca por formas ou imagens; tratava-se de capturar a corporeidade desses espaços, de entender a relação visceral entre o meu corpo, o ambiente ao redor e as memórias que eram desveladas.

Cada adentrar, cada movimento que fazia dentro daqueles espaços, me permitia perceber os elementos que ali estavam e minha relação com eles. Quando meu corpo tocava as paredes, a adrenalina de achar possibilidade de subir pelas janelas ou ao me entrelaçar nas raízes que ao meu redor estavam. Cada sensação, cada detalhe, me levava a observar com mais atenção, como se, ao me integrar ao ambiente, estivesse também criando uma memória daquele lugar, algo que transcendia a visão estética e se tornava uma experiência sensorial e emocional, capturando não apenas a arquitetura, mas também o espírito do concreto e a corporeidade que nele residia.

Figura 21. Corpo entre percepções



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Sempre que adentrava os espaços, buscava gravar — uma maneira de poder revisitar, de retornar a algo que, talvez, tivesse escapado por entre o meu olhar no momento presente. E logo percebi que essa minha relação com os lugares estava sempre entre algo — entre o que eu carregava na memória e o presente, entre os escombros dos lugares, entre o que eu sentia e o que o espaço me desafiava a perceber. Cada canto, cada ruína, cada fragmento que eu encontrava parecia me mostrar que eu estava entre coisas, entre muitos significados. Estava entre o que era e o que poderia ser, entre o que existia na superfície e o que se escondia nas fissuras, entre a quietude do momento e o turbilhão das minhas sensações.

E então, comecei a me perguntar: o que poderia surgir de tudo isso? O que desses "entres" poderia surgir? Não se tratava apenas de observar, mas de mergulhar entre os próprios espaços e minhas próprias sensações, tentando captar o que se desenhava no limite entre o conhecido e o desconhecido. Esses "entres" me mostravam uma interseção, um caminho possibilidade. Afinal, o que é a memória senão o espaço entre o que foi e o que ainda podemos fazer dela?

3.2

ENTRE

Ao entrar nos sítios, me via em uma relação com uma Luiza que já não era mais a mesma de quando começou. Mas, ao mesmo tempo, encontrava-me com todas aquelas outras que ali no espaço me permitia encontrar... Me via entre paredes que o tempo havia lentamente corroído, entre histórias esquecidas, entre as madeiras antigas, as janelas e suas camadas desgastadas. Me via entre o parar e o mover, entre os animais, entre o concreto, entre ferros e canos, e, de alguma forma, me via como parte daquele todo.

Quando filmava, percebia que estava criando algo mais do que imagens: estava deixando registrado o que aquele espaço reverberava em mim. Foi então que surgiu a ideia de realizar uma videoperformance ali, mas não queria que fosse algo convencional, um mero gesto artístico. Eu fui em busca de fragmentos, momentos que me tocassem, que captassem a sensibilidade do que aqueles tempos e aquelas relações haviam despertado mim, como uma forma de contar visualmente uma história, mas que não é a daquele local.

Queria algo que fosse capaz de capturar a ausência do que já foi, os detalhes nas rachaduras das paredes, o verde que teima em trazer vida aos escombros, algo que fosse mais do que linear. Queria a imersão no caos e na calma, no movimento e

na quietude, nas histórias não ditas. Algo sensível o suficiente para captar a essência de tudo o que ainda persiste, entre as fissuras, entre os silêncios.

Com base nas fotos que tirei durante minhas visitas aos espaços, comecei a criar um pré-roteiro, uma ideia do que aquela videoperformance poderia se tornar. Mas, mais do que isso, fui refletindo sobre quem poderia capturar as imagens com a sensibilidade que eu tanto desejava, pois essa era uma das questões que eu não poderia abrir mão. A produção não se tratava apenas de registrar, mas de traduzir uma relação íntima, carregada de memórias.

Queria transmitir a sensibilidade que esses espaços despertam em mim, evidenciando as nuances que sinto ao estar ali. Hoje, ao olhar para esse processo, tenho uma visão mais clara do que antes parecia um emaranhado de emoções e impressões. Isso me traz uma sensação de leveza, de suavidade, de calma e silêncio que ali habitam. Mas, ao mesmo tempo, há o contraste: o peso da história, o cansaço dos corpos que ali passaram, o fôlego que falta, o respirar profundo. É uma força interna que me impulsiona, que me leva a querer registrar o que não é dito, a captar o invisível que ecoa nesses espaços. A videoperformance se torna, então, uma forma de dar corpo e movimento a esse emaranhado de sentimentos, capturando o que é efêmero.



Assim, em uma conversa com uma pessoa próxima, alguém que já conhecia o seu trabalho de capturar imagens com sensibilidade, compartilhei minhas ideias e desejos sobre o que eu queria transmitir e como poderíamos concretizar isso. Não havia um roteiro totalmente definido, mas uma direção sutil, um fio condutor que nos guiaria. Depois de conversarmos e ajustarmos os detalhes, decidimos que no dia 24 de outubro começaríamos a gravação.

Figura 23. No sítio



Fonte: Arquivo pessoal, 2024

Convidei mais duas pessoas para ajudar na produção, que durante essa pesquisa me atravessaram o caminho e estiveram presentes de alguma forma e no total éramos quatro. Fiquei refletindo por um momento, com uma sensação de incerteza, sobre a possibilidade de conseguirmos gravar naquele dia. Muitas coisas poderiam interferir — talvez houvesse pessoas no local, ou o acesso ao sítio, que normalmente eu fazia pelo estacionamento, poderia estar bloqueado por causa do feriado. Fiquei pensando em todos esses fatores, e no fato de que os meninos que me acompanharam

ainda não tinham vivenciado aquela experiência. Isso gerava uma certa preocupação.

Por isso, marquei com todos para nos encontrarmos às 9h, mas eu cheguei às 8h, para poder ver o local com calma e me preparar sozinha. Sabia que, ao estar ali, gravando da maneira que pretendia, teria acesso a memórias que, muitas vezes, preferiria deixar distantes. No entanto, nesse momento, não queria me afastar delas, nem as ignorar, pois eram a essência do que eu realmente desejava com o trabalho.

Entendi que, para capturar aquilo que realmente me movia, precisaria estar em sintonia com o que aquele espaço me trazia, mesmo que fosse algo que me exigisse enfrentar lembranças que preferiria não revisitar.

Figura 24. Imagens do local



Fonte: Arquivo pessoal, 2024

Cheguei ao local e percebi que o portão do estacionamento estava aberto, então entrei. Como era feriado, havia poucos carros. Fiquei um tempo ali, observando como meu corpo se sentia naquele momento. Embora estivesse calma até chegar, percebi que, conforme os minutos passavam, a ansiedade aumentava. O silêncio era tão presente que me debrucei nele, tentando me acalmar. Parecia que o silêncio tomava conta de todo o lugar, e observei ao redor, tentando perceber algum movimento, mas não vi ninguém.

Refleti sobre por onde os meninos poderiam entrar comigo, já que eu costumava ter acesso por dois pontos: um deles era uma pequena entrada aos fundos, no entanto para ter acesso aos outros lugares que ficavam mais a frente, eles teriam que passar por um espaço muito estreito e isso me deixava preocupada.

Então a opção mais viável seria entrar por um buraco que tem ao lado do prédio, e pensar nessa possibilidade me deixou instigada a observa-los nesse processo também.

Figura 25. Pequena entrada



Fonte: Arquivo pessoal, 2024

Após algum tempo, a primeira pessoa que iria ajudar nos bastidores chegou, e ficamos conversando. Expliquei a ela o conceito do vídeoperformance e compartilhei minhas ideias sobre como poderíamos realizá-la.

Figura 26. Lateral

Fonte: Carvalho, 2024

Antes de entrarmos, avisei que, naquele espaço (desde a primeira vez que estive lá), havia um gato em estado de decomposição. Portanto, o odor era muito forte.

E assim que entramos ali pelos fundos, observamos aquele ambiente e, rapidamente, um rapaz que chegava ao estacionamento nos viu e se aproximou pela janela, perguntando o que estávamos fazendo ali. Expliquei a situação, e ele nos pediu para deixar o portão do estacionamento apenas encostado. Disse que, quando saísse, não trancaria o cadeado, mas que deveríamos fazer isso ao sairmos. Em seguida, decidi verificar a parte da frente para ver como estava o ambiente e se havia pessoas lá.

Ao chegar, percebi que não havia ninguém no local e constatei que a melhor forma para os meninos acessarem aquele determinado espaço seria pulando o buraco que havia na lateral.

Assim, à medida que foram chegando estava difícil de subir devido à altura e começaram a procurar o que havia perto que os ajudassem e avistando algumas pedras, começaram a empilhar para que a altura ficasse melhor de pular. Achei interessante!

Quando eles iam entrando era interessante observar como eles olhavam para o espaço, curiosos e receosos. Antes de fato começar, reuni com eles e expliquei sobre o que era aquele trabalho, o que ele significava para mim e como eu pensava aquela construção.

Quem estava com a câmera profissional começou a gravar fragmentos do espaço, e enquanto isso acontecia, ia me mostrando para ver se eram essas as capturas que eu idealizava. Assim, íamos construindo um diálogo. Enquanto essa parte ia sendo feita, eu, de um outro lado começava a me conectar com o ambiente e cada parte dele, deixando fluir os movimentos e minhas vontades. Os outros meninos iam gravando e tirando fotos pelo celular.

Assim, as filmagens começaram a se desenvolver de forma natural, sem que nos déssemos conta. Às vezes, notávamos que em um determinado espaço já tinha muitas cenas gravadas, então começávamos a ir para outras partes daquele sítio. Em alguns lugares havia muitas raízes e que por vezes enroscavam na câmera, e esses inesperados traziam uma interação instigante para filmagem. Tudo estava acontecendo de maneira fluida e eu estava tão imersa que fui explorando cada

Figura 27. Entre ferros



Fonte: Carvalho, 2024

centímetro daquele ambiente.

Eu ia percebendo que havia alguns espaços naquele lugar com os quais ainda não tinha tido contato ou não havia experimentado, e foi nesses momentos que comecei a me imergir mais. Um exemplo disso são as cenas que estou entre os ferros; alguns estavam mais instáveis,

enquanto outros me davam mais segurança, e fui subindo, deixando o corpo pendurado, sentindo o peso e percebendo todos os fluxos que estavam no corpo.

O interessante é que o risco se tornou algo instigante. Os meninos que estavam ali às vezes ficavam agoniados com minhas intenções, mas eu não me sentiria satisfeita se não explorasse cada centímetro.

Meu desejo era que o vídeo tivesse todas essas conexões e a essência do que despertava em mim, a experiência de estar nesses locais e tentar registrar suas potências. Ali, há uma dinâmica entre o agito e a calma, entre a zona de conforto e o desconforto, entre o silêncio e o barulho, entre tantos outros contrastes...

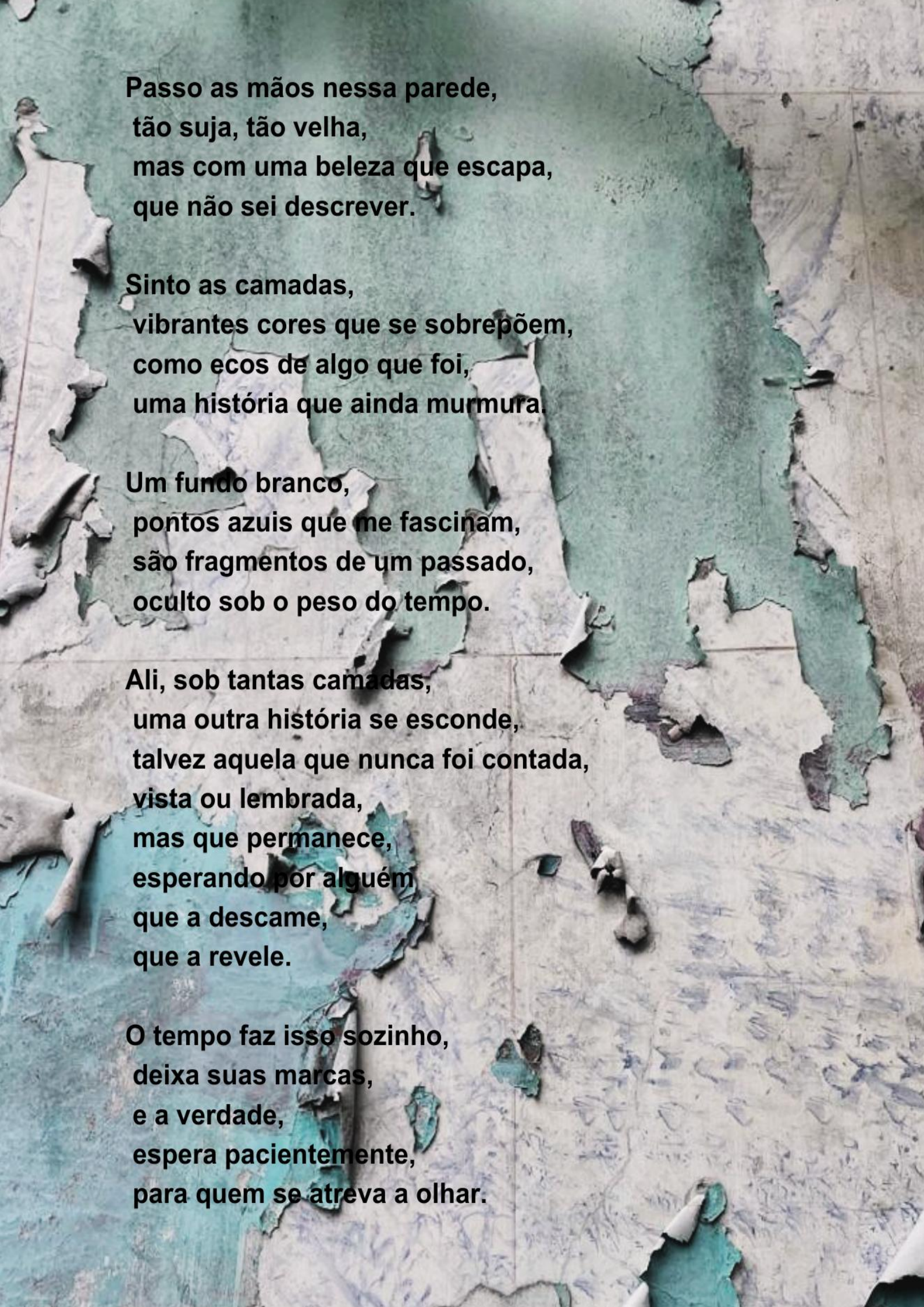
Figura 28. Fotos tiradas entre espaços



Fonte: Pires e Carvalho, 2024

Entre os restos espalhados, eu percebia elementos que me chamavam a atenção, como as cerâmicas e as paredes, que iam me mostrando o que estava por baixo. À medida que imergia ali, ia descobrindo camadas e histórias daquele lugar.

Entre aquele momento, minhas próprias memórias surgiam em um entrelaçar constante. O me que chamou atenção ali foi que, ao contrário de outras vezes, eu me sentia diferente em relação a todas as lembranças. Ali entendi que era uma Luiza diferente da que começou toda essa pesquisa...



**Passo as mãos nessa parede,
tão suja, tão velha,
mas com uma beleza que escapa,
que não sei descrever.**

**Sinto as camadas,
vibrantes cores que se sobrepõem,
como ecos de algo que foi,
uma história que ainda murmura.**

**Um fundo branco,
pontos azuis que me fascinam,
são fragmentos de um passado,
oculto sob o peso do tempo.**

**Ali, sob tantas camadas,
uma outra história se esconde,
talvez aquela que nunca foi contada,
vista ou lembrada,
mas que permanece,
esperando por alguém
que a descame,
que a revele.**

**O tempo faz isso sozinho,
deixa suas marcas,
e a verdade,
espera pacientemente,
para quem se atreva a olhar.**

Em determinado momento, quem estava filmando parou e disse que sentia vontade de chorar ao ver as cenas. Isso aconteceu quando passei minha mão na parede e, sob toda a sujeira, apareceu uma cor azul vibrante.

Depois, fizemos uma pausa para que a câmera esfriasse, e aproveitei para perguntar o que havia despertado aquele sentimento. Ele me contou que algumas memórias surgiram com aqueles simples gesto, memórias que ele não sabia que poderiam surgir.

Foi interessante perceber como esses lugares têm a capacidade de resgatar memórias adormecidas, aquelas que pareciam estar esquecidas, mas que, de repente, se revelam. Isso me fez ter mais convicção e acreditar cada vez mais nas potencialidades dessas relações.

Gravamos e, à medida que o trabalho se desenvolvia, uma sensação crescente tomava conta de mim. Cada vez mais, sentia meu corpo repleto de energia, sem receios de vivenciar aquela experiência. Às vezes, fazíamos pausas e eu explicava como o trabalho havia surgido, envolvendo todos mais profundamente, imersos junto comigo. Passamos cerca de 4 horas no local e, quando estávamos chegando ao final, meu corpo já começava a mostrar sinais de cansaço, como se eu tivesse colocado todas as minhas energias ali. Quando concluímos o trabalho, a sensação que ficou foi de que eu havia dado um grande passo... Ali, naquele momento em que tínhamos gravado o que precisávamos e até mesmo além, tive mais convicção da artista e mulher que tenho me tornado e vou me tornando no meio desse processo, foi gratificante e a sensação era reconfortante.

Após esse processo inicial, seguimos para fase de edição. Cada vez que assistíamos às imagens, percebíamos como elas conversavam entre si, capturando a essência que eu desejava. Após analisar todas as imagens, começamos a montar uma estrutura de organização, criando um roteiro para posicioná-las de forma coerente, e o trabalho foi ganhando corpo.

Assim, começo a refletir sobre todas as imagens capturadas e sobre minhas próprias reverberações. Neste meio, constantemente a palavra *entre* surge. Percebo que sempre estou entre algo nesses lugares – entre o que foi e o que é, entre o passado e o presente. Os sentimentos se misturam nesse espaço intermediário, como se estivessem suspensos *entre* dois tempos e duas realidades. O “entre” não é apenas um espaço físico, mas um estado de transição constante, onde me percebo não apenas vivendo, mas também refletindo e ressignificando o que é captado.

Esse “entre” é onde a memória se encontra com o presente, onde a experiência se transforma em algo diferente.

Figura 29. Anotações para construção do videoperformance

- 6764	- 6818	- 6947 ⁺		IMAGEM 6909	6767 → INTROD.
- 6769	- 6819	- 6948 ⁺ TRANSIÇÃO		- 2º VÍDEO	6765 OS FIOS
- 6770	- 6820	- 6949 CI AQUELA			6766
- 6775	- 6821	MINHA MÃO			
- 6776	- 6851	CI O GALHO...			
- 6777	- 6852	- 6956		→ COMEÇA AS FOLHAS E GALHOS	
- 6777	- 6852	- 6957		→ FRESTA DO FERRO	
- 6778	- 6862	- 6959		WEU ENTRE A FRESTA	
- 6781	- 6863				
- 6781	- 6877	→ DIR CHEGANDO PERTO			
- 6782	- 6892	- 6960			
- 6782	- 6899				
- 6783	→ INÍCIO DE MOSTRAR O CORPO INTEIRO			SOBREPOR GALHOS / UMA HORA EUTÔ E	
- 6788	- 6903	- 6963	- 6997	DPS NÃO	
- 6790	- 6904	- 6965	- 6998	→ GIRO E SOBRE POSIÇÃO	
- 6798	- 6905	- 6980	- 7000		
- 6798	- 6907	- 6981	- 7003 ^x	→ MOVIMENTO PARA VELOCIDADE MOVIMENTO LENTO	
- 6799	- 6908	- 6983	- 7005	(com as pedras) ou final	
- 6803	- 6909	- 6984	- 7006	→ LOGICA CI AS PEDRAS	
- 6804	- 6912	- 6985	- 7007	ACUMULO SEQUENCIA D AN.	
- 6805	- 6913	- 6990	- 7027		
- 6806	- 6914	- 6994	- 7024		
- 6808	- 6915 [*]	- 6996 ^{ac}	- 7030		
- 6816					
- 6817	- 6339 ^m	→ DAQUELA IMAGEM		→ JUNTO TUDO	→ FAZENDO TROCAS

Fonte: Arquivo pessoal, 2024

À medida que íamos construindo o fio condutor e organizando as imagens, a narrativa do vídeo foi surgindo de maneira orgânica. A cada ajuste, a sonoridade e os outros elementos começaram a se encaixar, como se tudo se alinhasse de forma natural. Brincamos com as imagens, alternando momentos em que as deixávamos mais estabilizadas com outros em que percebíamos que os movimentos acidentais da câmera, de forma espontânea, criavam uma dinâmica interessante. As imagens ganhavam vida através desses imprevistos.

Exploramos as sobreposições de momentos, usando os espaços em preto como suspiros, pequenos intervalos para retomar o fôlego. A crescente do vídeo se desenvolvia até atingir a fase da exaustão, e as tantas pedras nas mãos se tornaram símbolos de peso e desafio. As imagens que param, então, passaram a representar uma pausa, onde o movimento cedia lugar à reflexão e à absorção do que foi vivido. Cada elemento, intencional ou não, foi se somando para construir uma experiência

É na sutileza do abandono, nas histórias guardadas nas paredes e nas rachaduras formadas pelo tempo, nas memórias de corpos que dançam em harmonia, no verde que brota entre o cinza do concreto, no respirar profundo que nos impulsiona a seguir.

Eu te convido a entrar, a se permitir vivenciar este espaço, sem pressa de entender, sem pensar no que é, no que foi ou no que pode ser. Apenas sinta. Sinta o que capturamos, o que deixamos transparecer...

Figura 31. Entre



3.3

MEMÓRIAS DO CONCRETO

Considero que esse é um dos momentos que me sinto diferente, além de me desafiar enquanto artista. Como mencionei no início desta pesquisa, cresci dançando dentro de técnicas rígidas e estabelecidas do balé clássico, por muito tempo pensei que só dançaria isso ou que não sabia dançar outros estilos. Por isso, me ver fora do convencional foi um processo de pequenos passos, desafiadores e instigantes, onde minhas inseguranças e meu desejo se entrelaçaram fortemente.

Quando percebi que existem outras formas de dançar, surgiu em mim o desejo de experimentar. Ao começar a explorar os sítios, procurei me manter aberta a todas as possibilidades, observando como o corpo reage a cada experiência ali vivenciada.

Neste momento, faço uma pausa para desabafar com você, que dedicou uma parte do seu tempo e chegou até aqui...

...

Vou te confessar que não foi, e ainda não é, fácil me permitir, me enxergar em outros modos de dançar, sair da caixa, ir contra o que as pessoas falam sobre minha dança, já cheguei a ouvir: "Você é muito boa pra desperdiçar esse caminho que já começou." Fazer algo que as pessoas não estão acostumadas a me ver fazer talvez seja um dos maiores desafios para me permitir vivenciar outras formas de expressão.

Não me isento de minhas inseguranças – elas caminham comigo. Meus pensamentos, às vezes, insistem em questionar: "Isso é estranho, o que você está dançando?" Lido com a sensação de sair de uma caixa, e embora eu esteja conseguido, sei que algumas coisas ainda carrego comigo. É uma constante lidar com elas e, muitas vezes, tentar ultrapassá-las.

Existe a vergonha, os questionamentos que eu mesma me faço: "Será que isso está certo?", "Como as pessoas estão me vendo?", "Isso parece estranho demais?". São tantos pensamentos que ousam em surgir, mas que ao me propor experimentar os movimentos de forma diferente, tento não deixar transparecer meus turbilhões de pensamentos. Sei que é um processo lento, uma jornada de dispersar as crenças e cobranças que me acompanham há anos. Eu me cobrava por uma "perfeição" estética de movimento que, na verdade, nunca existiu. Que loucura! E quantas vezes nós do meio da dança e das artes como um todo, não idealizamos essa "perfeição" na nossa jornada?

Hoje, considero aos poucos que estou deixando essa ideia de pensamento para trás e tento não me colocar neste lugar novamente. Mas é um esforço constante, um movimento diário para sair dessa visão rígida de mim mesma e da minha dança. Durante meu percurso na universidade fui sentindo que essa dança, esse movimento se torna muito mais verdadeiro quando consigo me distanciar dessa busca pelo "perfeito" e me permito ser, sem os julgamentos, sem as amarras de um ideal inatingível. É como se, ao abraçar a vulnerabilidade, a dança se tornasse mais fluida, mais minha. E, ao fazer isso, vejo que não é um processo de transformação imediato, mas é real. Mesmo que minhas inseguranças apareçam, elas acabam compondo o que estou fazendo, me mostrando o caminho e me lembrando que sou humana, suscetível a erros e pensamentos duvidosos. Mas, apesar disso, sei que tenho um objetivo, algo que me impulsiona a seguir em frente, a continuar criando e me permitindo. Essas inseguranças, por vezes me paralisam por um tempo, mas também me ajudam a entender que a vulnerabilidade faz parte do processo e que, no final, tudo isso é uma parte essencial da minha jornada.

...

Memórias do Concreto posso considerar um dos processos mais desafiadores para me enxergar em um outro lugar de corporalidade, longe dos palcos tradicionais aos quais estamos acostumados. Ele me leva ao não-convencional que, hoje, faz

muito mais sentido na minha jornada enquanto artista, me movendo e me instigando de uma forma mais profunda.

Ao começar a explorar os sítios, comecei a observar como meu corpo interagia com cada ambiente. Em alguns momentos, me sentia tão cheia de energia, desejando encontrar uma forma de subir para alcançar as janelas. Em outros, me via entre os ferros, tentando me pendurar, andar entre a instabilidade e encontrar mais confiança para pisar, passando entre os canos, correndo, parando, respirando fundo e criando novas possibilidades para sair da minha zona de conforto. As pedras, as madeiras, as raízes foram elementos com os quais entrei em contato desde o início dessa pesquisa, e, de alguma forma, eles me instigaram a buscar uma conexão com o momento presente.

Assim, fui analisando de forma mais atenta, observando diretamente o que estava espalhado pelo chão e o que me despertava a vontade de experimentar novas sensações. Passei a tirar fotos e a selecionar os materiais que encontrava, criando uma colagem para tentar entender o que mais me instigava. A princípio, minha intenção era focar em um único elemento, mas logo percebi que era quase impossível escolher apenas um. Cada material parecia falar de uma maneira única, e todos me chamavam a atenção de alguma forma.

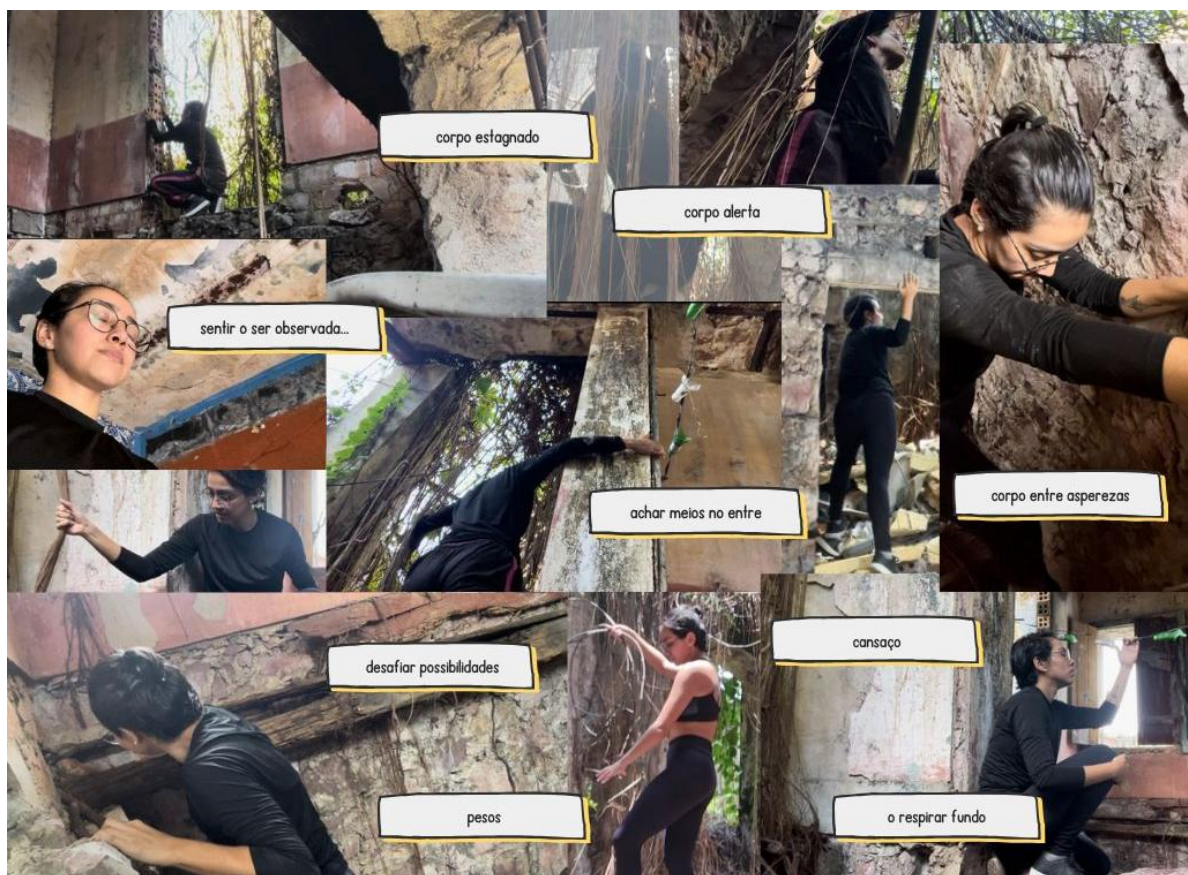
Figura 32. Elementos encontrados nos sítios



Fonte: Arquivo pessoal, 2024

Nessa primeira etapa do processo, fiz um mapeamento dos elementos e, ao observá-los como estavam, algumas palavras surgiam na minha mente. Junto a isso, vinham também memórias, que se desdobravam à medida que eu os olhava. Com isso, comecei a mapear essas sensações, me tornando mais atenta aos elementos que despertavam certas lembranças. Alguns me instigavam de forma intensa, outros causavam um certo desconforto no corpo ao interagir com eles, enquanto havia os que me acolhiam de maneira mais suave. Alguns me desafiavam, despertando o desejo de me arriscar ao estar em contato.

Figura 33. Percepções



Fonte: Arquivo pessoal, 2024

Foi assim que comecei a perceber de que forma eu era instigada por esses elementos e como eles se completavam para mim. Ao compreender essas relações, decidi coletá-los dos espaços e levá-los comigo, para poder continuar experimentando-os fora dos sítios. Esse foi um ponto que me fez refletir: não queria que esses elementos perdessem seu significado ao saírem de seu contexto original, nem queria perder os fluxos que eles despertavam no meu corpo. Assim, o processo se tornou um exercício de atenção redobrada. Passei a experimentar esses elementos

de várias maneiras, buscando entender como eles se manifestavam em diferentes contextos.

Figura 34. Observações



Fonte: Arquivo pessoal, 2024

Com os elementos coletados, avançamos para a segunda etapa desse processo: a experimentação. O primeiro elemento que decidi explorar foram as raízes. Nos sítios, elas estão presentes em grande quantidade, tornando impossível caminhar sem se enroscar nelas. Elas te puxam e te envolvem, do topo da cabeça aos pés, e mesmo ao tentar andar mais rápido, elas acabam te parando.

Com a ajuda para me guiar nesse processo de experimentação, colocamos as raízes ao redor do meu corpo, tentando impossibilitar ao máximo meus movimentos. O objetivo era observar como eu me sentia ali, presa, e como poderia encontrar uma maneira de sair daquele emaranhado e após sair como eu percebia o corpo.

Figura 35. Experimentação com as raízes



Fonte: Arquivo pessoal, 2024

Com movimentos leves, comecei a mover apenas os ombros, fazendo pequenos gestos para sentir aquela parte em contato com as raízes. A cada movimento de um determinado lado, sentia uma pressão do outro, devido à disposição das raízes ao redor de mim. Fui calmamente explorando essa sensação e como ela ia reverberando pro restante do corpo. *(Lembra quando eu falei dos meus pensamentos sobre as estranhezas do movimento? Aqui elas estavam, mas mesmo assim continuei tentando me concentrar...)*

Busquei focar e manter viva as imagens de como eu me conectava com essas raízes nos sítios. Enquanto isso, os sons dos carros, dos pássaros e da chuva que se aproximava preenchiam o ambiente, assim como o sussurrar das folhas das árvores.

O cheiro das raízes também se tornou intenso, e, por um instante, me senti completamente envolvida por aquele emaranhado. Houve um momento em que, em vez de tentar sair, eu simplesmente quis ficar ali, sentir os apertos e a imersão daquele momento, parecia um abraço aconchegante, embora agoniasse também.

Continuei, e aos poucos, os movimentos começaram a surgir, criando formas

interessantes. Quando as raízes finalmente caíram ao chão, fui orientada a parar por um momento e observar como elas estavam e como eu me sentia naquele instante. Foi ali que percebi que o meu desafio seria continuar os movimentos sem aquele elemento ao meu redor.

O desafio era abraçar a estranheza e permitir que a sensação que eu tinha das raízes fluísse livremente em meu corpo. Porque, ao tentar sair, me desenrolar, percebia o quanto era difícil, como se esticasse os braços e pernas numa tentativa de “elástico” para me libertar. Quanto mais eu tentava, mais difícil se tornava, e quando recolhia, as raízes, elas se afrouxavam ao redor do corpo, criando uma outra dinâmica de movimento.

Outro ponto que me fez refletir e que me instigou durante minhas visitas aos sítios foram as marcas que esses lugares deixam em nossos corpos. O contato direto com a pele traz uma intensidade e uma interação maior. Em todas as minhas idas aos sítios, usava blusas de manga longa, mas eram finas o suficiente para permitir um contato mais direto com o ambiente e também usava calças. Porém, nas experimentações seguintes que fiz, decidi usar a blusa de manga curta e um short e sentir de forma mais crua as asperidades das raízes em meu corpo, ampliando essa experiência sensorial e o impacto delas sobre a minha pele.

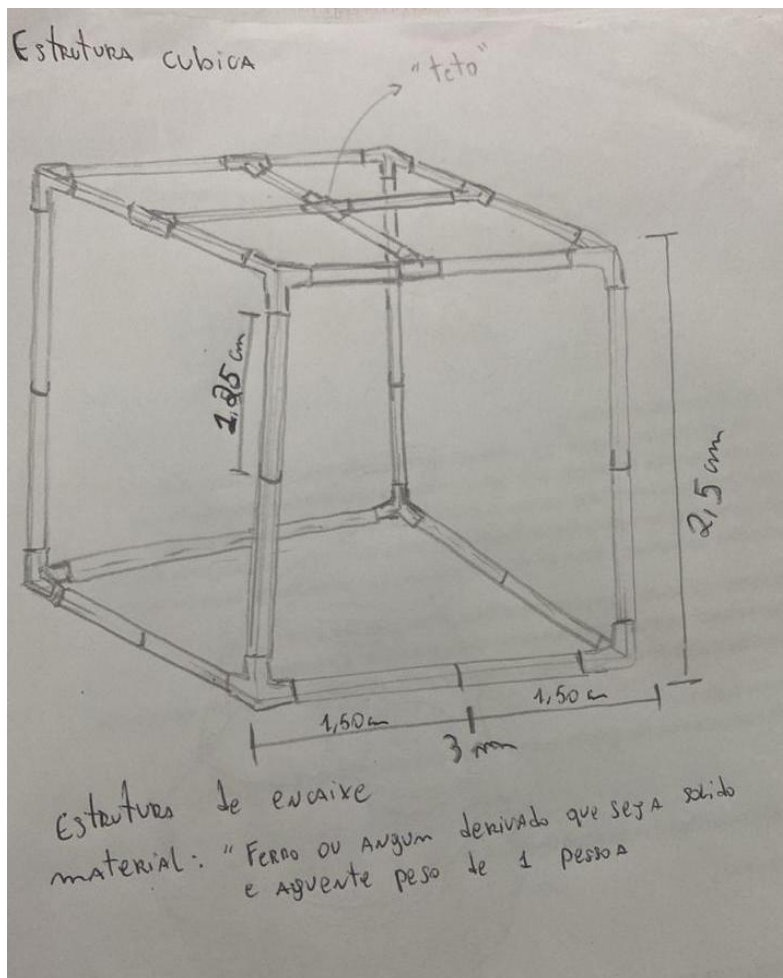
Figura 36. Experimentações



Fonte: Arquivo pessoal, 2024

Enquanto tudo isso acontecia, começamos a idealizar como seria *Memórias do Concreto*, onde esses elementos estariam dispostos de forma a criar uma conexão entre eles. Foi então que surgiu a ideia de construir uma estrutura de ferro, na qual eu mesma fosse responsável por criar esse espaço com os elementos que coletei. Pensamos em ele ser maior que eu, uma estrutura que, de alguma forma, trouxesse toda a relação que tive com os sítios para aquele único ambiente.

Figura 37. Idealização da Estrutura



Fonte: Siqueira, 2024

Com o tempo limitado para mandar construir a estrutura, ficamos pensando em alternativas que já estivessem disponíveis e que pudessem substituir o que imaginamos inicialmente. Foi quando conseguimos um andaime de encaixes, já desgastado, que acabou trazendo uma essência ainda mais rica do que se tivéssemos feito uma estrutura sob medida. Esse andaime, com seu desgaste, foi ótimo para o que queríamos transmitir.

A partir daí, comecei a explorar essa estrutura, e como o meu corpo interagia neste meio, lembrava de quando subia entre os ferros nos sítios e as instabilidades que ele me trazia, relacionar com aquela estrutura que também possui suas instabilidades me deu a sensação de risco, e de criar possibilidades de interação.

À medida que ia percebendo essas instabilidades, ia anotando minhas observações e refletindo sobre outros caminhos para interagir com a estrutura. Uma relação de força, peso, pisadas e pegadas começou a se formar à medida que eu experimentava estar ali. Em determinado momento, imaginei essa estrutura como uma metáfora para a sensação que tenho em relação a todo esse processo: algo que nasce de dentro e se projeta para fora. Foi então que comecei a visualizar “Memórias do Concreto” tomando forma, como uma extensão das minhas próprias experiências.

Figura 39. Andaime



Fonte: Arquivo pessoal, 2024

Figura 38. Experimentação com o andaime



Fonte: Arquivo pessoal, 2024

Fui experimentando inserir outros elementos na estrutura, e as raízes me levaram, de fato, de volta aos sítios, me fazendo sentir que estava no caminho certo. A partir disso, comecei a pensar em outros materiais com os quais poderia interagir. Foi quando surgiram os canos, dispostos de maneira semelhante às ruínas, e então imaginei como distribuí-los dentro da estrutura. Da mesma forma, as madeiras começaram a fazer parte dessa configuração, completando a composição e trazendo a essência dos sítios para aquele espaço que proponho.

Iniciei a experimentação com as pedras e, logo de início, algo que me chamou atenção foram as marcas visíveis nas minhas roupas. Fui experimentando de várias maneiras: carregando com uma mão, carregando mais de uma pedra, colocando-as em diferentes partes do meu corpo e tentando me locomover com elas. Também observei o efeito de simplesmente deixá-las e perceber como meu corpo reagia na ausência delas. O mais interessante foi perceber que o peso delas permanecia, mesmo depois de eu as ter deixado para trás.

Figura 40. Experimentações com as pedras



Fonte: Arquivo pessoal, 2024

Em determinado momento percebi que eu havia empilhado as pedras e tentei movê-las com o meu corpo, empurrando-as. No entanto, o esforço foi imenso, e não consegui. Elas começaram a cair, e à medida que isso acontecia, tentei empurrá-las uma a uma com diferentes partes do corpo. Esse processo me mostrou resistências que ali habitam. Após experimentar alguns elementos isoladamente, comecei a refletir sobre como eles poderiam ser incorporados à estrutura e passei a rabiscar em meu diário de campo algumas ideias que, para mim, faziam sentido.

Inicialmente imaginei três cenas de Memórias do Concreto, a inicial foi pensada em começar no canto da estrutura, com as raízes envoltas ao meu corpo enquanto eu me sento sobre as pedras. O meu desejo é transmitir nesse primeiro momento o desconforto, a instabilidade. E aos poucos os movimentos começam a surgir de forma sutil, ganhando “elasticidade” e amplitude. Conforme isso acontece, vou interagindo com os demais elementos que ali estão e explorando os níveis, até chegar em uma parte da estrutura e começar a interagir com ela, subindo, descendo, sustentando-me, e permitindo que cada movimento se desdobre de forma orgânica, e essa parte seria a segunda cena.

A terceira e última cena representa um desprendimento, onde sou movida por uma intensão de sair. Deste modo, começo a empurrar todos os elementos para fora da estrutura junto comigo, e aos poucos rastros são feitos sempre para frente, como se fossem marcas invisíveis de uma transformação que ocorreu ao longo desse percurso.

Figura 41. Memórias do Concreto



Fonte: Costa, 2024

Decidimos, então, experimentar a ideia completa, reunindo todos os elementos que tínhamos e ver como seria realizá-la de forma integrada, já que até aquele momento, tudo havia sido feito de maneira separada. Após percebermos que a experiência estava fluindo, começamos a identificar pontos que poderiam ser aprimorados. Um dos principais seria explorar mais as estranhezas do movimento, permitindo que, mesmo depois de sair da estrutura e com os elementos espalhados pelo chão, eu ainda preservasse a sensação deles no meu corpo.

Outro elemento que chamou minha atenção e que eu percebi no meio do processo foram as janelas desses lugares. Desde os primeiros contatos, elas despertaram minha curiosidade sobre o que havia além delas. Em alguns locais, minha visão era limitada a essas janelas, que, em algumas situações, estava muito alta, quebradas em outras, ou com várias camadas de objetos acumulados entre elas. Por diversas vezes cogitei em pular essas janelas tão altas, pois em alguns lugares o único acesso seria por elas...

Elas me provocavam perguntas sobre o que existia por trás delas. Quando finalmente comecei a explorar as ruínas abandonadas, um dos meus objetivos era encontrar maneiras de subir as paredes entre os objetos ali presentes para poder olhar através dessas janelas. Eu passava um tempo observando, analisando e tentando descobrir como poderia me mover para outros espaços do local, ali do alto. Ficava entre elas, como se fosse um momento de pausa no caos que dominava o chão, entre os restos de tudo o que estava ali.

E por coincidência em uma das minhas últimas visitas a um desses sítios, avistei uma janela entre as raízes no segundo andar. Decidi, então, pegar para poder experimentar com ela a relação de estar entre.

Durante o desenvolvimento de Memórias do Concreto, criamos uma espécie de jogo com a janela, ela fica posicionada na parte superior do andaime. A intenção é que, em determinado momento, eu tente retirá-la de cima e, com ela em meu corpo, descer gradualmente. E assim começamos a pensar em apresentar o trabalho...

Figura 42. Janela



Fonte: Arquivo pessoal, 2024

03/12/2024 – Entre e Memórias do Concreto

Figura 43. Preparação Memórias do Concreto



Fonte: Pereira, 2024

Planejamos que a apresentações acontecessem na terça-feira, e assim foi realizado na parte externa do segundo andar do prédio da Escola Superior de Artes e Turismo e tivemos a ideia de começar com a videoperformance “Entre” e logo em seguida começar “Memórias do Concreto”.

Iniciamos o processo de montagem, que, por si só, já é uma preparação, onde busco me envolver com os elementos e comigo mesma, sentido os pesos das pedras, as marcas que elas deixam, suas texturas, as raízes, observando meu corpo naquele momento, que

consequentemente me levam para um lugar mais pessoal. Gosto dessa preparação porque ela me permite entrar em cena mais conectada à essência que desejo transmitir ao público, e de alguma forma os fazer sentir algo também.

Realizamos a montagem da estrutura, além da preparação da iluminação e do som, para garantir que tudo estivesse pronto para o início da apresentação. Algumas pessoas ajudaram nesse processo de montagem e *aqui deixo minha gratidão a vocês.*

Gostaria de abrir um parêntese para mencionar que, por se tratar de uma pesquisa que é pessoal também, o processo de preparação me deixa entre um corpo leve e pesado ao mesmo tempo, eu fico entre um lugar que não consigo descreve-lo em palavras, talvez o que se aproxime seja a vulnerabilidade. Estar diante de algo que traz memórias e me desafia enquanto artista e mulher é um desafio. Mas que gosto

de vivencia-lo!

Tenho percebido que, quanto mais me permito dar espaço para essas sensações, mais me aproximo de mim mesma. Gosto disso, pois sinto que levo para cena algo que é verdadeiro em essência. Ao me tornar mais vulnerável de certa forma, vou vivenciando essas emoções e expressando-as através dos movimentos, interagindo com os diversos elementos que me cercam.

Antes da apresentação, recebi uma mensagem de uma pessoa com quem não tinha mais contato há um tempo. Por coincidência ou acaso, ela fez parte do processo de entender o que *Memórias do Concreto*

significava para mim. De certa forma, ela me ajudou a olhar para tudo isso com mais carinho. Receber aquela mensagem me deixou ainda mais pensativa sobre como as coisas fazem sentido ao longo do tempo, como aquele caos de não entender por que as memórias surgem vai se tornando mais claro. Ao mesmo tempo, o frio na barriga aparecia ao lembrar de como foi o processo para que tudo se tornasse claro, especialmente meia hora antes da apresentação, quando as pessoas veriam o resultado de um trabalho que é, ao mesmo tempo, significativo e íntimo para mim. Por um momento, aquilo me fez sentir exposta, mas logo fui dispersando isso, ou pelo menos tentei.

Ao início da cena, depois de ficar ali sem que ninguém me notasse, tive alguns minutos de pausa entre as raízes, imersa em mim mesma. Foi um momento em que consegui me ouvir com mais calma e abraçar meus pensamentos. Durante essa imersão, comecei a me sentir como aquelas raízes. A sensação era como se meu

Figura 44. Estrutura Memórias do Concreto



Fonte: Pereira, 2024

corpo fosse composto por aquelas raízes, ou que elas estivesse se fundindo comigo. Foi interessante e instigante perceber aquilo.

Figura 45. Início



Fonte: Evangelista, 2024

O desenvolvimento da primeira cena envolve essa relação de sair das raízes. O que me estimula nesse momento é estar o mais presa possível, para sentir como meu corpo busca possibilidades de escape, registrando cada movimento. Após esse momento, a segunda cena começa quando inicio a me desprender das raízes e a interagir com a estrutura, criando formas de transitar de um canto para outro, encontrando maneiras de me sustentar. Nesse processo, há uma conexão com a

sensação do meu corpo, lidando, por vezes, com a instabilidade.

Figura 46. Corpo entre estrutura



Fonte: Gomes, 2024

A terceira cena se desenvolveu comigo subindo até o topo da estrutura para pegar a janela com alguma parte do meu corpo. Enquanto eu ia descendo o meu objetivo ali era não deixar com que ela saísse de mim, e fui experimentando algumas formas de transferi-la para outras partes de mim até chegar ao chão.

Figura 47. Entre janela um corpo



Fonte: Evangelista, 2024

Assim, começo a transitar para a cena final, quando tento recolher tudo que está espalhado no chão. O movimento de empurrar com força usando os pés foi

instigante, e quanto mais força e velocidade eu colocava, mais energia aquilo me dava, apesar de estar chegando ao meu limite de cansaço.

Figura 48. Fora



Fonte: Pereira, 2024

Sair dessa estrutura, depois de me envolver com todos esses elementos, deixa a sensação de um corpo fragmentado, com vestígios das raízes fundidas, marcas das pedras, a sensação da janela em minha cintura, da intensidade com que segurei os ferros para me sustentar e dos movimentos que fiz para me desvencilhar das raízes.

Assim, deixo o vídeo da performance para que você possa assistir a primeira apresentação de Memórias do Concreto.

Figura 49. Assista a performance Memórias do Concreto



REVERBERAÇÕES

No início desta pesquisa, mencionei entre parênteses que talvez os estudos relacionados ao espaço urbano não tivessem um fim definido. Hoje, ao refletir sobre isso, percebo que, para mim, realmente não há um fim. Ao contrário, considero que está pesquisa seja um ponto de partida, que está em fluxo contínuo e que se desdobra em inúmeras possibilidades. Vejo que ela é uma etapa de um processo que, como o próprio espaço urbano, está em constante transformação.

Não seria justo afirmar que terminei a pesquisa, pois no decorrer de minhas experimentações fui observando que ainda há muito o que ser estudado e aprofundado. Na verdade, ela se tornou uma experiência de expansão, um convite para continuar explorando a tríade corpo-espaço-memória. Essa tríade, por sua natureza, gera múltiplas ramificações, e a cada reflexão, novos horizontes. Não há um ponto final, pois a relação entre o corpo, o espaço e a memória são fluidos, sempre em mutação, carregada de significados que só se revelam quando estamos dispostos a nos entregar ao processo.

Ao percorrer esse caminho, percebo o quanto esse movimento de reflexão e experimentação me transformou enquanto artista, fui entendendo os atravessamentos *in situ* e também quando desloco para outros lugares ainda trazendo as sensações desses espaços no corpo e um resultado disso reverberou nas duas criações que apresento no decorrer deste texto.

Outro ponto é sobre o que antes parecia cotidiano e de certa forma invisível – os aspectos do espaço urbano que habitamos – passou a ser como um campo fértil para a criação, o sentimento e a descoberta. Conhecer mais das memórias sociais e culturais que moldam a cidade me instigou/instiga a continuar desenvolvendo trabalhos que deem evidência a essas memórias. Enxergar esses espaços e as histórias que eles carregam como potenciais de resistência. Acredito que essa é uma forma de micro resistência: trazer à tona o que é silenciosamente apagado pela expansão da cidade, especialmente em um lugar como Manaus, onde as relações entre o urbano e o histórico são tão importantes, mas que com o tempo vão sendo esquecidas.

Essa pesquisa, portanto, não apenas se desdobrou em reflexões teóricas, mas em vivências práticas que me ajudaram a compreender a relação de minhas próprias memórias e também o quanto o nosso corpo é capaz de registrar as sensações e

histórias que emanam desses espaços, as conversas com as pessoas, as situações e tantos outros fluxos que são encontrados no caminho. Em meio ao caos urbano, parece um desafio lidar com tantos fluxos de estímulos, mas percebo que é justamente esse emaranhado de sensações que nos ensina a viver de uma forma mais atenta e sensível.

O corpo, nesse contexto, torna-se um dispositivo para criar, sentir e compreender a cidade de uma maneira diferente, experimentando o que antes era despercebido. Ao viver esses fluxos, somos desafiados a buscar outras possibilidades, fazer pequenas mudanças, tanto para nós mesmos quanto para o cenário artístico e cultural ao nosso redor.

Esse percurso me levou a um lugar de maior sensibilidade e percepção, permitindo-me entender potencialidades que antes eu não havia acessado. Ela me ensinou a perceber as pequenas transformações que ocorrem em nosso caminho e, como artista, me sinto compelida a promover essas mudanças, por menores que sejam, para criar um impacto nas relações que estabelecemos com o espaço e com as pessoas ao nosso redor. A reflexão constante sobre essas experiências me impulsiona a continuar a trilhar esse percurso, com a esperança de que, através da arte, podemos sensibilizar outros a refletirem sobre o nosso papel de agentes transformadores.

Portanto, não sou mais a mesma pessoa que iniciou essa pesquisa. Cada entrada que fiz nos diversos sítios urbanos abandonados me modificou. Essa transformação, longe de ser um fim, é um movimento contínuo de aprendizado e redescoberta.

Não desejo encerrar aqui essa pesquisa, pois sei que ela é apenas um capítulo em uma história que nunca se fecha completamente. Sempre surgirão outros pensamentos, novas relações, outros olhares sobre os espaços e as memórias que habitam a cidade. O que hoje entendo como definitivo, amanhã pode se transformar, e é nesse constante movimento de descobertas que a pesquisa ganha vida.

REFERÊNCIAS

- ALLEMAND, D.S.; ROCHA, E. Arte na rua e desdobramentos. **Conceição Concept.**, Campinas, SP, v. 5, n.2, p.34-48, jul./dez., 2016.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.** n.19, 2002, p. 20-28.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CALVINO, Ítalo. **As Cidades invisíveis**. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano 1: Artes de fazer**. Vol. I - Petrópolis, RJ: Vozes. 2012.
- CAUQUELIN, Anne. **Le site et le paysage**. Paris: Ed. PUF, 2002
- CAVRELL, Holly Elizabeth. **A intimidade de apresentações em espaços públicos**. Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas, IX Congresso da Abrace: Poéticas e Estéticas Descoloniais – Artes Cênicas em Campo Expandido, 2016.
- CAVRELL, Holly Elizabeth. **Aqui ou Ali: Espaços alternativos para a Dança**. Anais do VII Congresso ABRACE – Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas Tempos de Memórias: vestígios, ressonâncias e mutações. Porto Alegre, 2012.
- CONZ, Rosely; VITIELLO, Julia Ziviani. A criação em cena – memórias, percepções e imagens que emergem do corpo que dança. **Revista aSPAs**, USP, São Paulo, 2012.
- COSTA, Raíssa Caroline Brito. **As ruínas que me tornam este todo: Experiências em dança de estudos no Centro Histórico Manauara**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, 2021.
- CHIZZOTI, Antônio. **Pesquisa em ciências Humanas e sociais**. 4.ed Biblioteca da educação. – São Paulo: Cortez, 2000.
- DEGAN Maria; PÁSCOA Luciane; NASCIMENTO Maria. Cultura e urbanidade no Centro Histórico de Manaus: um estudo espacial e sensorial, **Ponto Urbe [Online]**, 29 | 2021; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.10845>.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: rizoma. **Mil platôs**, v. 1, p. 11-38, 1995.

DINIZ, D. Quinquilharia. Como fazer diário de campo. 2017. (3m33s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NYTb3w2d99I> , 2020.

DUQUE, E. "Contributos para uma crítica da aceleração do tempo". In: ARAUJO, E.; DUQUE, E. (org.). **Os tempos sociais e o mundo contemporâneo**. Um debate para as Ciências Sociais e Humanas. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade/Centro de Investigação em Ciências Sociais, 2012

FONSECA, Roseany Karimme Silva. **Atravessamentos de um corpo-memória: o ato de criar como um devir - lembrança**. Linha Mestra, N.44, P.194-199, MAIO. AGO, 2021.

FORTIN, Sylvie; TRAD. HELENA MELLO, S. Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística. **Cena**, [S. l.], n. 7, p. 77, 2010. DOI: 10.22456/2236-3254.11961. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cena/article/view/11961>.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise do conteúdo**. Brasília: Liber Livro, 2008.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editó da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010

GONÇALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **O patrimônio como categoria de pensamento**. 26ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-graduação em Ciências Sociais, Caxambu, 2002.

HISSA, c. e. v.; NOGUEIRA, m. l. m. Cidade-corpo. **rev. ufmg**, belo horizonte, v. 20, n.1, p.54-77, jan./jun. 2013

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice/Editora dos Tribunais, 1990.

JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias Urbanas. In: Arqtextos **Revista Vitruvius**, 2008. < <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/08.093/165>>, acesso: 22 de junho de 2017.

JACQUES, Paola Berenstein. **Notas sobre Cidade e Cultura**. In: ROCHA, Renata; RUBIM, Antonio Albino Canelas (Orgs.). Políticas Culturais para as Cidades. Salvador: EDUFBA, 2010.

JACQUES, Paola Berenstein. Microrresistências urbanas: Por um urbanismo

incorporado. In: ROSA, Marcos L. **Microplanejamento Urbano: Práticas Urbanas Criativas**. São Paulo: Editora de Cultura, 2011.

JACQUES, Paola Berenstein. **ERRÂNCIAS URBANAS: a arte de andar pela cidade**. Arqtexto. 2005.

MATTOS, O. **O mal estar na contemporaneidade: performance e tempo**. Revista do Serviço Público, Brasília, v.4, p.455-468, dez. 2008.

MIZOGUCHI, Danichi Hausen. **Experiência e narrativa: artefatos políticos de pesquisa**. Revista Ecos: estudos contemporâneos da subjetividade, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, 2015.

MORAIS, C. **A dança in situ no espaço urbano**. São Paulo: Lince, 2015.

MONTAGNA, Plinio. **As Tramas do Invisível**. (p.153-153) in. TANIS, Bernardo e KHOURI, Magda Guimarães (Orgs.), **A psicanálise nas tramas da cidade**. Casa do Psicólogo. São Paulo, 2009.

NASCIMENTO, Elaine; SANTOS, Rodrigo Gonçalves dos. **Corpo-espaço cidade-corpo: A cidade de movimento múltiplo Possibilidades de urbgrafias na cidade habitada**. N.2, v.1, 2017.

NASCIMENTO, Elaine; Santos, Rodrigo Gonçalves dos. **Urbgrafias: (Com)posições e o jogo do caber, Andarilhos Urbanos e o jogo do caminhar**.

Reflexão sobre trabalhos em processo. Cadernos proarq (issn 2675-0392), 2020.

NASCIMENTO, Elaine Cristina Maia. **Urbgrafias: conceitos para experimentação da cidade a partir de micropolíticas e singularidades**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Florianópolis, 2018.

NORA, Pierre. **En Les lieux de mémoire**. Montevideo: Trilce, 2008.

OLIVEIRA, Klara Cruz de. **Considerações poéticas e autoetnográficas sobre o processo de montagem e releitura da variação do ato I da personagem Giselle**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Dança). Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2023.

OLIVEIRA, Lauriane Teixeira De. **CASAS E A MEMÓRIA: ESTUDO SOBRE AS EDIFICAÇÕES RESIDENCIAIS DO CENTRO HISTÓRICO DE MANAUS**. Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas – PPGICH, 2021.

OTONI, João Pedro. **Discursos de um Patrimônio em Crise: A fragmentação dos suportes de Memória em Bento Rodrigues, Minas Gerais**. Belo Horizonte, PPG – ACPS | Escola de Arquitetura da UFMG, 2020.

PALLASMAA, J. (2011). **Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos**. Porto Alegre: Bookman.

PESAVENTO, Sandra. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, vol. 27, nº 53, jan.-jun, 2007, p. 11-23.

PASSOS, E.; BARROS, B. **A cartografia como método de pesquisa intervenção**. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. (Orgs.) **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PIMENTEL, L. G. Processos artísticos como metodologia de pesquisa. **ouvirOUver**, v.11 n. 1 (2015).

PRODANOV, Cleber Cristiano & FREITAS, Ernani César de. **Metodologia do Trabalho Científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Corpo e imagem: alguns enredamentos urbanos**. In: Cadernos PGAU – UFBA, ano 5, nº 1. Editora EdUFBA, 2007.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Sujeito corporificado e bioética: caminhos da democracia. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 24, n. 1, 2000.

RIBEIRO, Rita Aparecida da Conceição. Um roteiro de visibilidade e invisibilidade na cidade. OBSERVATORIUM: **Revista Eletrônica de Geografia**, v.1, n.1, p.185-196, jan. 2009.

RICOEUR, Paul. **A tríplice mimese**. In: Tempo e narrativa. Campinas: Papyrus, 1995.

ROCHA, Eduardo. **Arquiteturas do abandono [ou uma cartografia nas fronteiras da arquitetura, filosofia e da arte]**. 2010. Tese (Doutorado em Arquitetura), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFGRS), Porto Alegre, 2010.

ROMERO, Manuela Linck de. **Cartografias de experiências urbanas: corpo, pensamento e cidade em movimento**. – 1. Ed. – Curitiba: Appris, 2018.

SANTOS, C. M. dos; BIANCALANA, G. R. Autoetnografia: um caminho metodológico para a pesquisa em artes performativas. **Revista Aspás**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 53-63, 2017. DOI: 10.11606/issn.2238-3999.v7i2p53-63.

SANTOS, Silvana Maria Pantoja Dos. **Literatura e Memória Entre os Labirintos da Cidade: Representações na Poética de Ferreira Gullar E H. Dobal**. Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação – Programa de Pós-graduação em Letras. 2013.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: espaço e tempo; razão e emoção**. São Paulo: HUCITEC, 2008.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L. S.; COOK, S. W. **Métodos de pesquisa das relações sociais**. São Paulo: Herder, 1965.

SPERLING, David Moreno. Arquiteturas Contínuas e Topologia. **Conceição| Concept.**, Campinas, SP, v. 5, n. 2, p. 34-48, jul./dez. 2016.

TAKAHASHI, Jo. **Dimensões do corpo contemporâneo**. In: GREINER, Christine; AMORIM, Cláudia (org.). *Leituras do corpo*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2010.